

Raquel Eduarda Mendes Dias

Uma Casa na Invicta

Agir para combater a exclusão e o isolamento social

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO
SOCIAL, ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
COMUNITÁRIO E EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Raquel Eduarda Mendes Dias

Uma Casa na Invicta

Agir para combater a exclusão e o isolamento social

Projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
MESTRE EM EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL

Orientação

Professor Doutor Hugo Monteiro

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO
SOCIAL, ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
COMUNITÁRIO E EDUCAÇÃO DE ADULTOS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por acreditarem e me apoiarem neste percurso.

A todos os atores da Casa da Amizade que participaram no projeto. Sem eles nada disto teria sido possível.

Ao Professor Doutor Hugo Monteiro pela orientação científica, pelos momentos de partilha e de reflexão que me proporcionou, pelo questionamento crítico e estímulo permanente.

Ao Centro Social Paroquial Nossa Senhora da Vitória por me ter acolhido para o desenvolvimento de projeto. Um agradecimento especial à Dra. Manuela Santos e toda a equipa técnica.

Um agradecimento muito especial ao Ivo Bastos e Jorge Prendas por se disponibilizarem e terem proporcionado excelentes momentos de partilha.

Ao Quarteto de Guitarras Ditirambo também agradeço pelo momento cultural e de convívio que proporcionaram.

À restante família e amigos/as por me terem acompanhado neste processo. E à Sílvia Faneco por todo o companheirismo, apoio, desabafos, trabalhos, leituras, entre muitas outras coisas.

RESUMO

Neste documento é relatado todo o processo de desenvolvimento de um projeto de Educação e Intervenção Social, a partir da comunidade de inserção “Casa da Amizade”. Tendo por orientação metodológica a Investigação-Ação Participativa, este projeto e subsequente relatório centra-se em práticas de intervenção e de investigação de cariz emancipatório no contexto científico da Educação Social.

Trabalhando com um conjunto de atores de classes desfavorecidas, este projeto tem a Educação Informal como enfoque privilegiado, com a participação democrática e horizontal como força motriz. Respondendo a uma diversidade no acesso ao conhecimento e no modo de o valorizar, tenta-se trabalhar formas individualizadas de intervenção educativa, pluralidades discursivas e tempos distintos de aprendizagem num percurso partilhado.

Descrevendo um processo de investigação e de intervenção, o presente relatório assume uma posição crítica face a formas mais hierarquizadas de abordar o terreno, de modo a garantir valorização de percursos e de competências esquecidas em quotidianos de exclusão.

PALAVRA-CHAVE

Investigação-Ação Participativa, Educação Social, Educação Informal, Participação, Intervenção Social.

ABSTRACT

This is an account of the process of development of a project in Education and Social Intervention carried out at the "Casa da Amizade" insertion community. Both the project and subsequent report follow mainly participatory action research methodology guidelines, focusing on intervention and research practices of an emancipatory nature within the field of Social Education. The approach to this group of actors from disadvantaged social classes was based on Informal Education and driven by horizontal democratic participation. In order to provide a response to the diversity in access to knowledge and find ways of enhancing said knowledge, the approach adopted was characterised by individualised forms of educational intervention, awareness regarding particular forms of expression and different learning times. Based on a critical outlook regarding more hierarchical approaches to fieldwork, this report describes an attempt to identify individual paths and enhance skills forgotten at some point in life paths marked by social exclusion.

KEYWORDS

Participatory Action Research, Social Education, Informal Education, Participation, Social Intervention.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
Resumo	iii
ABSTRACT	v
FIGURAS	ix
LISTA DE ABREVIACÕES	ix
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	5
1. Projeto de intervenção social participativo	5
1.1. PARADIGMA PARA UMA VIDA DECENTE	7
1.2. INVESTIGAÇÃO AÇÃO PARTICIPATIVA	8
1.3. EDUCAÇÃO DE ADULTOS	10
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL	13
2. POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL	13
CAPÍTULO III – CONTEXTO DE INTERVENÇÃO	17
3. CENTRO SOCIAL PAROQUIAL NOSSA SENHORA DA VITÓRIA	17
3.1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS	18
3.2. CASA DA AMIZADE – COMUNIDADE DE INSERÇÃO	20
CAPÍTULO IV – UMA CASA NA INVICTA – PROJETO EM EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL	23
4. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E ANÁLISE DA REALIDADE	23
4.1. PROCESSO DE CONHECIMENTO E INTEGRAÇÃO	23

4.2.	GRUPO DE ADULTOS DA CASA DA AMIZADE	28
4.3.	AVALIAÇÃO DE CONTEXTO	36
5.	DESENHO DE PROJETO	40
5.1.	FINALIDADE, OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS	42
	FINALIDADE	42
	OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS	43
5.2.	AÇÕES, ATIVIDADES E ESTRATÉGIAS	44
5.3.	CALENDARIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO	48
5.4.	AVALIAÇÃO DE ENTRADA	50
6.	DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO	52
7.	AVALIAÇÃO DE PRODUTO	64
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	DESAFIOS E DIFICULDADES DO TRABALHO SOCIAL	74
	REFERÊNCIAS	79
	ANEXOS E APÊNDICES	83

FIGURAS

Figura 1 – Texto sobre a visita ao MNSR

Figura 2 – Textos sobre a visita à CI

Figura 3 – Texto sobre a Conversa com Ivo Bastos

LISTA DE ABREVIACÕES

CA – Casa da Amizade

CHP – Centro Histórico do Porto

CI – Comunidade de Inserção

CSPNSV – Centro Social Paroquial Nossa Senhora da Vitória

DT – Diretora Técnica

HML – Hospital Magalhães Lemos

IAP – Investigação Ação Participativa

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

PI – Processos Individuais

PPT – Power Point

SAOM - Serviços de Assistência Organizações de Maria

SS – Segurança Social

INTRODUÇÃO

Este trabalho realiza-se no âmbito da Unidade Curricular de Projeto do curso de Mestrado em Educação e Intervenção Social, Especialização de Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos.

O projeto de investigação que aqui vai ser relatado foi desenvolvido na comunidade de inserção (CI) do Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória (CSPNSV), situado no Centro Histórico da cidade do Porto. Após ter reunido com a Diretora Técnica (DT), ficou acordado que poderia usar o nome da instituição neste relatório como se pode comprovar na declaração¹.

As pessoas que usufruem dos serviços de uma comunidade de inserção estão em situação de grande vulnerabilidade social tornando-se necessário realizar uma intervenção específica e refletida. Esta intervenção deve incidir no desenvolvimento de competências de forma a aumentar as capacidades de cada um num combate à exclusão social. Como está mencionado no Guião Técnico da Segurança Social (Direcção-Geral da Solidariedade e Segurança Social, 2014): “a comunidade de inserção tem como objectivos contribuir para a progressiva inserção social de pessoas e famílias, através de diversas acções de apoio integrado, desenvolvidas com base nas suas necessidades concretas” (Direcção-Geral da Solidariedade e Segurança Social, 2014, p. 2). Para responder às suas necessidades concretas é necessário que a intervenção além de ser com um grupo de atores/as também deve ser uma intervenção individualizada. Nesta CI, como em muitas outras, as pessoas são adultas com uma longa história de vida em que obtiveram aprendizagens díspares. Deste

¹ Apêndice III

modo, numa intervenção individualizada pode-se conhecer melhor a pessoa e, desta forma, desenvolver e valorizar as suas competências, pois o que se pretende é a co-construção do conhecimento.

Num primeiro capítulo, é dada a conhecer a metodologia utilizada no desenrolar de todo o projeto de educação e intervenção social. Efetivamente, este projeto tem na base a Educação Social e, como tal, um modelo humanista de intervenção. Como este foi um trabalho realizado “com” as pessoas, assentou no paradigma emergente e, assim, privilegiou a metodologia de investigação ação participativa em que o objetivo é a transformação social através de um trabalho desenvolvido em Educação de Adultos num formato de educação informal.

Seguidamente é apresentado o enquadramento teórico para compreendermos e identificarmos as vulnerabilidades e resistências que o contexto social proporciona ao projeto. Assim, perceber-se-á que orientações teóricas serão levadas em conta neste projeto.

Depois do enquadramento, no terceiro capítulo, é apresentado o Centro Social Paroquial Nossa Senhora da Vitória, com a sua localização e características. Depois desta breve descrição torna-se necessário expor as características da Casa da Amizade valência onde e com quem será pensado e desenvolvido o projeto.

Para melhor compreensão de todo o projeto é necessário, como acontece no quarto capítulo, ser relatada a caracterização do contexto. Houve a necessidade de dar a conhecer como foi o processo de integração da investigadora, pois, como se constatará, trata-se de um processo fundamental para melhor conhecer a realidade. Neste decorrer de práticas os métodos selecionados para conhecer o grupo de adultos da CA foi prioritariamente a observação e as conversas intencionais e, numa fase posterior, a análise dos processos individuais.

O modelo de avaliação utilizado foi o modelo CIPP (Contexto, Input, Processo, Produto), que é um modelo de avaliação para ser utilizado como

instrumento de aperfeiçoamento do projeto. Para tal, deve-se “apresentar informações responsáveis e promover o aumento da compreensão dos fenómenos que se investigam”² (Stufflebeam, 1987, p. 175). Stufflebeam (Stufflebeam, 1987) reforça que a primeira avaliação é muito importante, pois é a base do projeto.

Neste capítulo (IV), é relatado o desenho de projeto e as restantes avaliações do modelo CIPP, a avaliação de entrada, de processo e produto.

² Tradução livre

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

1. PROJETO DE INTERVENÇÃO SOCIAL PARTICIPATIVO

Segundo Boutinet existem muitas formas de enunciar um projeto mas é “numa espécie de magia verbal” (Boutinet, 1990, p. 7) que este se designa. Essa “magia verbal” não é só para designar projeto, mas também uma maneira de realizar um relato escrito de todo o processo que engloba um projeto social.

Este projeto, como mais à frente irá ser explanado, foi desenvolvido numa Comunidade de Inserção, em que as pessoas que usufruem das suas instalações estão numa situação de exclusão social.

Como referido por Timóteo e Bertão (Timóteo & Bertão, 2012), a Educação Social “pretende-se transformadora das realidades sociais injustas e incapacitantes do pleno desenvolvimento do ser humano...” (Timóteo & Bertão, 2012, p. 16). Carvalho e Baptista (Carvalho & Baptista, 2004), referem que o/a profissional em Educação Social revê-se em modelos de intervenção humanistas, em que todo o processo de intervenção “desenvolve-se num espaço de relação interpessoal alimentado pela negociação permanente de pontos de vista, de desejos e de projectos” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 59). Estes autores reforçam que o trabalho destes/as profissionais é “mais do que trabalhar “para”, trata-se de trabalhar “com” as pessoas numa lógica de co-responsabilização e de co-autoria” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 59).

Neste seguimento de ideias e continuando a ter Carvalho e Baptista (Carvalho & Baptista, 2004) como referência, a Educação Social prepara

“profissionais reflexivos” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 60) para estarem preparados para se relacionarem diretamente com os atores sociais e construir laços para “criar situações de aprendizagem potenciadoras de felicidade, de bem-estar e de autonomia de vida” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 60). Para que isto seja possível é necessário que os atores, na sua relação com a realidade a trabalhar, tenham consciência das suas necessidades e, em conjunto, planear o projeto a desenvolver. A investigadora deste projeto teve presente “que não trabalha para o outro, nem sobre o outro, mas sim com o outro, e nesse sentido é fundamental para si o respeito pela identidade cultural dos educandos e pela sua dignidade humana” (Barros, 2014, p. 2861).

Neste seguimento de ideias, a investigadora teve que estar conscientizada da realidade. Segundo Freire (Freire, 1979):

A conscientização é, ..., um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. (Freire, 1979, p. 15)

No livro *Conscientização - Teoria e Prática da Libertação* (Freire, 1979), Paulo Freire refere que “a conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo” e que “os utópicos ... podem ser proféticos e portadores de esperança” (Freire, 1979, p. 16). Foi com esperança e não se rendendo à presente realidade que a investigadora deixou “voar a imaginação” (Serrano, 2008, p. 34) para deste modo envolver os atores da realidade no sentido de coproduzirem todo o processo de transformação.

Como referem Timóteo e Bertão (Timóteo & Bertão, 2012) a Educação Social não se identifica com “o registo assistencialista” e acredita que o mundo

desejado seja “mais igualitário, solidário, inclusivo e democrático, firmado no paradigma sóciocrítico” (Timóteo & Bertão, 2012, p. 16).

1.1. PARADIGMA PARA UMA VIDA DECENTE

Boaventura de Sousa Santos (Santos, 2010) defende a existência de uma crise no Paradigma Dominante, que leva ao aparecimento do **Paradigma Emergente**. Este Paradigma, que não será só um paradigma convencionalmente científico, terá que ser também um paradigma social, de forma a conseguir “um conhecimento prudente para uma vida decente” (Santos, 2010, p. 37). Para isto ser possível levou-se em conta o autoconhecimento da investigadora, que é autora e também sujeito da ação. Costa A. F. (Costa A. F., 2014) refere que o/a investigador/a “ao inserir-se num determinado contexto social e ao nele prolongar a sua presença, constrói ali uma identidade e ali estabelece um conjunto de papéis sociais” (Costa A. F., 2014, p. 144). Como já referenciado, o/a Educador/a Social não vai trabalhar “para” mas sim “com” os atores da realidade social, por isso, quanto mais integrado mais se relaciona com o outro e desta forma não percebe as pessoas como objetos de estudo mas sujeitos da ação. No seguimento metodológico da abordagem de Boaventura de Sousa Santos é importante assegurar a dimensão partilhada e participada de um percurso de investigação/intervenção, para assim contornar criticamente uma postura reprodutora do poder por parte de quem intervém.

Como Timóteo e Bertão (Timóteo & Bertão, 2012), por sua vez, mencionam:

Uma das características centrais do paradigma emergente é a manifestação de preocupações com a utilidade do conhecimento e com a construção de respostas

adequadas aos problemas das pessoas e das comunidades. (Timóteo & Bertão, 2012, pp. 16-17)

Para que fosse possível isto acontecer a metodologia de investigação utilizada é a investigação ação participativa.

1.2. INVESTIGAÇÃO AÇÃO PARTICIPATIVA

Como Lima (Lima, 2003) refere, na *dissertação Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra*, a metodologia de investigação ação participativa (IAP), “corresponde a um modo de procurar entender o mundo para nele melhor se viver, para que se possa construir moradia confortável de tudo quanto nele existe” (Lima, 2003, p. 306).

Um/a investigador/a que utilize esta metodologia deve participar na realidade a investigar e comprometer-se a desenvolver um processo de transformação social e, neste processo, cada um dos atores deve sentir-se capaz de analisar a sua realidade de forma a conseguir inovar para emergir a uma vida mais autêntica (Park, 2006).

Park (Park, 2006) menciona que “o aspeto mais óbvio da IAP que a distingue de outros modos de investigar é constituído pela participação ativa dos membros da comunidade que está em processo investigativo”³ (Park, 2006, p. 133). Assim sendo, todos/as os/as atores/as sociais devem estar envolvidos/as desde o início, enquanto, os/as investigadores/as devem realizar todos os esforços para que todos/as se sintam motivados/as a desenvolver um projeto, mas não como meros informadores e sim como participantes ativos e

³ Tradução livre

interessados (Park, 2006). Esta metodologia permite, “em simultâneo, a produção de conhecimentos sobre a realidade, a inovação no sentido da singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e, ainda, a formação de competências dos intervenientes” (Guerra, 2010, p. 52).

Ao assentar nesta metodologia, IAP, este projeto não deve ser dividido por etapas estanques mas sim fluído de modo dinâmico e participativo. Também deve ser avaliado “desde o início, dado que a garantia de sucesso de um projecto radica na eficácia e especificação com que se analisa a situação considerada como problema” (Serrano, 2008, p. 94).

Para avaliar todo o desenrolar do projeto foi utilizado o Modelo CIPP (Contexto, Input (Entrada), Processo e Produto). Como explica Stufflebeam (Stufflebeam, 1987), este modelo de avaliação ajuda a que toda a equipa envolvida em um projeto tenha um guia para aperfeiçoar todo o seu desenvolvimento. Ao avaliar realiza-se reflexão sobre o processo, de forma a promover a compreensão das ações que são pensadas, para satisfazer as necessidades da realidade com os recursos disponíveis. Em formato de resumo dos conceitos chave do modelo, Stufflebeam (Stufflebeam, 1987) menciona *três propósitos avaliativos*:

[...] servir de guía para la toma de decisiones, proporcionar datos para la responsabilidad y promover la comprensión de los fenómenos implicados... Presenta la evaluación no como una prueba sino como un proceso, y afirma que este proceso incluye las tres etapas de identificar, obtener y proporcionar información... Tanto la información útil ... como la descriptiva son consideradas adecuadas para valorar y ayudar perfeccionar el objeto de interés. (Stufflebeam, 1987, p. 183)

Ao recorrer a este método de avaliação consegue-se, de facto, avaliar todo o projeto e, ao mesmo tempo, ter momentos específicos de avaliação. Permite, ainda, realizar uma avaliação desde o início, momento em que toda a

informação é essencial, seja ela documental, oral ou comportamental. Neste tipo de avaliação as dinâmicas do quotidiano devem de ser analisadas e compreendidas para ser possível organizar a informação de forma “ordenada, relevante, fiável, válida e atempada” (Serrano, 2008, p. 95).

Tendo em conta estas estratégias de organização e avaliação do projeto, de modo útil e prático, é possível conseguir dar respostas adequadas e de forma flexível.

1.3. EDUCAÇÃO DE ADULTOS

No relato deste projeto de intervenção social participativo, em que os atores da realidade a trabalhar são adultos em exclusão social, é pertinente existir um posicionamento em educação e/ou formação de adultos. Como refere Canário (Canário, 2013) muitos dos impasses só se consegue supera-los “a partir da construção de metodologias participativas de intervenção” (Canário, 2013, p. 62). Em todo este enquadramento metodológico a participação é referida como uma ferramenta que leva à transformação. A educação de adultos ajuda na reflexão, nas aprendizagens e na valorização de competências, para que cada ator social aumente o autoconceito e desta forma consiga concretizar a sua participação com mais facilidade.

Podemos aqui utilizar o conceito de educação de Gómez, Freitas e Callejas (Gómez, Freitas, & Callejas, 2007), em que a educação é entendida como “uma realidade social que implica a formação do homem em todas as suas dimensões” (Gómez et al., 2007, p. 160). Na socialização existem “processos de formação e transmissão de saberes e fazeres” que ajudam nas aprendizagens para a “ação e a convivência no marco das relações humanas” (Gómez et al., 2007, p. 161). Neste projeto a educação de adultos valorizada e trabalhada foi a

das práticas informais (Barros, 2011). Nestas práticas, os atores sociais participam voluntariamente no projeto que está a ser desenhado de forma a dar resposta as necessidades individuais e/ou coletivas de cada ator, normalmente estes atores têm idades díspares (Canário, 2000, citado por Barros, 2011). Habitualmente, estes projetos tentam desenvolver a criatividade do adulto, promover atividades que os faça refletir e os leve à participação de forma cívica (Lima et al., 1988, citado por Barros, 2011). Segundo Gómez et al. (Gómez et al., 2007):

[...] a educação, numa perspectiva geral (natural, da vida, permanente, comunitária, contínua), define-se como um processo de socialização durante o qual, e através de diversas técnicas e instituições, os seres humanos vão aprendendo, ensinando e partilhando os diferentes conhecimentos que dão lugar à construção de representações sociais, valores, comportamentos e capacidades que facilitam a compreensão, a interpretação e a transformação da realidade. (Gómez et al., 2007, pp. 165-166)

Quando falamos de adultos temos em conta uma vida passada e “um processo de autoconstrução como pessoa” (Canário, 2013, p. 105). Neste processo, ao longo da vida, a pessoa adquiriu saberes “por via experiencial” que, neste momento, faz “lógica de continuidade”, isto é, tornasse necessário refletir retrospectiva e criticamente sobre situações vivenciadas de forma a “identificar capacidades e saberes adquiridos” (Canário, 2013, pp. 107-108). Assim, “encaramos o adulto como principal recurso da sua formação” (Canário, 2013, p. 108) sem cair no erro de ensinar o que já sabem ou de impor aprendizagens que não lhes faz lógica alcançar.

O projeto aqui apresentado criou um contexto singular de aprendizagem, em que toda a interação dir-se-ia, de formando-formadora⁴, foi numa lógica individualizada e experiencial. Neste projeto tentou-se estabelecer uma “relação entre a educação e a cidade (aprender a cidade, desde a cidade e na cidade), esta identifica-se como um verdadeiro laboratório de convivência e aprendizagem social e cultural” (Trilla, 1993, citado por Gómez et al. 2007, p. 219).

Efetivamente, os atores desta realidade vivem e alguns até nasceram na cidade do Porto, no entanto, a realidade é que não conheciam os monumentos da cidade. Nos seus trajetos quotidianos, ou seja, do sítio onde vivem até CI, pelo menos, passavam por dois monumentos, um deles é a Torre dos Clérigos e o outro o Mosteiro São Bento da Vitória. Revelaram que sempre tiveram curiosidade de entrar, mas nunca o fizeram. Neste projeto e, por vontade de cada um deles, realizou-se uma ação que, mais à frente, irão conhecer, onde se procurou quebrar as barreiras sociais e culturais destes atores.

Assim sendo, a cidade e os seus monumentos foram colocados à descoberta com o intuito de conseguir uma integração cultural e ao mesmo tempo social.

⁴ Não há aqui qualquer exclusão de género ao utilizar unicamente o género masculino para “formando”, porque o projeto é desenvolvido com atores do género masculino e a formadora é do género feminino.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

Neste momento é fundamental perceber-se quais os conceitos que serão mobilizados no decorrer do relato e são necessários compreender para melhor acompanhar o descrito.

O projeto vai ser desenvolvido com pessoas que usufruem dos serviços de uma comunidade de inserção no centro histórico do Porto. O *site* da Segurança Social explica que uma Comunidade de Inserção (CI) é uma:

Resposta social com ou sem alojamento, que compreende um conjunto de ações integradas com vista à inserção social de pessoas e famílias vulneráveis que necessitam de apoio na sua integração social (mães solteiras, ex-reclusos e sem-abrigo) que, por determinados fatores, se encontram em situação de exclusão ou de marginalização social. (Segurança Social, 2016)

Depois desta explicação e de ficarmos a saber que as pessoas que usufruem dos serviços de uma CI se encontram vulneráveis, torna-se pertinente refletir sobre alguns conceitos que a seguir serão apresentados.

2. POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL

Pobreza e exclusão social são dois conceitos distintos mas muito próximos um do outro, como referem Neves, Cruz e Silva (Neves, Cruz, & Silva, 2010) “a exclusão social surge aqui como um dos elementos da pobreza” (Neves et al., 2010, p. 19) enquanto outros autores vêm a pobreza como “uma das dimensões, talvez a mais visível, da exclusão social” (Rodrigues, Samagaio, Ferreira, Mendes, & Januário, 2016, p. 66).

É difícil dar uma definição de pobreza, como referem Costa, Baptista, Perista e Carrilho (Costa, Baptista, Perista, & Carrilho, 2012) pois pobreza pode ser definida de “diversos modos” como também vista “segundo diversas *perspectivas*” (Costa et al., 2012, p. 22). Neste relatório encara-se a pobreza como uma “*situação de privação resultante de falta de recursos*” (Costa et al., 2012, p. 26), que sem esses recursos as pessoas não podem ser autossuficientes, levando-as ou a situações de dependência ou a formas extremas de exclusão. Como mencionam Costa et al. (Costa et al., 2012):

A falta de rendimentos conduz à situação em que as necessidades básicas não podem ser satisfeitas, o que, por sua vez, cria uma situação existencial que atinge os mais diversos e profundos aspectos da vida e da personalidade humanas. (Costa et al., 2012, p. 30)

Quando as pessoas estão em situação de pobreza por falta de recursos, estão em “privação e exclusão, numa ampla gama de aspectos fundamentais da existência: condições de vida, poder, participação social, cidadania, etc” (Costa et al., 2012, p. 55). Assim sendo, a pessoa encontra-se excluída de todas as “esferas da existência humana” (Costa et al., 2012, p. 64). Capucha (Capucha, 1999) mencionou que “são pobres as pessoas, as famílias e os grupos cujos recursos materiais, culturais e sociais são tão escassos que os excluem dos modos de vida minimamente aceitáveis segundo a norma nos países em que vivem” (Capucha, 1999, p. 22). Nesta sociedade moderna o acesso à informação e ao conhecimento são fatores de grande influência na inclusão ou exclusão de pessoas.

Exclusão e desigualdades são indissociáveis, como tal é pertinente compreender que desigualdade está “inerente a qualquer forma de estruturação social” (Rodrigues et al., 2016, p. 64).

Como cita Fernandes (Fernandes, 1991):

O pobre é um ser-outro, marcado por um sentimento de exclusão do tipo de sociedade dominante, de fatalismo e de injustiça social, alguém que faz a experiência da indiferença ou do desprezo dos outros. Esta exclusão implica um dado objectivo – o estar posto de lado – e uma dimensão subjectiva - o sentir-se excluído pelos outros. (Fernandes, 1991, p. 40)

Para Rodrigues et al. (Rodrigues et al., 2016) um gerador de pobreza é quando uma pessoa se vê excluída do mercado de trabalho, sem rendimento para conseguir recorrer a bens e serviços básicos, com isto, não consegue “configurar uma identidade (social) no trabalho, na família ou na comunidade” (Rodrigues et al., 2016, p. 65). Isto leva a que, estas pessoas se sintam excluídas, injustiçadas e em desigualdade social. A desigualdade social é visível nas pessoas em que a condição socioeconómica é baixa, provocando que estas ocupem “os lugares mais baixos no espaço das posições sociais”, ficando assim, vulneráveis e expostas aos processos de exclusão social, pois, acumulam *handicaps* que lhes dificulta o acesso “à condição de cidadania plena” (Capucha, 1999, p. 24).

[...] as sociedades são estruturalmente injustas, segregam também naturalmente manchas de pobreza e miséria.

Atingindo o limiar de pobreza, os indivíduos e as famílias são colocados numa situação de precariedade.

Ao mesmo tempo que se interioriza o *status* desvalorizado, acelera-se o processo de marginalização. (Fernandes, 1991, p. 59)

Neste seguimento de ideias, Fernandes (Fernandes, 1991) reforça dizendo que “o pobre assume-se como um ser excluído” (Fernandes, 1991, p. 59). As pessoas ao assumirem-se como excluídos e ao interiorizar um “*status* desvalorizado” estão a construir uma autoimagem negativa e a baixar a autoestima (Jodelet, 1999). É que a sociedade costuma ter comportamentos estigmatizantes com grupos sociais desfavorecidos provocando nas pessoas

desses grupos sentimentos de inferioridade que lhes retira a perspectiva de mudança (Fernandes, 1991). “O retraimento sobre o próprio mundo, com a dificuldade ou impossibilidade de penetração em outros meios sociais, limita ou impede a integração social ou a participação” (Fernandes, 1991, p. 60).

No projeto que aqui se apresenta a intervenção foi idealizada de forma a construir “novas formas de relação em que a promoção da pessoa enquanto estância de resistência e de dignidade assegura a participação efectiva na vida social sem estrangulamento da privacidade e da autonomia” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 42)

O trabalho realizado com os elementos da CI que foram atores/autores do projeto foi numa perspectiva não de anulação das diferenças, mas que essas diferenças não os coloquem fora “das estruturas correntes da sociedade” (Capucha, 1999, p. 25). Tentou-se responder às exigências da inclusão que não são “apenas condições objectivas de integração, mas também o reconhecimento subjectivo de se estar incluído” (Costa et al., 2012, p. 68).

CAPÍTULO III – CONTEXTO DE INTERVENÇÃO

3. CENTRO SOCIAL PAROQUIAL NOSSA SENHORA DA VITÓRIA

O Centro Social Paroquial da Nossa Senhora da Vitória (CSPNSV) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). Os valores pelos quais este centro é pautado são identidade, participação e autonomia. E tem como missão:

Activar e mobilizar a participação de todos os atores tendo em vista reforçar uma identidade local capaz de, coletivamente, quebrar o ciclo de pobreza e exclusão social da população, promovendo o desenvolvimento sócio-económico da comunidade da freguesia da Vitória, em todas as dimensões e áreas de actividade.(Anexo1)⁵

Esta IPSS é regulada pela obtenção de respostas que levem a melhores “condições de vida da população local, numa perspectiva de desenvolvimento integral da mesma” (Anexo1). Também faz parte das funções das pessoas responsáveis estarem atentas às necessidades desta população, para atuarem sempre em função dessas necessidades.

O Centro Social foi fundado em 1986 e os seus princípios foram assentes nos pressupostos da religião católica. Mas para permitir “dar respostas aos problemas sociais que foram emergindo” (Anexo1), necessitou de evoluir e

⁵ Anexo 1 - Brochura do CSPNSV

desenvolver “novos Acordos”. A religião católica continua presente no dia-a-dia deste centro. O Padre Jardim Moreira é o presidente da direção.

Este centro é constituído por nove valências: Creche e Jardim de Infância; Casa Jovem; Casa da Amizade; Centro de Convívio; Centro de Dia; Serviço de Apoio Domiciliário; Lar; Centro Comunitário; Espaço de Serviços de Saúde Integrais e Continuados.

3.1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

A Vitória pertence à união de freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória que se situa em pleno Centro Histórico do Porto (CHP). Como acontece em todo este centro histórico, também a Vitória, é uma “zona urbana degradada” em que se encaixam vários fenómenos que contribuem para a vulnerabilidade de exclusão social e económica da população que nela habita (Anexo 1).

Para melhor se perceber o que se passa hoje no CHP torna-se interessante recuar à segunda metade do século XIX, em que o Porto se tornou “um pólo de atracção de habitantes provenientes das zonas rurais” (Queirós, 2007, p. 91), isto deu-se, pelo motivo de a vida nos campos estar a passar uma grave situação e a cidade do Porto estar numa industrialização progressiva. Isto vai provocar um aumento populacional acima dos 100% no centro da cidade. Com este aumento populacional o alojamento passa a ser um grave problema. Nesta altura, os proprietários e as “subalugas”⁶ passam a explorar a classe

⁶ As “subalugas”, geralmente mulheres, arrendavam edifícios no centro histórico do Porto, com o objetivo de subarrendar as respetivas casas, quartos ou outras divisões

trabalhadora, tanto a nível monetário, como disponibilizando casas para mais que uma família e estas viam-se obrigadas a dividir as divisões com tapumes e lençóis. Assim, a insalubridade e a sobrelotação dos alojamentos passam a ser um dos maiores problemas do centro da cidade levando mesmo à degradação dos edifícios (Queirós, 2013). Com esta densificação a cidade cresce “para dentro de si mesma, em resultado da construção de inúmeras ilhas” (Queirós, 2007, p. 92). Estas habitações, nas ilhas, não têm as “mínimas condições de habitabilidade e salubridade”. As habitações destas “ilhas” destinavam-se ao alojamento dos trabalhadores industriais. Toda esta situação favoreceu o agravamento de desigualdades sociais e estigmatização destas pessoas.

Nesta altura, encontrava-se no CHP “os mais acentuados índices de pobreza” (Queirós, 2013, p. 109). As oportunidades para as pessoas que habitavam esta zona da cidade “eram, de facto, muito limitadas” (Queirós, 2013, p. 110).

Prevalencia o trabalho operário desqualificado e, as mais das vezes, a instabilidade na ligação com a atividade económica, ou mesmo a total informalidade. Os homens eram carregadores e descarregadores de mercadorias, barqueiros, trabalhadores fluviais e marítimos diversos, na melhor das hipóteses estivadores ou operários metalúrgicos... Os rapazes, logo depois de deixarem a escola (quando a frequentavam), tornavam-se moços de recados, ajudavam nas

das casas às famílias locais ou a indivíduos ou famílias recém-chegados, por valores quase sempre especulativos, e geralmente com a conivência das autoridades fiscalizadoras e policiais, que toleravam as práticas de especulação e garantiam a execução das frequentes ações de despejo. [esta definição foi retirada do artigo publicado na Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (Queirós, 2013, p. 112)]

cargas e descargas, acompanhavam os pais nas respectivas atividades. As mulheres trabalhavam geralmente “a dias” ou “aos carretos”. Muitas eram vendedeiras, frequentemente ambulantes (Queirós, 2013, p. 110).

Segundo Pinto e Pereira (Pinto & Pereira, 2007), “o Porto foi, de facto, uma cidade industrial” (Pinto & Pereira, 2007, p. 115). Com a desindustrialização da cidade e a retirada da população para bairros sociais na periferia, o centro foi afetado pela saída da população, especialmente, pessoas “adultas-jovens”, proporcionando “um acentuado decréscimo populacional” (Pinto & Pereira, 2007, p. 117). Como refere Pinto e Pereira (Pinto & Pereira, 2007), na Vitória “a vulnerabilização é aqui aprofundada pelo fortíssimo envelhecimento populacional, já que ele corresponde a um volume elevado de pensionistas com muito baixos recursos” (Pinto & Pereira, 2007, p. 121).

Ao analisar o quadro dos censos pode-se constatar que a diminuição da população residente na Vitória continua a ser acentuada. Em 2001 o total de pessoas residentes era 2720, enquanto, em 2011 era de 1901 pessoas. Neste quadro, também conseguimos constatar que a população lá residente é constituída maioritariamente por pessoas com as idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos – com um total de 976 pessoas -, mas os idosos - 65 ou mais, 567 pessoas – bem logo de seguida, sendo também uma grande fatia da população (Instituto Nacional de Estatísticas, 2009-2014).

3.2. CASA DA AMIZADE – COMUNIDADE DE INSERÇÃO

Como já foi referido anteriormente, o CSPNSV tem nove valências, das quais a Casa da Amizade (CA) - Comunidade de Inserção (CI) faz parte. A CA através de um conjunto diverso de ações “de apoio integrado” proporciona “o estabelecimento de relações interpessoais significativas” a um conjunto de

peças que, na sua maioria, perdeu o contacto com as suas famílias e, por variados fatores, encontram-se numa “situação de exclusão ou de marginalização social” (Anexo 1).

Os objetivos que vêm referidos no regulamento interno da CA:

- a) Responder às necessidades de pessoas que se encontrem em situação de exclusão social;
- b) Melhorar a qualidade de vida das pessoas sem-abrigo;
- c) Desenvolver acções preventivas contra a marginalização;
- d) Fomentar e desenvolver o relacionamento do grupo com a comunidade e a família, sempre que se detecte a existência de algum familiar;
- e) Diminuir o sentimento de solidão;
- f) Exercitar o “saber-fazer”, fomentando, desenvolvendo e valorizando em relação a uma futura organização de uma actividade profissional;
- g) Fomentar e apoiar a construção de projectos de vida. (Anexo 2, p. 2-3)

Esta CI tem uma cantina social e serviços de lavandaria. Normalmente alberga quarenta pessoas. Estas pessoas pagam uma mensalidade e é por esse motivo pelo qual são chamadas de clientes pelas responsáveis. Este tratamento “clientela” não deixa de colidir com os preceitos e valores veiculados pela instituição. O valor das mensalidades difere mediante a quantidade de refeições diárias que contratam, em que o máximo de refeições são três – almoço, lanche e jantar. Em relação aos serviços de lavandaria são pagos à parte e só quando os clientes recorrem a esses serviços e os valores a pagar é conforme a quantidade de roupa a ser tratada.

Para fazer parte desta comunidade os candidatos passam por um processo de seleção. As condições de admissão para que possam frequentar, entre outras, têm que “serem encaminhados pelos serviços de ação social local” por se encontrar numa situação de Sem-Abrigo e/ou “estarem em situação de risco social e/ou familiar...”. (Anexo 2, p. 3-4)

Normalmente existe lista de espera para a entrada de novos frequentadores desta CI, mas muitas vezes, os que estão a frequentar deixam de aparecer por variados motivos que mais à frente serão enunciados e não podem/devem ser logo substituídos.

No capítulo III do Regulamento Interno uma das normas é referente às atividades lúdico-recreativas e o seu horário de funcionamento – entre as 14.30h e as 16.30h. O plano de atividades é construído “partindo dos interesses, motivações e potencialidades manifestados pelos clientes” (Anexo 2, p. 6). O plano de atividades ocupacionais que a equipa técnica construiu com os seus clientes para o ano letivo de 2015/2016 tem sete ações que dão origem a atividades. Estas atividades poderão ser realizadas nas instalações da CA e/ou fora destas e podem ser frequentadas por todos os clientes da CA.

CAPÍTULO IV – UMA CASA NA INVICTA – PROJETO EM EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL

4. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E ANÁLISE DA REALIDADE

4.1. PROCESSO DE CONHECIMENTO E INTEGRAÇÃO

No dia vinte e três de outubro de 2015 tive o primeiro contacto com as profissionais do CSPNSV. Primeiro, reuni com a Diretora Técnica (DT). Durante a reunião, conversamos sobre a CA e de como estava a pensar interagir e integrar-me. Referi que gostaria de primeiro conhecer as pessoas que frequentavam a cantina social e só depois passaria para a análise de processos individuais (PI). Esta ideia foi aceite de bom grado pela DT, pois concorda com este raciocínio. Mostrei que estava disponível para realizar o horário que fizesse sentido para o bom funcionamento da CA.

Nesta primeira conversa senti boa receptividade por parte da DT, pois esta mostrou-se, desde logo, disponível para me auxiliar. De seguida, fui conhecer as instalações e as restantes profissionais que se encontravam na Sede, Lar de Idosos e Centro de Convívio.

Na hora de almoço, a DT foi comigo à CA para me apresentar as instalações e as pessoas que por lá estavam. De tarde, acompanhei a DT na atividade que realiza na CA. Foram estes os primeiros contactos que travei com os⁷ participantes das atividades propostas e dinamizadas pela DT e restantes pessoas que frequentam a CA.

Durante as primeiras quatro semanas acompanhei a DT nas atividades dinamizadas por esta. Mas não me fiquei só por mero acompanhamento. Antes destas sessões e antes da hora de almoço, ia até a CA, onde, antes e durante o almoço, conversava com quem por lá aparecia, numa abordagem que me permitiu maior conhecimentos dos espaços e dos sujeitos. É que muitos/as dos/as frequentadores/as da cantina social não participam nas atividades. Assim comecei a integrar-me naquela realidade, aproveitando todos os momentos para conhecer as pessoas.

Segundo Costa A. F. (Costa A. F., 2014), “o método da pesquisa de terreno supõe, genericamente, presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo e contacto directo com as pessoas e situações” (Costa A. F., 2014, p. 129). Este autor também refere que “o principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador” (Costa A. F., 2014, p. 132). O conhecimento da realidade obriga o/a investigador/a a observar, a conversar e a participar no quotidiano da realidade a investigar. O/a investigador/a no terreno:

Observa os locais, os objectos e os símbolos, observa as pessoas, as actividades, os comportamentos, as interações verbais, as maneiras de fazer, de estar e de dizer, observa as situações, os ritmos, os acontecimentos. Participa,

⁷ Os participantes das atividades da CA são, normalmente, pessoas do sexo masculino.

duma maneira ou doutra, no quotidiano desses contextos e dessas pessoas. Conversa com elas (...) (Costa A. F., 2014, p. 132)

Foi no seguimento destes conceitos que surgiu a intenção de primeiro ir para o terreno e só a posteriori realizar a análise mais burocrática e técnica da realidade. E assim, através da observação e das conversas intencionais conheci melhor a realidade na perspetiva dos sujeitos, tentando sempre perceber o que estes indivíduos gostariam de aprender ou aprofundar.

Findas as quatro semanas e em conversa com a DT foi possível alterar o horário e passar a ocupar as tardes de segundas e quintas-feiras. Às segundas-feiras começaram as sessões da Oficina de Informática. Enquanto às quintas-feiras acompanhei as sessões do Espaço de Pintura, que eram dinamizadas por um frequentador da CA, o AP, que é “artista plástico”. Era necessária a presença de uma pessoa da equipa técnica a acompanhar estas sessões. Verificando-se que não havia disponibilidade de nenhuma, eu ofereci-me e a DT aceitou.

A experiência de acompanhar, tanto a DT como o AP, foi muito enriquecedora porque pude experienciar, juntamente a todos os participantes, o processo de aprendizagem. Nesta experiência também pude estar atenta a tudo o que se passava e desta forma observar o sistema comunicacional verbal e não-verbal.

No decorrer das sessões, em que eu acompanhava o dinamizador do Espaço Pintura, foi-me possível observar vários episódios menos positivos de atitudes e comportamentos por parte dos participantes e do próprio dinamizador, como a seguir se descreve. Nestas sessões o dinamizador utilizou um formato parecido com o escolar para transmitir o conhecimento sobre as técnicas de pintura. Estes conhecimentos teóricos passavam por uma breve contextualização histórica através de visualização de imagens em livros. Os participantes mostravam alguma impaciência e desatenção sempre que este

expunha a matéria. Numa das sessões o dinamizador mostrou o seu desagrado com o comportamento dos colegas e tornou-se ainda mais autoritário e inflexível, querendo que todos realizassem a atividade no formato que tinha visionado, sem negociar. Todo este comportamento levou com que alguns saíssem mais cedo das sessões e outros chegassem só no final, quase no horário do lanche. Até que deixaram de aparecer a estas sessões. Na altura em que foi proposto, o Espaço de Pintura foi alvo de interesse e de vontade de participação da parte das pessoas.

A observação das atitudes e comportamentos de todos ajudou-me a refletir sobre a importância da participação e negociação para que cada pessoa se sinta motivada e envolvida nas atividades. Nas sessões da DT, num formato diferente, estes atores também mostravam desinteresse pelas sessões. É que, normalmente, nestas sessões eram aplicadas fichas que estes tinham de responder, sobre temas variados. Relativamente às fichas, ouvi comentários como: - Estas atividades são como brincadeiras de crianças.

A infantilização, em contextos de intervenção comunitária e Educação de Adultos é problema recorrente, sendo visível e comprovável, desde logo, nas palavras dos sujeitos.

Segundo Bordenave (Bordenave, 1994), as pessoas vivem em sociedade e não isoladas, desta forma, participar nessa sociedade ajuda a aumentar a consciência crítica, a ficar com mais força e poder de reivindicação e, assim, preparam-se para a obtenção de mais poder societal. Quando desenvolvemos um projeto social o mais importante recurso são as pessoas com quem vamos trabalhar e é importante a sua participação em todo o projeto de forma a perceber-se o que as motiva e assim provocar “neles uma satisfação pessoal e íntima que com frequência vai muito além dos resultados úteis de participação” (Bordenave, 1994, p. 14).

A participação é o caminho natural para o homem exprimir a sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo. Além disso, sua prática envolve a satisfação de outras necessidades não menos básicas, tais como a interação com os demais homens, a autoexpressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas, e, ainda, a valorização de si mesmo pelos outros. (Bordenave, 1994, p. 16)

Acima, foi mencionada a importância da participação mas também da negociação, pois para existir “abertura democrática concreta” (Demo, 1988, p. 77) é necessário o debate em torno de pontos de vista diversos. Como Demo (Demo, 1988) refere temos que saber “ceder e até mesmo perder” (Demo, 1988, p. 77), não impor as nossas convicções ao ponto de desvalorizar ou mesmo destruir as convicções das restantes pessoas. Quando a participação é o objetivo primordial de um projeto é necessário existir negociação. Abdicar da negociação é deixar que persistam formas mais hierarquizadas de relação, em que a participação é substituída pela imposição vertical de uma ideia a um conjunto de pessoas. Como refere o autor:

A negociação é exatamente importante, porque acarreta o compromisso mútuo, dentro do qual a participação passa a ser a metodologia fundamental. (Demo, 1988, p. 78)

Como se verá, principalmente, no quinto ponto – Desenho de Projeto –, a participação é a base deste projeto por este motivo torna-se pertinente a constante reflexão sobre a participação, pois como Demo (Demo, 1988) refere existem ocasiões que é fundamental ser se autocrítico, tendo sempre um diálogo livre e franco com todos/as os/as atores/as que serão também autores/as do projeto.

4.2. GRUPO DE ADULTOS DA CASA DA AMIZADE

Depois de analisados os processos individuais dos/as frequentadores/as dos serviços da CA, foi construída uma tabela-resumo⁸ com os dados recolhidos. De seguida, são apresentados os resultados. É necessário reforçar a ideia que o primeiro contacto com esta realidade foi contacto direto com os/as frequentadores/as da cantina social e só depois é que se passou para a análise dos processos individuais. Isto surge, porque o conhecimento desta realidade deverá ser o mais completo possível. Como referem Cembranos, Montesinos e Bustelo (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 2010) devemos conhecer e compreender a realidade para ser possível transformar. Estes autores também referem que é importante fazer uma revisão documental mas sem esquecer a participação das pessoas implicadas para ser “mais prático, mais ameno, mais rápido (por vezes) e mais “real””⁹ (Cembranos et al., 2010, p. 39).

Normalmente, esta valência alberga quarenta pessoas, mas quando foi feito este levantamento de dados só existiam processos de trinta e oito pessoas.

O objetivo de executar esta análise prende-se com a necessidade de obter informação para poder caracterizar a realidade.

No Gráfico 1 pode-se perceber que dos trinta e oito inscritos e a frequentar os serviços da CA existem mais homens do que mulheres, com idades compreendidas entre os trinta e os sessenta e sete anos. Entre estes, nota-se uma grande falta de autoestima, refletida necessariamente nos quotidianos e processos de transformação a desenvolver. Como referiu expressivamente um

⁸ Apêndice I – neste apêndice está a tabela resumo dos PI e todos os gráficos que aqui vão ser referidos neste ponto, de forma a melhor ilustrar todos os dados.

⁹ Tradução livre

deles: - *Existe pouco que possa fazer conosco*. Estão conformados com as situações em que se encontram e têm pouca esperança na mudança, o que faz parte do fenómeno de exclusão que os enreda. O sujeito citado reforça mesmo a ideia, dizendo: - *A nossa chama está quase a apagar, não somos alegres como os idosos. O que está aqui a fazer?*

Discursos como o anterior vão sempre emergir nestas pessoas, pois têm consciência das suas vulnerabilidades e que essas os levaram à exclusão social, sem esquecer que muitos, senão todos, já foram sem-abrigo. A descrença é, aliás, uma das dimensões fundamentais dessa exclusão, sendo, por isso, algo que importará possivelmente pensar e trabalhar. Quando foi proposto começarmos com a Oficina de Informática um dos atores mencionou: *Tenho muitas dificuldades em aprender, a trabalhar com informática, já aprendi e como não pratiquei não sei. Sinto-me frustrado e sei que tenho muitas dificuldades*. Reforçou a ideia dizendo: *Sou um burro [...] vou ter muitas dificuldades, será que consigo?* Outro ator muito desanimado referiu: *Isto não é para mim pois é muito complicado. Estou a pensar desistir*.

Como refere Costa et al. (Costa et al., 2012) a exclusão pode ser entendida por graus, pois, depende da relação que a pessoa tem com todo o sistema social. Este processo pode ir de “formas mais superficiais de exclusão para formas e graus mais profundos e abrangentes” (Costa et al., 2012, p. 72).

A forma extrema corresponderá à situação de ruptura com todos os sistemas sociais básicos. Esta situação extrema é frequentemente associada às pessoas «sem-abrigo», em sentido estrito (dos que «dormem na rua»). (Costa et al., 2012, p. 72)

E estas pessoas já experienciaram essa forma extrema de exclusão. Pelos discursos, tanto de frequentadores/as (alguns) como de técnicas¹⁰, «dormiram nas ruas» poucos dias, semanas ou poucos meses, pois, a rede de apoio aos «sem-abrigo» da cidade do Porto tenta logo dar resposta. Tentam logo dar resposta, mas nem sempre conseguem. A seguir podemos verificar, através de dois relatos, que este processo de realojamento de «sem-abrigo» nem sempre é rápido. No caso do VMC, na entrevista realizada, este contou:

Fiquei a dormir na rua, nem roupa tinha [...] Vim para o Porto [...] Não tive ajuda de ninguém [...] A primeira coisa que fui, foi à Segurança Social para pedir um quarto [...] a doutora ... foi muito minha amiga, ainda hoje é minha amiga [...] Não tenho nada para comer, não tenho nada, ela arranjou-me [...] Ao 44 (CA), só depois [...] Almoçava no Centro Dia da Arrábida, porque eu arrumava carros à beira do Ipanema Park [...] À noite ia às carrinhas comer e depois ia para o quarto. (E1, VMC, 53 anos)

Pelo discurso, neste, caso a resolução por parte dos/as técnicos/as da Segurança Social (SS) no apoio ao «sem-abrigo» foi de rápida resposta. O mesmo não aconteceu com o outro entrevistado, que teve que recorrer a mais de que uma instituição e só quando um terceiro interferiu é que conseguiu ver o seu caso resolvido. A inconstância no apoio e a sua muito variável distribuição geográfica são um dos pontos delicados nas respostas sociais, o que introduz fatores de desigualdade no todo de um cenário de desigualdade.

Vim aqui para o Porto. [...] A Assistente Social [...] pedi para vir para um albergue [...] eu não fui para um albergue ... a assistente social da equipa de

¹⁰ A equipa de responsáveis pela CA, como a restante equipa do CSPNSV, é constituída por pessoas do sexo feminino.

sem-abrigo mandou-me imediatamente para uma pensão [...] Estive um mês a viver numa casa abandonada [...] [O dia-a-dia como sem abrigo] Levantar-me, ir à Casa da Rua tomar banho e fazer a barba, depois ir ali à Trindade almoçar às onze horas [...] (E2, RMM, 36anos)

Durante a entrevista o RMM descreve o trajeto que fez pelas instituições para arranjar um quarto para dormir. Começou pelo CSPNSV, depois foi aos Serviços de Assistência Organizações de Maria (SAOM), a pessoa que o atendeu ao analisar os registos do computador informou-o que como a sua morada era em Famalicão tinha que voltar para lá. Depois com a interferência de um Engenheiro que trabalhava para a Câmara Municipal do Porto é que o processo para obter um quarto foi mais rápido.

Eu comecei a ter a percepção que não me ia ajudar. Depois na casa abandonada eu... fui descansar um bocadinho e apareceu lá um brasileiro. Tinha assim uma janela e tinha que trepar pela janela e o brasileiro trepou para lá [...] ele queria comprar aquilo e pronto viu lá coisas no chão, começou assim a falar alto: “Está aí alguém? Posso entrar?” [...] Depois ganhei coragem e fui falar com ele. [...] [Com este brasileiro estava um Engenheiro da Câmara Municipal do Porto] O Engenheiro da Câmara marcou-me ... com uma Assistente Social. [...] Eu já estava desiludido, já não ia pedir ajuda a mais ninguém. Eu já tinha vindo aqui [CSPNSV], à SAOM, tinha ido à Cáritas, tinha passado na Rua da Alegria [...] Fui à Rua da Alegria, fui com a doutora [contacto do Engenheiro] da equipa do sem-abrigo e ela mandou-me logo [...] E ela mandou-me para uma pensão. (E2, RMM, 36anos)

Como referem Rodrigues et al. (Rodrigues et al., 2016), a nível simbólico o excluído modifica a sua identidade, pois sente-se incapaz de ultrapassar todas as barreiras que o levam a ser apontado como excluído. Esta exclusão “configura-se como um fenómeno multidimensional, como um fenómeno

social ou um conjunto de fenómenos sociais interligados que contribuem para a produção do excluído” (Rodrigues et al., 2016, p. 64).

Nos PI também se obteve dados relacionados com os baixos níveis de escolaridade e a falta de qualificação profissional destas pessoas. O Gráfico 2, dá-nos conta que a maior parte dos/as frequentadores/as têm o quarto ano e só uma pequena percentagem tem o décimo segundo ano completo. Mas ao analisar o PI, verifica-se que as pessoas que têm o décimo segundo ano não têm qualquer qualificação profissional. A baixa escolaridade é referido como um dos problemas que arrasta os sujeitos para a pobreza e exclusão social.

Inevitavelmente, ao falar de exclusão social tem que se falar de pobreza, pois estes “dois conceitos, embora distintos, são ambos necessários e estão estritamente inter-relacionados” (Costa et al, 2012, p. 61). Rodrigues et al. (Rodrigues et al., 2016) referem que a pobreza e a exclusão se intensificam, sendo a pobreza uma das dimensões que mais se manifesta na exclusão dos indivíduos.

[...] a pobreza representa uma forma de exclusão social, ou seja, que não existe pobreza sem exclusão social.

O contrário, porém não é válido. Com efeito, existem formas de exclusão social que não implicam pobreza. (Costa et al., 2012, p. 63)

Assim, podemos analisar os vários tipos de exclusão social que estes autores referem, e estes são fatores de natureza: social, legal, cultural e, por último, fatores patológicos e de comportamentos autodestrutivos (Costa et al., 2012). No decorrer desta caracterização também vamos conseguir constatar que, como Rodrigues et al. (Rodrigues et al., 2016) refere, os problemas sociais que retratam a pobreza e os levam à exclusão social estão “associados a baixos rendimentos e desemprego, à falta de qualificações (e à incapacidade de as desenvolver), à precariedade de emprego, às situações de doença ou de

problemáticas sociais diversas (toxicodependência, alcoolismo, deficiência, etc.)...” (Rodrigues et al., 2016, p. 68).

Verifica-se que a grande parte dos/as atores/as desta realidade têm baixas qualificações e isto originou terem tido sempre empregos precários.

Nos tipos de exclusão social, referidos por Costa et al. (Costa et al., 2012), um dos fatores eram patológicos e de comportamentos autodestrutivos que vão ao encontro dos problemas sociais apontados por Rodrigues et al. (Rodrigues et al., 2016) que são as situações de doença ou de problemas sociais diversos, nesta realidade, ao analisar a tabela construída com dados dos PI encontram-se dados que comprovam estas afirmações. No Gráfico 3 verifica-se que a maior percentagem destes homens e destas mulheres são portadoras de doença psíquica. Mas os comportamentos autodestrutivos têm logo a seguir o maior número de atores/as, no caso dos homens, a maior percentagem é na toxicodependência, enquanto as mulheres é no alcoolismo. Não deixa de ser pertinente referir por qual razão é que se colocou no Gráfico 3, um indicador com diagnóstico duplo¹¹, em que junta doença psíquica com toxicodependência. Dos dez homens que são toxicodependentes cinco têm doença psíquica, desses cinco, três estão mesmo diagnosticados com psicose esquizofrénica. Segundo Teixeira (Teixeira, 2000) o abuso de substâncias psicoativas manifestam-se através de perturbações da personalidade de igual forma como são manifestados sintomas da doença psíquica, mas sem existir nenhuma ligação à existência da doença. Normalmente, estas manifestações são muito parecidas com os sintomas psicóticos “ideias delirantes, alucinações, discursos desorganizados, comportamento marcadamente desorganizado ou catatônico” (Figueira, Sampaio, & Fernandes, 1996, p. 279). Um dos atores

¹¹ Termo utilizado pelo psiquiatra J. Marques Teixeira (Artigos, 2000)

desta realidade, o ECF, contou em que altura se manifestara comportamentos que são considerados sintomas da esquizofrenia. Como Teixeira (2000) referiu muitas vezes é na desintoxicação ou abstinência que “os sintomas agudos têm uma remissão completa” (Teixeira, 2000, p. 10). No caso que foi narrado os sintomas de esquizofrenia manifestaram-se durante o período de desintoxicação. Este ator, muito novo fumava charros e passados anos começou a consumir cocaína pela via fumada. O ECF, como outros, mencionaram que costumam ter alucinações auditivas, ouvem vozes, e têm ideias delirantes persecutórias que “são as mais comuns; o sujeito acredita que está a ser atormentado, seguido, envolvido numa armadilha, espionado ou exposto ao ridículo” (Figueira et al., 1996, p. 281). No caso do EFC este sentia que estava a ser perseguido pelos vizinhos e que estes falavam dele. - *Um dia saí de casa com um garfo e fui espetar na barriga de um dos vizinhos* – disse o EFC. Depois de ser diagnosticada a doença e a necessidade de ser ministrada medicação para estes casos os indivíduos mesmo os que “tenham sido socialmente activos podem ficar isolados; perder o interesse por actividades anteriormente agradáveis; tornar-se mais reservados e menos curiosos; ...” (Figueira et al., 1996, p. 284). Estes “sinais e sintomas estão associados a uma marcada disfunção social ou ocupacional” (Figueira et al., 1996, p. 280) que vai provocar aos portadores desta doença a incapacidade “de manter um trabalho continuado no tempo” (Figueira et al., 1996, p. 280).

A doença psiquiátrica, o alcoolismo e a toxicodependência são precisamente exemplos de factores que estão muitas vezes na origem de rupturas que surgem por exemplo ao nível das redes de sociabilidades e que se estendem a outros sistemas (saúde, emprego, habitação, etc.), num processo que se complexifica e se vai tornando cada vez mais difícil de inverter. (Costa et al, 2012, p. 73)

Maioritariamente, estas pessoas deixaram de ter contacto com a família ou se o têm é reduzido e as redes de sociabilidade também são diminutas. As suas

doenças levam-nos a outra situação de vulnerabilidade que é a situação de pensionistas por invalidez. Pelo relatado e valores mencionados, estas pensões têm valores baixos. Por exemplo, a reforma do FMR o valor ronda os quatrocentos euros, segundo desabafo dele: - *Pago duzentos euros pela renda do quarto, todos os meses gasto cento e cinquenta euros na medicação e pago trinta euros, mensais, para poder comer na CA.* Ao analisar o seu discurso e os valores é deixada uma pergunta: como é que alguém consegue sobreviver com uma reforma de quatrocentos euros?

Por último, ao observar o Gráfico 4, concluímos que a maior percentagem destes/as atores/as encontra-se em situação de desemprego. Como já referido, devido à sua escolaridade baixa e à falta de formação profissional fez com que os seus empregos tenham sido precários o que os leva a ter dificuldade em encontrar novo emprego. Mediante estas precariedades os valores de subsídios de desemprego e rendimentos social de inserção deverão ser muito abaixo do que seja idealizado para conseguir sobreviver numa cidade como a do Porto. Em muitos destes casos leva-os a fazer biscates e alguns, como já presenciei, passam o dia a “arrumar carros”. Assim, torna-se difícil sair da situação precária e, conseqüentemente, da pobreza e exclusão.

No final de toda esta análise e depois de confrontada com os discursos dos/as atores/as é possível passar-se para a identificação de problemas e necessidades. É imprescindível ter presente que “La realidad no es estática y, además, *la mayor parte de los datos significativos surge en el transcurso de la acción, [...]*” (Cembranos et al., 2010, p. 29).

4.3. AVALIAÇÃO DE CONTEXTO

Um dos passos a salientar para se realizar um melhor escrutínio da realidade é a percepção social. Nesta percepção não basta saber o que existe mas o que todos/as pensam do que existe. “Daí o interesse do grupo participante examinar e discutir as afirmações que sua comunidade e eles mesmos fazem sobre sua realidade.”¹² (Cembranos et al., 2010, p. 43)

No método de pesquisa de terreno existem diversas técnicas de pesquisa que quem investiga pode utilizar. As que se usaram, como já foi mencionado nos pontos anteriores, foi a análise documental, observação e as conversas intencionais. Como também já referido, em pontos anteriores, a investigadora tentou passar o mais tempo possível em contacto com todos/as os/as atores/as e isso pressupõem estar presente sempre que possível na cantina social. Costa A. F. (Costa A. F., 2014) refere que se deve “privilegiar a informalidade” e utilizar a “arte de obter respostas sem fazer perguntas” (Costa A. F., 2014, p. 138), foi neste sentido que foi conduzido todo este processo. “A identidade e os papéis do investigador originam-se, sedimentam-se e transformam-se num processo de interacção entre observador e observados.” (Costa A. F., 2014, p. 145)

Neste momento tornou-se pertinente falar das técnicas utilizadas porque foi através de privilegiar o informal e da presença continuada no contexto que a investigadora conseguiu um contacto mais próximo com todos/as os/as atores/as daquela realidade. Sempre que me deslocava à CA conversava com todas as pessoas que lá se encontravam, mas rapidamente e de forma simpática, estas pessoas manifestavam a sua disponibilidade ou não para conversar.

¹² Tradução livre

Algumas, destas pessoas, têm “biscates” ou “arrumam carros”, é uma maneira de adquirirem mais dinheiro. A economia informal assume, reconhecida ou veladamente, uma importância decisiva nestas realidades concretas. Foi mencionado por alguns que não queriam passar mais tempo na CA, só necessitavam mesmo de lá ir comer, e outros referiram que os seus dias já eram muito atarefados. Mesmo assim, apontei todas as sugestões dadas de atividades que gostariam de realizar nos seus tempos livres. Depois de criada a lista apercebi-me que as atividades ligadas ao desporto foram mencionadas muitas vezes. As mulheres não mostraram grande abertura nem para conversar nem para futuramente desenvolverem alguma atividade. Estas almoçavam e iam logo embora, vinham depois para lanche e saíam logo a seguir, só voltavam mesmo na hora de jantar. Os que mostravam mais disponibilidade eram os homens e só queriam atividades ligadas a jogos: futebol, matraquilhos, cartas, dominó, isto porque lhes interessava a possibilidade de competirem entre eles e até aludiram à realização de torneios. No meio destas atividades mais físicas também referiram que gostariam de aprender informática.

Torna-se pertinente voltar a refletir sobre as características que estão presentes nas pessoas que se sentem excluídas. Queiroz e Gros (Queiroz & Gros, 2002) referiram que o indivíduo que passa pelo processo de estigmatização “dificilmente consegue resistir à interiorização da imagem negativa de si próprio, podendo, no entanto recorrer a estratégias de defesa” (Queiroz & Gros, 2002, p. 164). Neste contexto, essas defesas passavam por não quererem refletir sobre as suas realidades. Sempre que tentava realizar uma conversa em conjunto para utilizar técnicas como *brainstorming* ou *focus*

grupo eles¹³ não colaboravam e muitos iam embora. Normalmente, os que ficavam a conversar no grupo falavam da família, contavam histórias: das suas aldeias, famílias abastadas e reconhecidas na aldeia e arredores; filhas/os que não têm contacto direto porque dizem não gostarem que a família se meta nas suas vidas; e histórias de que sempre foram os melhores alunos/formandos mas nunca lhes foram dados o devido valor.

Esta dimensão da exclusão assume-se pela transformação da identidade do indivíduo, inevitavelmente marcada por um sentimento de inutilidade, ligado à sua própria incapacidade de superar os obstáculos e os processos que provocam e/ou acentuam a sua exclusão. (Rodrigues et al, 2016, p. 65)

As pessoas que sofrem da desvalorização social deixam de acreditar nelas e isto vai provocar-lhes falta de motivação, principalmente para algo que lhes é imposto. Também se pode testemunhar o quanto é complicado um compromisso duradouro e responsabilizado, quando mesmo os que dizem *até já*, quando acabam de almoçar, não comparecem na atividade que inicia às duas e meia da tarde.

À medida que me integrava naquele contexto e mesmo tendo conversas com todos os que por lá paravam comecei a aperceber que o grupo iria ficar reduzido aos elementos que já tinham por hábito frequentar as atividades desenvolvidas pela equipa.

Mesmo com este grupo era difícil refletir sobre a sua realidade e examina-la. Para conseguir realizar uma boa avaliação do contexto, como defende

¹³ Como já foi referido os participantes das atividades da CA são, normalmente, pessoas do sexo masculino.

Stufflebeam (Stufflebeam, 1987), é essencial avaliar as suas necessidades para conseqüentemente através das oportunidades satisfaze-las, para isso acontecer é pertinente compreender seus problemas para de seguida conseguir desenvolver um projeto participativo.

Neste ponto tornou-se necessário recorrer à análise mais aprofundada dos PI de forma a conseguir compreender quais os problemas que mais afetam estas pessoas. Através de dados recolhidos dos PI com a análise de todos os comportamentos concluiu-se que estes atores¹⁴ tinham uma identidade social negativa. Esta identidade negativa é provocada pela estigmatização ou estereótipo, em que um determinado indivíduo é colocado numa categoria que pode ser alvo de discriminação e provoca “efeitos negativos das atitudes discriminantes sobre a estima de si mesmo” (Jodelet, 1999, p. 63).

[...] sentimentos de insegurança e de inferioridade imputáveis a um status marginalizado, privado de prestígio e de poder e à interiorização das imagens negativas veiculadas na sociedade, tanto quanto de uma patologia social ligada à imbricação de múltiplos fatores: a exclusão limitando as chances sociais, provocaria desorganização familiar e comunitária, socialização defeituosa, perda de sinais identificatórios, desmoralização, etc. (Jodelet, 1999, p. 63)

No decorrer de toda a análise da realidade e avaliação deste contexto fui verificando que as vulnerabilidades descritas nos PI eram as que se observavam em todo o quotidiano relacional desta comunidade que frequentava a CA. Então para pensar o projeto de forma participativa centrei-me nas vulnerabilidades, tais como a baixa autoestima, a ausência de expectativas e o isolamento social. Como Stufflebeam (Stufflebeam, 1987)

¹⁴ Sexo masculino que mais participou nesta fase.

refere que o objetivo do projeto deve ser satisfazer as necessidades, pensando nas oportunidades e os objetivos de solucionar os problemas. Então para combater os problemas como a exclusão social e o isolamento tenta-se combater a baixa autoestima, a falta de motivação, a desvalorização que percebem, para leva-los a sentirem-se mais integrados.

5. DESENHO DE PROJETO

Atentando na complexidade de uma análise de realidade, necessariamente implicada no desenvolvimento do projeto e no seu desenho, passaremos a enunciar um processo que ambiciona responder de forma coerente aos desafios com que nos confrontamos.

Um projecto é a expressão de um desejo, de uma vontade, de uma intenção, mas é também de uma necessidade, de uma situação a que se pretende responder. Um projecto é, sobretudo, a resposta ao desejo de mobilizar as energias disponíveis com o objectivo de maximizar as potencialidades endógenas de um sistema de acção garantindo o máximo de bem-estar para o máximo de pessoas. (Guerra, 2010, p. 126)

Num projeto em que a metodologia é investigação ação participativa a intenção é instigar a participação de todos os intervenientes para que o projeto seja pensado e planeado por todos. Sempre foi intuito da investigadora perceber o que é desejado pelos atores, pois é também uma necessidade daquela realidade. Como Bordenave (Bordenave, 1994) menciona “a participação não é somente um instrumento para a solução de problemas mas, sobretudo, uma necessidade fundamental do ser humano” (Bordenave, 1994, p.

16). E neste projeto a participação é, assim, encarada como uma necessidade, dado que estes atores são excluídos da sociedade, vivem à margem e, por este motivo, não estão habituados a que lhes seja pedido o posicionamento pessoal ou o que permita que sejam sujeitos ativos nos seus percursos e problemas. Normalmente, pessoas que dependem de uma CI são consideradas, pelas instâncias mais reguladoras da sociedade, marginais, sendo que a “marginalidade significa ficar fora de alguma coisa, à margem de um processo sem nele intervir” (Bordenave, 1994, p. 18). Neste processo, ao contrário, os atores vão ser incitados a participar, permitindo-se deste modo que realmente justifiquem a dimensão ativa contida na expressão “atores sociais”.

A investigação-ação, segundo Guerra (2010), promove a dinâmica sobre a ação e considera os atores “sujeitos participantes” e não “objectos passivos da investigação” (Guerra, 2010, p. 53), pois o principal objetivo é provocar a mudança em todos os envolvidos.

No ponto anterior concluiu-se que os problemas mais vincados neste contexto são a exclusão e o isolamento social. Depois de várias conversas intencionais os atores comentaram que gostariam de aprender informática na ótica do utilizador, principalmente internet. A proposta para o projeto de intervenção social participativo é de combater as necessidades como: baixa autoestima, falta de motivação e a desvalorização que estes atores percecionam, através de aprendizagem em informática. Para isto ser possível é importante incentiva-los à participação, para que percebam que é prazeroso e útil realizar atividades com outras pessoas (Bordenave, 1994).

Demo (Demo, 1998) alerta-nos que pensar em colocar as pessoas a participar é algo difícil de ser realizável, mas mesmo que a participação nunca seja satisfatória devemos sempre ser entusiastas, na sustentada convicção de que, depois de conquistado o espaço de participação, tudo pode ser mais fácil. Mais do que uma mera postura subjetiva, o entusiasmo é aqui primeiro passo para a garantia de condição de transformação e de educabilidade. Também é

necessário entender que ao sermos “utópicos, não nos curvamos às misérias do presente e sonhamos sempre com algo melhor” (Demo, 1998, p. 81). Serrano (Serrano, 2008) também defende que “em qualquer projecto existe uma determinada margem de utopia” e que devemos deixar “voar a imaginação” (Serrano, 2008, p. 34).

Não se pode esquecer que a realidade é complexa e para a conhecer é necessário também conhecer as suas dinâmicas (Guerra, 2010). Como já referido no ponto 4.1. - Processo de Conhecimento e Integração-, a investigadora passou a pertencer ao quotidiano daquela realidade, participava em atividades dinamizadas por outras pessoas para melhor interpretar todas as dinâmicas sociais e analisar a realidade na perspetiva dos sujeitos que lá interagem. Em paralelo com todo este conhecimento empírico a investigadora também se muniu de conhecimentos teóricos e metodológicos para os articular de forma a definir uma intervenção social coerente. Segundo Boutinet (Boutinet, 1990), “este projecto deve procurar um mínimo de coerência em função das finalidades explicitadas, um mínimo de pertinência face à situação analisada” (Boutinet, 1990, p. 262).

5.1. FINALIDADE, OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

FINALIDADE

Segundo Ander-Egg e Idáñez (Ander-Egg & Idáñez, n/d) a finalidade tem que justificar todo o projeto social, bem como a realização dos seus objetivos deve prever uma evolução, mensurável, que atinja a transformação social. Assim sendo, a finalidade que é fundamental perseguir neste projeto consiste

em contribuir para a formação pessoal e social dos indivíduos numa perspetiva relacional e num enraizamento local e global.

Passaremos a explicitar os objetivos.

OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

De seguida serão apresentados os objetivos gerais (OG) e específicos (OE) que surgiram para alcançar progressivamente a finalidade exposta.

OG1: Promover a participação e as competências de cada um para que se sintam motivados

- OE 1.1 Expressar dificuldades e adquirir aprendizagens
- OE 1.2 Valorizar e partilhar competências e conhecimentos adquiridos
- OE 1.3 Partilhar saberes e acontecimentos de forma a sentir que os mesmos são relevantes
- OE 1.4 Estimular a responsabilidade e compromisso

OG2 Reforçar e incentivar as relações interpessoais

- OE 2.1 Valorizar os sentimentos e afetos na relação com os/as outros/as
- OE 2.2 Desenvolver atitudes de compreensão e respeito pelos/as outros/as
- OE 2.3 Potenciar o trabalho em equipa

- OE 2.4 Fortalecer as relações com os restantes atores/as do CSPNSV

OG3 Estimular uma maior valorização para que se sintam integrados

- OE 3.1 Provocar a partilha de experiências
- OE 3.2 Promover a capacidade de pesquisa e criatividade para construção de textos
- OE 3.3 Criar um meio informático que permita expressão, partilha e interação

5.2. AÇÕES, ATIVIDADES E ESTRATÉGIAS

Todo o projeto social para ser exequível “prossupõe a concretização de uma série de atividades” sequenciais e integradas (Ander-Egg & Idáñez, n/d, p. 46). Essas atividades estão inseridas em ações e têm como propósito operacionalizar os objetivos propostos.

Antes de apresentar as ações e as suas respetivas atividades é necessário relembrar que o eixo deste projeto é a participação. E como refere Bordenave (Bordenave, 1994) “tudo indica que o homem só desenvolverá seu potencial pleno numa sociedade que permita e facilite a participação de todos” (Bordenave, 1994, p. 17). Para existir a verdadeira participação dos “atores sociais” levou-se em conta que participar é “fazer parte, tomar parte ou ter parte” (Bordenave, 1994, p. 22) em todas as etapas do projeto. Neste seguimento de ideias, as ações aqui propostas vão ao encontro das vontades destes atores em aprender informática, conhecer a cidade e ter contacto com figuras ligadas à cultura, bem como mostrar aos outros o que produziram.

Também se tomou especial atenção para às aprendizagens que faziam sentido para cada um deles. Este projeto tem por base a flexibilidade necessária para levar em conta os interesses e necessidades de aprendizagem do grupo de atores, tanto no coletivo como no individual; a abertura para a possibilidade de reajustar ou retificar; a descentralização das ideias e vontade da investigadora, para ter em conta todos os interesses e necessidades do grupo de atores (Serrano, 2008).

As ações que se seguem e respetivas atividades serão apresentadas de forma sequencial e integradas.

A primeira ação consistiu na organização de uma Oficina de Informática, onde foram desenvolvidas atividades que irão corresponder às exigências que estes atores enumeraram durante o conhecimento e a análise da realidade. Aqui tentou-se utilizar estratégias como elaboração de *workshops* e de formação. As atividades desenvolvidas nesta ação visaram o alcance de aprendizagens em ferramentas informáticas para melhor se moverem na internet:

- Workshop em ferramentas da *internet*:
 - Criar e utilizar contas de correio eletrónico
 - Aprender a trabalhar com o *Drive*
 - Criar e utilizar contas nas redes sociais, *FACEBOOK*
 - Criar uma conta e utilizar o *SKYPE*
 - Criar uma conta e fazer listas no *YOUTUBE*
 - Aprender a criar documentos no *Publisher*
- Formação para a criação e manutenção de um blogue

Esta ação surgiu para responder aos objetivos gerais e específicos do desenho de projeto, mas também às vontades de aprendizagens que os atores citaram nos seus discursos. Foi mencionado por estes atores que passam muito

tempo sozinhos sem ter com quem conversar. Por esse mesmo motivo têm interesse em aprender a utilizar a internet de forma a conseguirem mover-se bem ao ponto de estarem aptos a entrar em contacto com familiares, conhecer novas pessoas, entre outras curiosidades. Mais do que curiosidades, este interesse espelha bem as exigências e possibilidades de uma sociedade informatizada, de uma “sociedade em rede”, cuja potencialidade tanto exponencia novas sociabilidades como gera novas formas de exclusão. Neste sentido, a denominada “infoexclusão” é conceito a ter em conta, também neste tipo de contextos.

Depois de aceite a sugestão da construção de um blogue onde cada um (dos atores) poderá colocar textos escritos por eles, surgiu a segunda ação, Oficina de Escrita. Nesta ação, as atividades passaram por facilitar as aprendizagens em ferramentas de pesquisa, escrita e construção de materiais, bem como, espaço para a reflexão e correção de textos. Para isto ser possível através de estratégias de pesquisa, expressão de escrita e criativa foram proporcionadas as seguintes atividades:

- Pesquisas sobre temas
- Selecionar fotografias
- Escrita de textos para publicação
- Elaborar folhetos e cartazes para divulgação
- Colocação das publicações e a manutenção do Blogue

Em pontos abaixo iremos perceber que nem todas as atividades foram concretizáveis.

Aquando da análise da realidade percebeu-se que estes atores não conheciam a cidade que os acolhia e nem tinham oportunidade de visitar monumentos, museus, teatros, entre outros. Daí se ter desenvolvido a terceira ação: Conhecer a Cidade. Esta ação centra-se em proporcionar visitas com guia

a alguns pontos culturais e históricos da cidade. Assim sendo, pensou-se que poderíamos visitar, primeiro, monumentos que ficassem próximos das instalações da CA e num segundo momento monumentos mais afastados. Conseguiu-se visitar:

- Museu Nacional Soares dos Reis
- Casa do Infante
- Torre dos Clérigos
- Locomotiva a Vapor
- Mosteiro São Bento da Vitória

Por último, a quarta ação, Invicta Amizade em Interação, surgiu para proporcionar contacto com pessoas ligadas à cultura e experienciar atividades importantes para se prepararem para a interação com o outro. As atividades propostas sugeriram, também, para que pudessem convidar as pessoas que usufruem dos serviços do CSPNSV e, assim, proporcionar a todas essas pessoas e a eles próprios uma experiência diferente. Para que isto fosse possível, apresentam-se de seguida as atividades propostas:

- Preparar entrevistas
- Elaborar e distribuir convites/publicidade
- Espaço à conversa com:
 - O ator Ivo Bastos
 - O músico Jorge Prendas
- Espetador da atuação:
 - Do grupo de teatro do Hospital Magalhães Lemos no Museu Nacional Soares dos Reis
 - Do quarteto de guitarras Ditirambo

As estratégias utilizadas passaram por debates, entrevistas, trabalhar a expressão escrita e criativa.

5.3. CALENDARIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO

A Calendarização das Atividades do Projeto dá-nos conta que as ações e atividades aconteceram entre novembro de 2015 e julho de 2016. Ao longo destes meses, as atividades tiveram de ser agendadas sempre que se justificasse e mediante disponibilidades, tanto da CA como dos locais e pessoas a quem era necessário recorrer.

Ações	Atividades	Cronograma
Oficina de Informática	Workshop em ferramentas da internet: - Criar e utilizar contas de correio eletrónico - Aprender a trabalhar com o Drive - Criar e utilizar contas nas redes sociais - Criar uma conta e utilizar o SKYPE - Criar uma conta e fazer listas no YOUTUBE - Aprender a criar documentos no Publisher - Formação para a criação e manutenção de um blogue	Novembro/2015 – Julho/2016 (Agendadas ao longo do processo, sempre que se justificasse)

Oficina de escrita	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisas sobre temas -Selecionar fotografias - Escrita de textos para publicação - Elaborar folhetos e cartazes para divulgação - Colocação das publicações e a manutenção do Blogue 	<p>Fevereiro – Julho/2016 (A partir de fevereiro estas atividades passaram a ser agendadas sempre que se justificasse)</p>
Conhecer a cidade	<p>Visitas a monumentos, museus, teatros, entre outros:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Museu Nacional Soares dos Reis - Casa do Infante - Torre dos Clérigos - Locomotiva a Vapor - Mosteiro São Bento da Vitória 	<p>Fevereiro – Junho/2016 (A partir de fevereiro estas atividades passaram a ser agendadas mediante disponibilidades)</p>
Invicta amizade em interação	<p>Preparar entrevistas Elaborar e distribuir convites/publicidade Espaço à conversa com:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O ator Ivo Bastos - O músico Jorge Prendas <p>Espetador da atuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Do grupo de teatro do Hospital Magalhães Lemos no Museu Nacional Soares dos Reis - Do quarteto de guitarras Ditirambo 	<p>Abril - Julho /2016 (A partir de abril estas atividades passaram a ser agendadas mediante disponibilidades)</p>

5.4. AVALIAÇÃO DE ENTRADA

Depois de se realizar uma análise da realidade e de se fazer o levantamento das necessidades e problemas que mais afeta essa realidade deve-se estar apto a propor objetivos concretos de forma a colocar em prática um plano de ação que leve à transformação social. Assim sendo, “a planificação é o sistema para: tomar decisões eficazes, realizar o plano escolhido e conseguir os objetivos formulados”¹⁵ (Cembranos et al., 2010, p. 58). Neste ponto, é necessário avaliar se as ações e as respectivas atividades vão dar resposta aos objetivos gerais e específicos propostos. Como já referido, o projeto deve ter coerência e pertinência, como também deve comprometer-se, de forma satisfatória, para que o possível e o desejável sejam harmonizáveis e exequíveis (Boutinet, 1990). Segundo Stufflebeam (Stufflebeam, 1987) devemos avaliar criticamente o desenho de projeto para perceber as potencialidades e constrangimentos que podem ocorrer no seu desenvolvimento. E como diz Serrano (Serrano, 2008):

A avaliação não deve ser um fim em si mesmo, mas sim um meio para melhorar sistematicamente o processo sociocultural e para fazer um uso mais adequado dos recursos disponíveis, materiais e de pessoas (accountability) e para alterar, se necessário, o decorrer da ação. (Serrano, 2008, p. 81)

Para realizar esta avaliação foi construído um quadro de avaliação de entrada¹⁶ que ajudou a refletir sobre quais seriam os indicadores de avaliação. Cembranos et al. (Cembranos et al., 2010) explicam que “um indicador é uma unidade de informação que sinaliza se um certo critério de avaliação se deu ou

¹⁵ Tradução livre

¹⁶ Apêndice IV

não”¹⁷ (Cembranos et al., 2010, p. 203). Os indicadores que se vão utilizar como instrumentos de avaliação assentam numa escolha complexa de medidas particulares que irão ajudar a verificar a evolução do desenrolar do projeto e se as ações e atividades estão a dar resposta aos objetivos propostos (Ander-Egg & Idáñez, n/d). Existem alguns requisitos que estes indicadores devem reunir para existir uma boa avaliação de resultados, tais como:

- Independência, os indicadores devem ser exclusivos de cada objetivo;
- Verificabilidade, que se consiga verificar empiricamente as alterações que o projeto poderá provocar em toda a realidade;
- Validade, saber bem o que se quer medir com aquele indicador;
- Acessibilidade, que seja fácil de atingir o resultado para esse indicador sem se perder muito tempo ou esforço a medi-lo (Ander-Egg & Idáñez, n/d).

Na avaliação de entrada foi necessário refletir até que ponto é que as estratégias propostas para desenvolver as atividades podem ser levadas a cabo. Como já referido, é difícil colocar estes atores a debater ideias, a fazer brainstorming. Por outro lado, os seus trajetos de vida foram diferenciados e adquiriram aprendizagens heterogéneas, sem esquecer que os tempos e dificuldades de aprendizagem são díspares. Por todos estes motivos este projeto vai depender muito do aqui e agora, para que nenhum dos atores se sinta excluído de todo o processo, mas se sintam motivados e percebam que aquele espaço é deles. Esta ligação ao espaço poderá proporcionar oportunidade a que mostrem as suas vulnerabilidades e para que estas sejam trabalhadas.

¹⁷ Tradução livre

Nas conversas que tivemos sobre atividades que se iriam desenvolver, os intervenientes alertaram que nem sempre têm disponibilidade mental para as realizar. Como testemunharam:

Gosto da ideia mas sabe que nem sempre terei vontade para pensar ou realizar algum dos exercícios. Às vezes a cabeça não quer. (RMM)

Tenho muitas dificuldades em aprender e trabalhar com informática, já aprendi na cadeia e como não utilizei mais agora não sei. Estou ansioso por aprender mas terá que ter muita paciência comigo. (VC)

Como Cembranos et al. (Cembranos et al., 2010) refere “a Utopia proporciona as doses de motivação necessárias para se superar os obstáculos que surjam até alcançar o ponto desejado”¹⁸ (Cembranos et al., 2010, p. 63).

6. DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO

Neste ponto, será retratado o desenvolvimento do processo de intervenção e sua avaliação. Para tal acontecer é imprescindível perceber a razão pela qual, neste projeto, foi valorizada a participação, a educação de adultos, a apropriação da cidade e a interação com os restantes frequentadores do CSPNSV.

A metodologia base deste projeto é a investigação ação participativa. Guerra (Guerra, 2010) explica que “as metodologias de investigação-ação recorrem a posturas mais indutivas e a uma análise sistémica numa maior interação entre a teoria e a prática” (Guerra, 2010, p. 63). Para que isto fosse

¹⁸ Tradução livre

possível todo o processo de intervenção foi reflexivo e avaliativo. Deve-se salientar que nesta metodologia a participação dos atores sociais é fulcral para o sucesso da transformação da realidade a intervir. Como já referenciado em pontos anteriores, conseguir a participação de pessoas que se sentem excluídas é um desafio fundamental.

Durante o processo de exclusão a que se encontram sujeitas, as pessoas sentem-se frágeis, tendo “um sentimento de inferioridade social” (Paugam, 2003, p. 51) que as leva à descrença das suas capacidades e competências. Estes atores estão habituados a ficarem à margem dos processos, mas, neste projeto, foram estimulados desde o início à participação.

Como refere Demo (Demo, 1988) “talvez não esteja nos nossos hábitos participar” - é que a “participação assusta” (Demo, 1988, p. 25). Participar é assumir compromissos, é autopromover-se numa sucessão de conquistas que nunca serão suficientes e nunca terminarão. Nestas conquistas também é necessário conquistar o espaço de cada um de forma a “gerir seu próprio destino, para ter vez e voz” (Demo, 1988, p. 26). Foi no espaço participativo, que a investigadora proporcionou a cada um, que foi traçada a trajetória de projeto. Esse espaço de participação foi uma conquista de todos os intervenientes, tentando-se assumir um compromisso para atingirem a sua autopromoção, de forma a orientar o seu destino e “ter voz” em todo projeto.

Como faremos questão de salientar, um dos interesses demonstrado pelos atores, que também são autores deste projeto, foi essencialmente explorar a informática, desenvolvendo aprendizagens em ferramentas da internet para conseguirem movimentar-se nas “redes sociais”. Estas aprendizagens surgem com o intuito de promover a autoestima, motivar para a mudança e para que cada um veja as suas competências heterovalorizadas e autovalorizadas. E assim, surge a primeira ação a Oficina de informática.

As atividades desenvolvidas na Oficina de Informática surgiram das necessidades que cada um dos atores demonstrou querer ver respondidas. Estas

atividades tiveram grande incidência nas aprendizagens de manuseamento de instrumentos para conseguirem comunicar nas redes sociais e, desta forma, superar as desigualdades e exclusão social. Esta desigualdade e exclusão, a infoexclusão, surge por não terem competências e não terem capacidade para se incluir na dita “sociedade em rede”.

Na actual sociedade em rede, grande parte da informação se situa on-line, daí a necessidade de desenvolver competências de literacia digital e sobretudo de fomentar nos indivíduos capacidades de “aprender a aprender”, isto é, de procurar e filtrar informação on-line. A internet representa, pois, uma fonte de aprendizagens diversas que deve ser rentabilizada e valorizada na sua dimensão formativa quer seja em contextos formais, não formais ou informais. (Araújo & Coutinho, 2009, p. 4)

Nesta oficina as atividades serão orientadas para que cada ator aprenda as ferramentas necessárias de internet e/ou informática que os encaminhe até à inclusão na “sociedade em rede”.

Para adquirir estas aprendizagens o formato das sessões passava por formação em sala de modo a incentiva-los à inovação e à criatividade. Este processo de formação levou em conta a singularidade de cada um dos adultos, passou por “uma educação por medida”, como refere o Bogard (1991) citado por Canário (Canário, 1999, p. 24). O trabalho da investigadora consistiu em “aprender os problemas e construir as respostas educativas adequadas” (Canário, 1999, p. 24). Como já referido neste relatório os atores, desta realidade, são coautores do projeto que os levará à transformação, assim sendo, o centro da ação é o adulto que vai adquirir as aprendizagens (Bogard (1991) citado por Canário (1999)). Por estas razões as atividades desenvolvidas e sua planificação surgiu muito no “aqui e agora”.

Para melhor compreensão do desenrolar da Oficina de Informática será relevante descrever como decorreram as sessões¹⁹. Assim sendo, no início, depois de conseguir perceber o que o grupo de atores já conhecia das ferramentas e o que era necessário trabalhar com eles em sala, a investigadora, pensou em realizar um mini manual²⁰. Este mini manual era uma apresentação em Power Point (PPT) que foi entregue em papel e também utilizada para projetar. Este material foi pensado para, se possível, todos acompanharem a explicação acerca de como trabalhar com cada um dos pontos apresentados e, de seguida, constituir-se como um apoio para praticarem sozinhos. Rapidamente, a investigadora percebeu que este tipo de sessão não estava a ser produtiva: nenhum conseguia concentrar-se e, também, revelou-se difícil compreender o que visualizavam no PPT, mesmo quando a investigadora estava a explicar.

Foi prática da investigadora, no final de cada sessão, escrever o diário de campo e logo nesse momento refletir sobre como correu a sessão. Estas reflexões ajudaram-na a melhorar o conhecimento sobre a realidade, como também a promover uma maior aproximação com os métodos de aprendizagem que faziam mais sentido para aqueles atores. Desta forma, as sessões eram realizadas atendendo às características de cada um. A investigadora tinha presente que estes atores obtiveram aprendizagens díspares ao longo da sua vida e alguns até já tinham conhecimentos de informática enquanto outros não, ou os que tinham eram escassos. Esta optou por realizar sessões individualizadas em que tentava sempre dar apoio a cada um individualmente e reforçava, continuamente, que cada um de nós tem tempos e ritmos de

¹⁹ Apêndice V – Descrição de sessões por ações

²⁰ Apêndice VI – Manual de Informática

aprendizagem diferentes. Os atores eram incentivados a refletir sobre o que cada um se propunha a realizar por sessão e era esse o objetivo a ser cumprido.

Como já referido, um adulto quando se sente excluído cria uma “imagem negativa de si próprio” (Queiroz & Gros, 2002, p. 164), que o leva a não refletir e a desistir. Quando algo não corre como o esperado e estes ficam desapontados, em vez de serem persistentes e melhorarem as suas aprendizagens, é-lhes mais fácil desistir. Normalmente, as pessoas excluídas estão habituadas que os outros desistam deles, por conseguinte, eles também o fazem e desistem muito facilmente deles próprios. Não deixar que isso acontecesse foi uma tarefa árdua que a investigadora moderou, com muito empenho, do princípio até ao final de todo este processo.

No decorrer do processo, os atores faltaram com alguma frequência e houve dias em que só aparecia um ou dois. Isso nunca foi impedimento para que a sessão que estava marcada se efetuasse, já que este projeto é de todos os atores/autores, sendo que o trabalho, por ser individualizado, não ficava posto em causa pelo absentismo elevado.

Quanto aos que faltaram durante muito tempo, a investigadora nunca teve por hábito ter atitudes repressivas ou de controlo invasivo. A preocupação era questionar se a razão dessas faltas se prendia com algo que tenha acontecido nas sessões que os levou a sentirem-se desmotivados e por essa razão não aparecerem. Depois de tudo esclarecido era realizado um apanhado do que um dos atores já tinha feito até ao momento em que deixou de ir às sessões e o que tinha acontecido nas sessões que não esteve presente. De seguida, em conjunto, ator e investigadora analisavam e refletiam para perceber o que era mais pertinente ser trabalhado.

A investigadora tentou sempre que nas sessões ninguém se sentisse diminuído ou excluído. Claro que quando é uma só pessoa a realizar um trabalho de formação para um conjunto de pessoas de forma individualizada muitas vezes não consegue chegar a todos ao mesmo tempo ou na mesma

sessão. Pode acontecer que seja dada mais atenção a uns que a outros, e isto muitas vezes acontece porque algumas pessoas manifestam um comportamento mais ativo e diretivo, sendo outras tendencialmente mais passivas. No decorrer destas atividades verificaram-se, numa ou noutra sessão, episódios destes. A investigadora sublinha exemplificativamente um caso, em que o ator que manipulava a sua atenção fazia-o por causa da sua vontade de aprender informática. Este ator facilmente ficava frustrado e era impulsivo quando não conseguia resolver um exercício, sendo que o seu comportamento mais expansivo conseguia facilmente prender toda a atenção da investigadora. Outros, em contraponto, eram mais passivos e muitas vezes passavam despercebidos. Numa sessão, o FMR saiu mais cedo da sessão, dizendo: - *É melhor ficar por aqui hoje, vou embora.* No final da sessão a investigadora no seu momento de reflexão sobre o que se passava em sala, analisou todo o seu comportamento e atitude, concluindo que poderiam acontecer mais episódios como este se não estivesse mais atenta.

A partir deste momento, esteve mais atenta aos seus comportamentos e ao tempo dispensado a cada um dos atores para não descurar o acompanhamento de algum que solicitasse a sua ajuda. Também é importante, depois de detetada a falha, conversar com a pessoa que se sentiu lesada e pedir desculpa pelo sucedido. Nessa conversa, foi importante o ator, FMR, perceber que a pessoa que lhes está a dar formação está atenta aos seus próprios comportamentos e atitudes, que está disponível para os melhorar, e a partir daquele momento tentará que um episódio como este não volte a acontecer.

Como já referido, este projeto surge no seguimento das motivações dos atores/autores e estes são instigados à participação. Este projeto nunca “fechou a porta” aos que quisessem entrar, visitar ou tomar parte do projeto. Por exemplo, o AVB pertencia a outra valência e quando entrou para o CSPNSV ao saber que estava a ser desenvolvido um projeto em que englobava aprendizagens em informática, pediu para ser envolvido no projeto. Todos

aceitaram e, a partir desse momento, também fazia parte do grupo de atores/autores. É importante também referir que sempre existiu abertura para proporem exercícios diferenciados para todo o grupo, caso este assim o entendesse; caso contrário o exercício poderia ser efetuado unicamente pelo ator que propôs. Claro que, depois de propor, era necessário levar a tarefa até ao fim.

Como já referido, as reflexões que a investigadora realizava no final de cada sessão eram muito pertinentes e destas surgia a possibilidade de melhorar todo o modo de relacionamento com cada um dos atores.

Aqui nesta ação foi criado o blogue “Uma Casa na Invicta”²¹ que é o produto final de todo o projeto.

A ação Oficina de Escrita surgiu para complementar as atividades da Oficina de Informática. Os atores, nestas atividades, foram desafiados a construir textos para serem publicados no blogue. Estes textos emergiram de forma a desencadear uma vontade, a cada um dos atores, de refletir, pesquisar, questionar e construir o conhecimento. Nesta Oficina de Escrita, as atividades passaram por facilitar as aprendizagens em ferramentas de pesquisa, escrita e construção de materiais, bem como, espaço para a reflexão e correção de textos.


Como já mencionado e refletido, existem tarefas que se tornam difíceis de serem executadas, ou porque não estão habituados a realizá-las ou porque se convenceram que não têm capacidades ou competências para as realizar. E nesta oficina, não menos que na anterior, os desafios propostos voltavam a ser uma “aventura atribulada” para a investigadora. As atividades aqui propostas eram consequências das atividades realizadas em outras ações. Nesta ação, a

²¹ <https://umacasanainvictablog.wordpress.com/>

investigadora provocava cada um dos atores a realizar pesquisas sobre o que se iria realizar na ação Conhecer a Cidade ou na ação Invicta Amizade em Interação para que pudessem participar e sentirem-se integrados.

Um dos maiores desafios para estes atores foi escrever textos sobre as experiências passadas nas visitas e nas conversas com os convidados. Para uns era mais fácil escrever de forma reflexiva sobre as atividades do que para outros. Todos tinham como grande obstáculo a escrita, pois há muito tempo que não escreviam e muito menos escrever sobre o que sentiam, como viam as coisas ou até o que poderiam melhorar. Esta forma de escrita foi uma conquista, como podem analisar no blogue, lentamente agradável²². É de salientar que nem todos se disponibilizaram para expressar a sua opinião nos textos escritos. Os textos publicados respeitaram todas as decisões tomadas no grupo e individualmente pelos atores/autores do projeto.

UMACASANAINVICTABLOG



Desterrado -
escultura de Soares
dos Reis.

Achei esta visita bastante importante e de uma grandeza tamanha, não só a nível da opulência, mas também de uma enorme beleza a nível geral.
A Doutora ou guia que nos guiou ao longo da exposição foi bastante acessível, paciente e muito simpática.
Nunca tinha ido visitar este museu, pois é, o primeiro museu público de arte do país, tendo sido fundado em 1833. O escultor António Soares dos Reis, que dá nome ao museu é o célebre autor do desterrado.
A dinâmica revolucionária do 25 de abril de 1974 traduziu se em novos apelos a artistas jovens, deixando em definitivo para trás uma ótica colecionistas e propondo-se à abertura do espaço fechado do museu clássico a uma nova arte e a um novo publico, de vitalidade e dinamismo.

Frederico Remelgado

Figura 1 – Texto sobre a visita ao MNSR

²² Apêndice V – Descrições de sessões por ações – p. 167.

Como morei trinta e oito anos na zona Ribeirinha do Infante, era quase obrigatório visitar a Casa e na minha adolescência foi uma das tarefas que concretizei. Nessa minha primeira visita estavam a decorrer escavações arqueológicas. Posteriormente, depois de terminado um Curso de Iniciação à Informática foi nesta Casa a entrega dos nossos diplomas. Nesta última visita que fiz com estes meus colegas, vi uma Casa do Infante diferente, mais organizada e com as exposições já montadas. Foi boa esta visita, ajudou-me a refletir sobre o passado.

Frederico Remelgado

Na visita à Casa do Infante gostei muito de tudo que dizia respeito ao museu. A visita guiada foi muito bem coordenada e organizada, notava-se que a guia tinha "a lição" bem estudada e soube transmiti-la. Como também soube responder a todas as questões colocadas.

Desde os azulejos às telhas, passando pelo o filme sobre a cunhagem de moedas, em que nos mostrava: o forno, a liga e mesmo a moeda pronta, esta viagem levou-me ao passado.

Numa reflexão final devo salientar o prazer que me deu ver peças antigas da época dos Reis tão bem guardadas, pois todas são importantes, desde o "penico" à estatueta do Infante. Gostei muito de tudo acho que têm aquilo muito bem guardado.

Artur Barbosa

Figura2 – Textos sobre a visita à CI

UMACASANAINVICTABLOG

No final, agradecemos com uma grande salva de palmas, muito bem merecidas, às quais ele ficou muito agradecido.

Frederico Remelgado

A conversa com o Ivo Bastos, o ator que é natural do Porto, foi familiar, aberta e solta.

Antes de entrar em cena devemos nos sentir com medo, ansiedade, o cálculo e o erro de cálculo na peça a apresentar.

Fizemos perguntas desde estados de ansiedade até perguntas relacionadas com a profissão e se esta é ou não uma vocação.

O Ivo tem facilidade em decorar e de integração num grupo de atores. Talvez tenha nascido com uma veia sanguínea (tendência) para ser ator.

O grupo de pessoas que esteve à sua volta fez-lhe perguntas às quais o Ivo respondeu. O improviso muitas vezes surge para ajudar os outros atores em cena e em momentos em que estes esquecem a sequência do texto (diálogo). Na tragédia e na comédia o conteúdo da «estória» e história. Descreve como se pode ajudar aquele com quem contracenamos e até nos « APAIXONAMOS».

Como se está em palco: O ÉXTASE, o PICO e a PANCADA e, o limite da PANCADA, entre aquele que emite e aquele que recebe a sonoridade das palavras do ATOR versus PÚBLICO. A ação, o movimento dessa mesma ação. As palmas como atributo, ao pico e à pancada e ainda como PRÉMIO final. Um abraço fraterno e recíproco ator versus público/plateia/bancada...

Paulo Marques

Figura3 – Texto sobre a Conversa com Ivo Bastos

Todas as tarefas a executar nesta ação, desde pesquisas sobre monumentos a visitar como sobre a vida profissional de pessoas com quem iriam conversar, realizaram-se para que se sintam preparados para a participação e de forma a que consigam obter resposta às suas dúvidas. Também foi proposto realizarem pequenos guíões de entrevista. Os atores sentiram necessidade de questionar estes procedimentos, em que lhes foi explicado que são técnicas utilizadas por muitos profissionais, quando, por exemplo, os/as jornalistas utilizam pesquisas cibernéticas para estarem preparados para as entrevistas. Com estas pesquisas também alcançam dados para concretizar um cartaz, panfleto ou boletim informativo/convite de forma a divulgar com todos os beneficiários dos serviços do CSPNSV e estes sentirem-se convidados a estarem presentes nesses eventos.

O grande desafio para todos os atores era a escrita de textos em que eram estimulados a falar na primeira pessoa e mostrarem a importância daquela experiência. Mas a correção de cada um dos textos não deixava de ser menos desafiante. À medida que terminavam os textos, a investigadora sentava-se com eles para em conjunto serem realizadas as correções necessárias. Foi uma tarefa exigente em que a investigadora teve que ter em conta várias resistências dos atores e teve que pensar como ultrapassá-las. Para melhor ilustrar a sua reflexão foi retirado este excerto das notas de campo do dia dois de maio²³:

Tenho que perceber até que ponto se pode realizar alterações aos textos produzidos por cada um. É necessário que percebam bem as alterações e que nenhuma das suas ideias seja alterada. Esta tarefa demora algum tempo pois tem que ser feita com muita calma e individualmente. Em alguns casos não se realiza quase alterações nenhuma porque os autores dos textos não têm abertura para

²³ Apêndice V – Descrições de sessões por ações – p. 167.

essa análise e só tenho que respeitar. Tento que o texto não seja publicado com grandes erros, mas só vou até onde cada um deles deixa. Por exemplo, o RMM envia os textos por email no final da sessão e na seguinte quase que não dá espaço para conversarmos sobre o texto. O PJM não aceita muito bem a correção.

Nos textos publicados no blogue, consegue-se analisar a evolução de cada um tanto a nível da expressão escrita como, em alguns casos, a superação de obstáculos, nomeadamente, ultrapassar o medo caminhar na multidão. Efetivamente, alguns desses obstáculos foram enfrentados e, num dos casos, mesmo superado²⁴, no decurso da ação que, de seguida, será apresentada, mas o seu relato foi realizado nesta ação.

Conhecer a Cidade: esta ação emergiu das conversas intencionais, em que estes atores, nos seus discursos, deixavam transparecer a falta de vínculo à cidade que os albergava. Muitos comentavam que já tinham visitado alguns pontos culturais e históricos da cidade, mas sozinhos. A ideia das visitas aos monumentos serem guiadas por uma funcionária²⁵ agradou a todos. Pensarem na possibilidade de terem alguém a explicar-lhes tudo o que iriam ver, motivou-os para a atividade de pesquisa na internet. O que lhes era proposto antes de se realizarem as visitas é que um deles fizesse um cartaz ou folheto para convidarem os restantes frequentadores da CA e das restantes valências. Também ao realizarem as pesquisas sobre o monumento que iriam visitar iam preparados e, por esse motivo, conseguiam estar atentos ao que era explicado.

²⁴ Ver texto de Frederico Remelgado publicado no blogue:

<https://umacasanainvictablog.wordpress.com/2016/07/20/torre-dos-clerigos/>

²⁵ Neste caso pode-se falar no feminino porque as guias do MNSR, da CI, do MSBV foram do sexo feminino.

Consequentemente era-lhes mais fácil participar: mostrar o que sabiam e facilmente formularem questões sobre as suas dúvidas.

Nesta ação tentou-se dar resposta ao que, no alcance deste projeto, resulta do fenómeno excludente da gentrificação que “é, e sempre foi, sobretudo, um processo de produção e apropriação do espaço que materializa, de forma paradigmática e obscena, a luta de classes no palco que é a cidade e o seu ambiente urbano” (Mendes, 2015, p. 8).

Ao realizarem estas visitas sentiam-se incluídos na cidade onde moravam, como refere Bourdieu (Bourdieu, 1997) “o corpo está ligado a um lugar por uma relação directa, de contacto, que não é senão uma maneira entre outras de entrar em relação com o mundo” (Bourdieu, 1997, p. 119). Para assegurar este contacto espacial, as visitas a realizar, primeiramente, incidiram em monumentos que ficavam próximos das instalações da CA e, num segundo momento, a monumentos mais afastados. Com estas visitas os atores têm a possibilidade de sentir a cidade e ter contacto com alguma da diversidade cultural que nela existe de forma a se sentirem integrados e superarem “o processo de etiquetagem que as identifica como desfavorecidas” (Rodrigues et al, 2016, p. 71).

Este projeto tinha como finalidade, levar estes indivíduos a um enraizamento local, sendo necessário que estes se sintam integrados, não marginalizados. Uma forma de reforçar esse sentimento fez erguer a ação Invicta Amizade em Interação. Todas as atividades deste projeto são pensadas para satisfazer cada uma das ações mas estão diretamente ligadas às atividades desenvolvidas noutras ações. Todo o processo está interligado.

Invicta Amizade em Interação é uma ação pensada para proporcionar contacto com pessoas ligadas à cultura e experienciar momentos interessantes de interação dialógica com o outro. Nesta ação, os atores/autores convidavam todos os beneficiários dos serviços do CSPNSV a estarem presentes nestes

eventos e assim, proporcionar a todas essas pessoas e a eles próprios uma experiência distinta.

No desenvolvimento de todo o processo de projeto foi pertinente a investigadora refletir sobre como correu cada sessão e o que era necessário melhorar no seu comportamento. Esta sabe que o grupo de atores/autores é heterogêneo. Normalmente, as competências de cada um não são valorizadas, vivem num quotidiano solitário, com pouca resistência à frustração, em que por estes motivos e mais alguns mudam de opinião facilmente e assim, o que querem hoje não querem amanhã. A investigadora optou por ser persistente, com pulso firme, esteve atenta aos feitos de cada um e apoiou um a um para conseguirem em conjunto ultrapassar os obstáculos de sessão para sessão. Ao analisar e valorizar estas reflexões, a investigadora retirava “informação útil para realizar os ajustes convenientes, [...] este tipo de avaliação do processo pretende se ajustar melhor à realidade e aos destinatários a que se dirige”²⁶ (Cembranos et al., 2010, pp. 195-196).

7. AVALIAÇÃO DE PRODUTO

Ao chegarmos ao final do projeto há a necessidade de avaliar e perceber se este conseguiu satisfazer as necessidades daquela realidade. Para tal avaliação, Stufflebeam (Stufflebeam, 1987) propõe “recompilar descrições e juízos acerca dos resultados e relacioná-los com os objetivos e a informação proporcionada

²⁶ Tradução livre

pelo contexto, pela entrada de dados e pelo processo, e interpretar seu valor e mérito”²⁷ (Stufflebeam, 1987, p. 194).

Não deixa de ser pertinente lembrar que a investigadora privilegiou uma prática em que a reflexão esteve sempre presente de forma a melhorar, avaliar e interpretar todo o desenvolvimento de projeto. Com esta atitude, a avaliação foi encarada “como um processo de aprendizagem” (Guerra, 2010, p. 187). Também deve-se salientar que este projeto centrou-se na participação dos atores sociais, sendo estes, coautores. Com esta participação foram respeitadas as vontades, motivações e dificuldades de cada um, num formato individualizado, em que se levava em conta os tempos de aprendizagem e de estados de espírito, fazendo com que cada sessão surgisse do “aqui e agora”. As ações foram planeadas e pensadas para atingir os objetivos propostos dando resposta às necessidades mas respeitando e negociando com cada um dos atores/autores do projeto: “O projeto avança e retrocede sempre que cada um dos atores/autores assim o exigir.”²⁸

Como refere Cembranos et al. (Cembranos et al., 2010) “a avaliação significa recolher e analisar sistematicamente uma informação que nos permita determinar o valor e o mérito do que se faz”²⁹ (Cembranos et al., 2010, p. 182). Esta análise foi uma das práticas no decorrer de todo o projeto e neste ponto será o culminar de toda essa avaliação para justificar que o projeto deu resposta ao que se propôs.

O primeiro objetivo geral, desafiou que o projeto promovesse a participação e as competências de cada um, para que estes se sintam

²⁷ Tradução livre

²⁸ Apêndice V – Descrições de sessões por ações – p. 13 2 – reflexão investigadora.

²⁹ Tradução livre

motivados. Os objetivos específicos que foram construídos, objetivo orientados para a resolução deste objetivo geral, surgiram para capacitar cada um dos atores/autores a expressar dificuldades e adquirirem aprendizagens; valorizarem e partilharem competências e conhecimentos adquiridos; partilharem saberes e acontecimentos de forma a sentirem que os mesmos são relevantes; e, por último, estimular-se a responsabilidade e o compromisso. Para conseguirmos que todos estes objetivos fossem contemplados e cumpridos foi necessário trabalhá-los no decorrer de todas as ações. Assim conseguiu-se, de uma forma coerente, cumprir com o que foi proposto com este projeto. Este projeto assentou em modelos de interação humanistas e na participação, sendo esta o ponto fundamental. Esta participação foi voluntária, vista como uma necessidade e não como um instrumento para resolver problemas (Bordenave, 1994), como já referido.

No decorrer do relatório descreve-se que as ações estão interligadas, como tal, para avaliar até que ponto o desenvolvimento do processo respondeu aos objetivos propostos é necessário percorrer todas as ações para cada um dos objetivos.

Assim sendo, com a Oficina de Informática, cada um dos atores expressou quais as ferramentas de internet que gostariam de adquirir mais conhecimentos para poderem pesquisar e movimentarem-se nas redes sociais de forma a interagir com outras pessoas, desde familiares, amigos e até desconhecidos. Nesta ação e na Oficina de Escrita, foram estimulados a refletir sobre temas e experiências por eles vividos de forma a partilharem num blogue. Também realizavam pesquisas para compreenderem sobre algum tema proposto ou curiosidades que gostariam de ver respondidas. Com estes desafios, cada um valorizava os seus saberes e experiências, sentindo que estes são relevantes. Foram convidados/incentivados a criar cartazes e panfletos, instrumentos de divulgação, de forma a partilharem as atividades das ações Conhecer a Cidade e a Invicta Amizade em Interação. Com estas tarefas estimulava-se a

responsabilidade e o compromisso, levando-os a estarem presentes e/ou gerando a preocupação em avisar com antecedência caso não intencionassem estar presentes, no dia de uma dessas atividades. Estas ações promoviam o sentimento de integração, estimulavam a autoestima e responsabilizavam.

No objetivo geral seguinte, pretendeu-se reforçar as relações interpessoais, como também incentivar a que essas relações se concretizem civicamente. Os objetivos específicos que se idealizaram para obtenção de resposta a este objetivo geral constituíram-se nos mais difíceis de concretizar. Aqui volta-se a enumerar vários dos problemas que pessoas marginalizadas sentem na “pele”. A rotulagem, o isolamento, a identificação negativa, a desvalorização, provocam o fechamento e comportamentos de incompreensão/de resistência que poderão não ajudar para se realizar um trabalho de equipa. Todo o projeto proporcionava a concretização de cada um destes objetivos específicos. Na Oficina de Informática, principalmente, quando não havia computadores para todos eram estimulados a trabalharem a pares, mas facilmente se compreendia que era uma tarefa difícil para cada um deles. Em suma, o trabalho em equipa é claramente uma limitação, a ser mais persistentemente trabalhada no futuro.

No que diz respeito aos restantes objetivos específicos, conseguiu-se incentivar e reforçar cada um dos atores. Não se pode deixar de referir que existiam dias em que, por causa das frustrações de cada um, o respeito e compreensão escasseavam, surgindo à tona, de maneira menos positivo, os quotidianos precários de cada um destes atores. Mas à medida que o projeto avança e, principalmente, nas atividades das ações Conhecer a Cidade e Invicta Amizade em Interação, cada um dos atores/autores do projeto mostravam interesse em incentivar a restante comunidade à participação. Nestas ações também existia uma maior predisposição para ajudar o/a outro/a, tanto na deslocação como na compreensão de algumas dúvidas.

O último objetivo geral surge para reforçar todo o trabalho desenvolvido nas ações Oficina de Informática e Oficina de Escrita, como também, para

estimular uma maior valorização, de cada um, e desta forma se sentirem integrados na cidade e na sociedade em rede. Este objetivo geral e seus objetivos específicos, pode-se dizer, que foram os mais fáceis de executar. Pois partiu muito da capacidade da investigadora para levá-los à partilha de experiências, à construção de textos e esta conseguiu criar, com eles, um meio informático que permita expressão, partilha e interação. E isto foi realizado com sucesso como é possível testemunhar no blogue: Uma Casa na Invicta³⁰.

Durante e no final do projeto estes atores/autores, ao seu jeito, mostravam o quão agradável estava a ser todo o processo. Algumas vezes convidavam e incentivavam alguns dos companheiros da CA a estarem presentes nas atividades, estes convites eram em formato individualizado, nada tem a ver com os materiais de divulgação. Um desses convidados, que infelizmente participou durante poucos dias, mencionou: - *Alguns colegas falavam tanto do que aqui acontecia que tive de vir... posso?* (BLC). Outro caso era uma senhora que sempre que no HML a dispensavam das atividades que desenvolvia lá vinha às atividades das ações Conhecer a Cidade e Invicta Amizade em Interação, porque um dos colegas mostrava grande vontade que esta o acompanhasse para poder perceber a razão pela qual este falava do que acontecia no projeto. Tanto estes atores como a DT mostraram vontade de continuar com o projeto, incluindo todas as ações, mas existe uma falta de técnicos para dar seguimento a estas ações, principalmente as que são o desencadear de toda a intervenção, Oficina de Informática e Oficina de Escrita. A proposta feita pela DT era para a investigadora ficar como voluntária no CSPNSV. Nos últimos dias, alguns dos atores/autores de projeto mostraram vontade de falar com o Presidente do centro para realizar uma pressão e existir

³⁰ <https://umacasanainvictablog.wordpress.com/>

a possibilidade da investigadora ficar a trabalhar com eles e assim assegurar a continuidade do projeto.

Este projeto teve a visibilidade possível, dada a duração temporal e os condicionamentos locais em que é desenvolvido. Para além do blogue e suas visualizações, houve uma situação de uma técnica de outra entidade (em Santa Maria da Feira) ter revelado conhecimento deste projeto, o que indicia algum impacto positivo na vida concreta das pessoas que envolveu. Constatei, no decurso de uma entrevista de emprego e ao falar da experiência profissional e formativa com populações vulneráveis, que uma das técnicas tinha ouvido falar deste projeto, por intermédio de uma das pessoas que para ele contribuiu. Isto mostra-nos, de alguma maneira, o poder de réplica que um projeto como estes pode adquirir, ao revelar-se como significativo e digno de menção, mesmo no quotidiano ritualizado em que por vezes, infelizmente, o trabalho social tende a mergulhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste relatório foi mencionado que o relato escrito de todo o processo de projeto poderia ser concebido numa “magia verbal”. Esta magia implica, no entender da investigadora, conseguir descrever, o mais factual possível, todo o processo de desenvolvimento do projeto e levar os leitores numa “viagem virtual” pelos sete meses em que este aconteceu. Neste ponto, espera-se que este desejo tenha sido atingido e que se perceba que existiu bons momentos, obstáculos e evolução de todos os seus intervenientes.

O projeto aqui relatado foi desenhado tendo em conta as vontades, motivações e desejos dos atores da realidade. No ponto de vista destes terem mais conhecimentos em informática iria ajudá-los no combate ao isolamento, à solidão e à exclusão. Vários estudos colocam a informática e as redes sociais como um fator de exclusão social, naquela que é uma declarada ambiguidade: da mesma forma que um mundo, informatizado e em rede, gera oportunidades e coloca-nos em comunicação, pode contraditoriamente excluir ou agravar a exclusão de quem não acede, por um ou por outro motivo, aos seus domínios. Neste sentido, uma sociedade em rede vinca aliteracias, gerando ao mesmo tempo necessidade de novas e outras ações de alfabetização. Com este trabalho tentamos ir ao encontro de uma sociedade de informação, de modo a que esta cumpra a sua potencialidade integradora, intensificando também a sua capacidade de gerar e promover participação. Santos (Santos, 2010) alerta que a melhor forma de “enriquecer a nossa relação com o mundo” (Santos, 2010, p. 56) é se conseguirmos recuperar o senso comum. E foi assim que começou a ser pensado o projeto, conseguir combater a exclusão ou esse sentimento através de ferramentas informáticas. Para desenhar o projeto foi necessário interpretar o que era negociado com os atores/autores. Nas reflexões interpretativas destas vontades foi fundamental a existência de um “diálogo

com o conhecimento científico” (Santos, 2010, p. 56). É necessário reforçar que todo o projeto, desde o desenhar até ao desenvolvimento, foi também um processo de negociação de forma a que estes atores/autores não se sentissem desmotivados. Com este processo de negociação o projeto tornou-se uma aventura em que a investigadora atreveu-se a assumir e a gerir toda a insegurança que este lhe poderia causar. A incerteza é, neste caso, algo a ter em conta num processo participativo que o seja realmente, por acautelar e preservar a margem de imprevisibilidade inerente à ação e resposta de cada sujeito ou coletivo.

A Educação Social esteve nos “alicerces” de toda a intervenção. A investigadora, desde o início, envolveu e envolveu-se na realidade a investigar para conseguir trabalhar “com” os atores e “construir laços” e desta forma planear em conjunto para atingirem a mudança social. Estas/es intervenientes devem ter como prática a reflexão de forma a aperfeiçoar a sua intervenção e ter por hábito uma análise sistémica onde exista uma interação entre a teoria e a prática.

Para reforçar o trabalho social desenvolvido foi privilegiada a metodologia de investigação ação participativa. Assim este projeto foi fluido e dinâmico, isto é, apesar de ter momentos próprios para cada uma das etapas de avaliação, usando o modelo CIPP, não as percecionou como etapas estanques mas sim como momentos de aperfeiçoamento de toda a intervenção. Esta metodologia além de ser uma investigação ação também é reforçada com a participação para que todas as pessoas ao sentirem-se envolvidas desde o início no projeto e ao sentir que a sua “opinião” conta para o planear se sintam motivadas para o desenvolver.

A intervenção foi desenvolvida com pessoas de uma Comunidade de Inserção. Estas pessoas estão em situação de pobreza, exclusão ou até marginalização social e existe a necessidade de realizar um trabalho social para serem dadas respostas de forma integrada e conduzi-las à inserção social.

O projeto “Uma Casa na Invicta”, nome escolhido para o blogue construído, foi um projeto planejado “com” as pessoas que usufruem dos serviços da Casa da Amizade. Assim, como referenciado ao longo do relato as pessoas e, principalmente, os atores que também são autores deste projeto durante a análise da realidade mostraram o seu interesse nas aprendizagens em ferramentas de informática. No seguimento desta vontade pensou-se com todos os intervenientes que o projeto teria que ter a ação - Oficina de Informática. Depois de “quebrar-se o gelo” e de estes atores perceberem que nesta intervenção o participar não era só “tomar parte” mas também era “fazer parte” e “ter parte” de todo o processo, fez com que estes baixassem as suas defesas. A participação foi o eixo central de toda a intervenção, pois foi uma forma de motivar todos os envolvidos e desafiar cada um deles a ter um posicionamento para conseguirem ser sujeitos ativos na sua transformação.

A intervenção utilizou estratégias de educação/formação informal de adultos, pois os atores/autores envolveram-se no projeto de forma voluntaria e não existia uma obrigatoriedade de cumprir metas, etapas ou regras. Foi um projeto em que era realizado um trabalho individualizado respeitando as diferenças e os tempos de aprendizagem de cada um. A educação foi encarada valorizando todas as aprendizagens que obtiveram ao longo da vida de forma que estes valorizem as suas competências e saberes. Também foram incitados a refletir criticamente sobre as vivências e aprendizagens adquiridas.

DESAFIOS E DIFICULDADES DO TRABALHO SOCIAL

Depois de realizar o projeto de educação e intervenção social e este relato, sinto necessidade de ter um momento de reflexão sobre os desafios e dificuldades que o profissional experimenta ao querer desenvolver um trabalho que privilegie a participação de todos os envolvidos.

Sete meses para desenvolver um projeto social em que é preciso conhecer a realidade, envolver e envolverem-se na realidade, no desenho e no desenvolvimento do projeto, é pouco tempo. Todos os envolvidos passaram por vários processos onde surgiram obstáculos, em muitos casos são obstáculos produzidos por cada um de nós. Neste processo o apoio da DT e a abertura que esta proporcionou para que fosse possível o envolvimento de todos, foi um grande trunfo. É que, normalmente, as entidades desvalorizam todo este “processo de interação” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 56) para a construção de um projeto participado em que todos/as os/as atores se sintam envolvidos/as e implicados/as em todo o processo. Esta desvalorização não parte dos/as profissionais que trabalham no terreno, mas de todo um aparelho burocrático, que tende a impor-se aos projetos, e conseqüentemente as metas e objetivos que são necessários alcançar.

A desvalorização e toda esta política de subsídios leva a que a maior parte dos/as profissionais da área social optem por caminhos facilitados para programar o plano de atividades. Assim, mesmo tentando obter as opiniões e vontades de cada um/a dos/as atores o plano de atividades, normalmente, é pensado e discutido pela equipa, sem que os/as participantes tenham “uma palavra a dizer”. Em alguns dos casos, aquando da apresentação deste plano ao grupo de atores/as existe a possibilidade de melhorar as atividades ou até de acrescentar novas.

Na maior parte dos casos, as atividades desenvolvidas passam por trabalhos manuais, fichas de atividades que ajudem a desenvolver a concentração, agilidade mental ou cultura geral. Algumas instituições propõem e desenvolvem atividades ligadas ao teatro, música ou desporto. Mas, se as pessoas não se sentirem implicadas/comprometidas com este plano, tornasse complicado estes/as quererem fazer parte deste processo e isto provoca aos/as profissionais o sentimento de falha.

O trabalho de um/a profissional de Educação Social deve ser um trabalho próximo da realidade e de toda a sua dinâmica quotidiana mas, as tarefas burocráticas que são necessárias desenvolver para justificar os subsídios faz com que estes/as profissionais fiquem sobrecarregados/as e, assim, fiquem com falta de espaço/tempo para conseguirem desenvolver um projeto participado.

A Educação Social deve desenvolver um trabalho mais próximo do educativo e cortar as amarras do trabalho assistencialista, para tal, torna-se necessário um compromisso educativo. Timóteo e Bertão (Timóteo & Bertão, 2012) mencionam que para isto ser possível é necessário existir “uma ação dupla”:

[...], por um lado, exige uma ação orientada para o desenvolvimento, com um papel activo dos sujeitos no processo de superação das suas dificuldades sociais, nomeadamente através da sua participação na vida comunitária e social; por outro lado, exige uma ação orientada para a mudança da realidade social injusta e com uma maior incidência sobre as causas que geram essas mesmas desigualdades. A participação social, como eixo central da ação social e educativa, é perspetivada como um direito de cidadania. (Timóteo & Bertão, 2012, p. 15)

Neste sentido, para atingir a mudança social é necessário pensar em respostas sociais através de projetos que promovam a autonomia do sujeito. É necessário provocar a participação destes/as em todo o processo. Para que essa participação exista é necessário estimulá-los/as e leva-los/as a refletir sobre as

necessidades do quotidiano para conseguirem organizar os seus pensamentos e assim terem uma “voz ativa” no processo de construção do trabalho que será pensado e desenvolvido “com” todos/as. Desenvolver atividades com os/as atores/as/autores/as de todo o processo leva-os/as a sentirem-se motivados/as e provoca-lhes a vontade de desenvolverem as suas competências.

Estes projetos deverão ser o mais participados possível, partem de um estudo holístico do contexto, capaz de despertar diálogos e interpretações dos diferentes atores sociais acerca da (sua) realidade social, de identificar necessidades, recursos e potencialidades.

Seguindo a espiral da pesquisa, procura-se construir reflexão a partir da e na ação, identificando necessidades de pesquisa que qualificam a própria reflexão e revertem a favor da ação, num movimento semelhante ao que se pretende que a Educação Social construa na relação com a realidade social. Um projecto sólido na sua fundamentação, pertinência e coerência interna, e simultaneamente aberto na forma como se organiza, flexível e permeável à participação de novos atores-autores, à identificação de novas necessidades e às constantes mutações sociais. Um projecto igualmente transformador e transformativo. (Timóteo & Bertão, 2012, pp. 18-19)

Foi esta a base do projeto aqui apresentado. Muitos destes projetos que envolvem desde o início todos/as os/as intervenientes são projetos isolados, muitas vezes desenvolvidos por estagiários/as ou por profissionais que os produzem só para responder a um compromisso profissional ou académico. O que os tornam projetos pontuais. Para todos/as os/as envolvidos/as é frustrante quando um projeto termina tendo sido este desenvolvido e comprometido, desde o início, com todas as pessoas da realidade, e estas tornaram-se autoras do projeto. Estes projetos respondem às necessidades da realidade e os/as atores/as estão implicados a melhorar as suas competências e capacidades, pois este foi um processo desenvolvido “com” todos/as. Os/as diretores/as deveriam refletir em conjunto com todos os implicados antes de fecharem o projeto, dar

atenção e valorizar o trabalho desenvolvido “com” as pessoas. As pessoas em situação de exclusão/ marginalização social têm interiorizado um “*status* desvalorizado”, uma autoimagem negativa, ao sentirem a desvalorização das entidades aos projetos construídos “com” elas faz com que estas percam a vontade de lutar e conseguir a mudança.

É necessário também que o educador social analise criticamente as situações em que se encontra tendo em conta os valores e ética profissional de forma a tomar decisões refletidas. Para tal, é necessário que nestas reflexões o educador/a reconheça que “a sua responsabilidade nestes processos, ilustra o profissional reflexivo que se pretende que seja o educador social.” Assim, devem-se confrontar consigo próprios, “nomeadamente com os seus códigos implícitos, onde as emoções jogam um papel determinante”; como também se necessário deve existir a “confrontação com a sua equipa de trabalho e com os princípios da instituição em que se enquadra”; sempre que pertinente identificar os “dilemas éticos que emergem no quotidiano”; tal como a “complexidade das contradições que lhes são inerentes” (Timóteo & Bertão, 2012, p. 21).

Para todos/as os/as atores/as/atores/as destes projetos, principalmente em situações em que as vulnerabilidades em que estes/as vivem os/as rotulam de excluídos/as ou de marginais, torna-se prudente que o projeto “saia de portas”. Que os/as envolvidos/as percecionem que os seus feitos estão a ser visionados por outras pessoas, sendo que algumas nem os/as conhecem.

O trabalho social só é valorizado quando traz contrapartidas, monetárias ou mediáticas, para as instituições ou autarquias, num status quo que permanentemente o põe em causa. Trata-se também de perceber até que ponto é realista a ambição de que, a partir de um terreno realmente participado e inclusivo, em vez do trabalho social ser posto em causa pelo status quo, seja o status quo posto em causa pelo trabalho social. De forma necessariamente modesta, este trabalho inscreve-se também nesta hesitação.

REFERÊNCIAS

- Ander-Egg, E., & Idáñez, M. A. (n/d). *Como elaborar um projecto - Guia para desenhar projectos sociais e culturais* (16ª ed). Lisboa: Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social.
- Araújo, M. C., & Coutinho, C. P. (2009). A Iniciativa Novas Oportunidades e o combate à info-exclusão da população adulta. *Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*. 10, 1-11.
- Barros, R. (2011). *Genealogia dos Conceitos em Educação de Adultos: da Educação Permanente à Aprendizagem ao Longo da Vida - Um estudo sobre os fundamentos político-pedagógicos da prática educacional*. Lisboa : Chiado Editora.
- Barros, R. (2014). Educar para a emancipação social - Notas sobre o conservadorismo e a praxis conscientizadora. *Atas do XII Congresso da SPCE*, 2851-2868.
- Bordenave, J. (1994). *O que é participação* (8ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (1997) *Meditações Pascalianas*. Oeiras: Celta Editora.
- Boutinet, J.-P. (1990). *Antropologia do Projecto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Capucha, L. (1999). Grupos desfavorecidos face ao emprego : Tipologias e quadro básico de medida recomendadas. In L. Capucha (org), *Grupos desfavorecidos face ao emprego : Tipologias e quadro básico de medida recomendadas* (pp. 19-25). Lisboa: IEFP.
- Carvalho, A. D., & Baptista, I. (2004). *Educação Social - Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Cembranos, F., Montesinos, D. H., & Bustelo, M. (2010). *La animación sociocultural: una propuesta metodológica*. Espanha: Editorial Popular.
- Costa, A. B., Baptista, I., Perista, P., & Carrilho, P. (2012). *Um Olhar Sobre a Pobreza - Vulnerabilidade e Exclusão Social no Portugal Contemporâneo* (4ª ed.). Lisboa: Gradiva.

- Costa, A. F. (2014). A Pesquisa de Terreno em Sociologia. In A. S. Silva & J. M. Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (16ª ed., pp. 129-148). Porto: Edições Afrontamento.
- Demo, P. (1988). *Participação é conquista*. São Paulo: Cortez Editora.
- Direcção-Geral da Solidariedade e Segurança Social. (2014). *Guião Técnico*. Obtido em 06 de Dezembro de 2016, de http://www.seg-social.pt/documents/10152/51600/Comunidade_insercao/bd11265a-7490-457b-84d5-e30253fba1ae
- Fernandes, A. T. (1991). Formas e Mecanismos de Exclusão Social. *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia, Série I*, vol. 1, 9-66.
- Figueira, M. L., Sampaio, D., & Fernandes, J. C. (1996). Esquizofrenia e outras perturbações psicóticas. In M. L. Figueira, D. Sampaio, J. C. Fernandes, & J. C. Fernandes (Eds.), *DSM - IV Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. A. Baptista, & A. P. Vieira, Trans. 4ª ed., (pp. 279 - 292). Lisboa: CLIMEPSI EDITORES.
- Freire, P. (1979). *Conscientização - Teoria e Prática da Libertação*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- Gómez, J. A., Freitas, O. M., & Callejas, G. V. (2007). A educação como processo de desenvolvimento. In J. C. Gómez, O. P. Freitas, & G. V. Callejas (Eds.), *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local* (pp. 159-243). Porto: Profedições.
- Guerra, I. C. (2010). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção - O Planeamento em Ciências Sociais* (2ª ed.). Cascais: Príncípa.
- Instituto Nacional de Estatísticas. (2009-2014). Obtido em 29 de Maio de 2016, de Censos 2011: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros

- Jodelet, D. (1999). Os processos psicossociais da exclusão. In B. Sawaia (Ed.), *As artimanhas da exclusão - Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (2ª ed., pp. 53-66). Petrópolis RJ: Editora Vozes.
- Lima, R. (2003). Investigação participativa. *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra. Desenvolvimento Local – Investigação Participativa Animação Comunitária*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Mendes, L. (2015). As novas fronteiras da gentrificação. *Le monde diplomatique*, 105, 8-10.
- Neves, T., Cruz, I. & Silva, M. R. (2010). A pobreza e a exclusão social. In T. Neves, I. Cruz, & M. R. Silva (Eds), *Acção Local no Combate à Pobreza e Exclusão Social* (pp. 16-21). Porto: LEGIS.
- Park, P. (2006). Qué es la investigación-acción participativa. In K. Lewin, S. Tax, R. Stavenhagen, O. F. Borda, L. Zamosc, S. Kemmis, & A. Rahman (Eds), *La investigación-acción participativa* (pp. 119-151). Venezuela: Editorial Popular.
- Paugam, S. (2003). Fragilidade e aprendizagem da desqualificação social. In S. Paugam (Ed), *A desqualificação social - Ensaio sobre uma nova pobreza* (pp. 51-73). Porto: Porto Editora.
- Pinto, J. M., & Pereira, V. B. (2007). Classes, relações de habitus e efeitos de lugar - Um estudo sobre sociabilidades, estilos de vida e anomia no centro do Porto. *Cadernos de Ciências Sociais*, 24, 113-148.
- Queirós, J. (2007). Estratégias e discursos políticos em torno da reabilitação de centros urbanos - Considerações exploratórias a partir do caso do Porto. *Sociologia, problemas e práticas*, 55, 91-116.
- Queirós, J. (2013). Precariedade habitacional, vida quotidiana e relação com o Estado no centro histórico do Porto na transição da ditadura para a democracia. *Análise Social*, 206 (1), 102-133.

- Queiroz, M. C., & Gros, M. C. (2002). Comunidade de vizinhança e dinâmicas de identificação. In M. C. Queiroz, & M. C. Gros (Eds.), *Ser jovem num bairro de habitação social* (pp. 163-183). Porto: Campo das Letras.
- Rodrigues, E. V., Samagaio, F. M., Ferreira, H., Mendes, M. M., & Januário, S. P. (1999). *A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras.
- Santos, B. d. (2010). *Um Discurso sobre as Ciências* (16ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Segurança Social. (12 de 11 de 2016). *Segurança Social*. Obtido de Segurança Social: <http://www.seg-social.pt/familia-e-comunidade>
- Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de projectos sociais - Casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Stufflebeam, D. L. (1987). La evaluación orientada hacia el perfeccionamiento. In D. L. Stufflebeam, & A. J. Shinkfield (Eds), *Evaluación sistemática. Guía teórica y práctica* (pp. 175-233). Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica.
- Teixeira, J. M. (2000). Diagnóstico duplos: Toxicodependências e Perturbações Psiquiátricas. *Saúde Mental: Revista*. 2 (5), 9-16.
- Timóteo, I., & Bertão, A. (2012). Educação Social transformadora e transformativa: clarificação de sentidos. *Sensos*. 2(1), 1-26.

ANEXOS E APÊNDICES

ÍNDICE

ANEXO 1 - BROCHURA CSPNSV	86
ANEXO 2 - REGULAMENTO INTERNO DA CASA DA AMIZADE	103
ANEXO 3 - PLANO DE ATIVIDADES	114
APÊNDICE I – ANÁLISE DE DADOS RECOLHIDOS DOS PROCESSOS DOS/AS ADULTOS/AS QUE USUFRUEM DOS SERVIÇOS DA CASA DA AMIZADE	120
APÊNDICE II – AVALIAÇÃO DE CONTEXTO	131
APÊNDICE III – DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO	132
APÊNDICE IV – AVALIAÇÃO DE ENTRADA - QUADRO 4 – TABELA DE AVALIAÇÃO DE ENTRADA	133
APÊNDICE V – DESCRIÇÕES DE SESSÕES POR AÇÕES	134
APÊNDICE VI – MANUAL DE INFORMÁTICA	186
APÊNDICE VII – EXERCÍCIOS PROPOSTOS	193
APÊNDICE VIII – GUIÕES DE ENTREVISTA	197

ANEXO 1 - BROCHURA CSPNSV



A nossa Missão

Activar e mobilizar a participação de todos os actores tendo em vista reforçar uma identidade local capaz de, colectivamente, quebrar o ciclo de pobreza e exclusão social da população, promovendo o desenvolvimento sócio-económico da comunidade da freguesia da Vitória, em todas as dimensões e áreas de actividade

Pautada pelos valores da: **IDENTIDADE , PARTICIPAÇÃO e AUTONOMIA**

Em suma, a origem e desenvolvimento da Organização foi sempre pautada pela criação de respostas que visem melhorar as condições de vida da população local, numa perspectiva de desenvolvimento integral da mesma, surgindo, assim, novas formas, práticas e dimensões de actuação em função de "novas" necessidades manifestadas.



Onde nos inserimos

O Centro Histórico do Porto, e a freguesia da Vitória em particular, constitui-se como uma zona urbana degradada em que na génese dos processos de exclusão e pobreza se encontram fenómenos como: a degradação habitacional; a mutação das estruturas familiares tradicionais; os comportamentos desviantes; o desemprego e situações de emprego precário; o elevado insucesso e abandono escolar; os baixos níveis de qualificação profissional ou desqualificação de antigos trabalhadores devido a processos de modernização tecnológica, contribuindo para a manutenção das situações de vulnerabilidade social e económica que caracterizam esta população.

Destes factores, salientamos aqui, as baixas qualificações, quer escolares, quer profissionais, que conduzindo à perpetuação das situações de pobreza conduzem, igualmente, à reprodução destes ciclos junto da população mais jovem, comprometendo o seu investimento num futuro profissional e social onde imperam mecanismos de dependência face ao sistema social, bem como de uma economia paralela e de comportamentos desviantes.



Informação Organizacional

Número médio de Colaboradores: **46**

Número médio de Voluntários: **50**

Embora o Centro Social tenha sido fundado, por erecção canónica, em 1986, a sua génese remonta já a meados do século, ao ano de 1951, instituindo-se o então "Patronato". De facto, a Organização, foi evoluindo e desenvolvendo novos Acordos que lhe foram permitindo dar respostas aos problemas sociais que então foram emergindo.

Assim, conforme o art.4 dos referidos Estatutos na medida em que a prática o aconselhe e as possibilidades o permitam, o Centro, para prosseguimento dos seus objectivos, poderá criar e manter outras respostas sociais e serviços.



Respostas sociais

(Serviços / Nº de clientes)

Creche / **15 crianças**

Jardim de Infância / **22+ 22 = 44 crianças**

CATL p/ Extensão de Horário e Interrupções Lectivas / **30 crianças**

CATL c/ Funcionamento Clássico / **40 crianças e jovens**

Comunidade de Inserção / **40 Sem Abrigo**

Centro de Convívio / **30 séniores**

Centro de Dia / **25 idosos**

Serviço de Apoio Domiciliário / **15 famílias**

Lar / **10 idosos**

Intervenção Comunitária - Centro Comunitário (**regime de porta aberta**)

Espaço de Serviços de Saúde Integrals e Continuados do CSPNSV / **para Idosos c/ mais de 65 anos da freguesia da Vitória**



Creche e Jardim de Infância

A Creche e Jardim de Infância traduzem as primeiras respostas sociais no desenvolvimento dos nossos clientes. É neste primeiro estágio que acolhemos, amamos e respeitamos os mais pequenos beneficiários dos nossos serviços. Ajudá-los a desenvolverem-se de forma harmoniosa, integral e estruturada é, pois, o nosso grande objectivo. Proporcionar o bem-estar e desenvolvimento integral das crianças num clima de segurança afectiva e física; colaborar estreitamente com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo das crianças; colaborar de forma eficaz no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência assegurando o seu encaminhamento adequado, são pois os objectivos específicos que pretendemos atingir na Creche e Jardim de Infância.

Estas Estruturas constituem em si mesmo os primeiros passos da nossa Organização – o Antigo Patronato situado na Rua S. Bento da Vitória, 10. Actualmente, Educadoras, Auxiliares e Direcção Técnica mobilizam esforços diários no sentido de criar respostas educativas e pedagógicas que maximizem as potencialidades físicas, intelectuais, sociais e sentimentais das suas crianças.

Local: Rua de S. Bento da Vitória nº10 – 1º



Casa Jovem

A Casa Jovem é uma das estruturas que desenvolve um trabalho transversal a toda a organização pretendendo ser um **Polo de Desenvolvimento Integral**.

Acolhemos mais por gestos do que por palavras.

A criança/jovem é convidada a participar na transformação da sua vida, tendo oportunidade de crescer passando por experiências diferenciadas, sendo a alternativa à civilização baseada no sucesso e no consumo.

Recebemos crianças e jovens em **Centro de Actividades de Tempos Livres**, articulando com as famílias, os estabelecimentos de ensino e outras entidades significativas para a educação, e a comunidade e respondendo à necessidade de um lugar seguro e de confiança em que crescem e se divertem ocupando o tempo livre deixado pela escola e onde também são apoiados nas tarefas escolares.

Pensando nas **famílias** e e na sua **integração social, comunitária e desenvolvimento pessoal**, promovemos a formação para a saúde, a educação financeira e para a cidadania.

Os momentos de convívio e encontro são importantes na vida desta Casa.

Orgulha-se de ser um espaço de encontro, promotor do desenvolvimento integral pautado pelos valores humanos e universais.

Local: Rua dos Caldeireiros, no 227 – 229



Casa da Amizade

Comunidade de Inserção

A Casa da Amizade, tal como o próprio nome indica, é uma resposta social, que tem como um dos seus objectivos, proporcionar aos seus clientes o estabelecimento de relações interpessoais significativas, já que estes são, na sua maioria pessoas sem-abrigo, que perderam o contacto com as suas famílias. Este espaço, compreende um conjunto de acções integradas, com vista à inserção social, das pessoas que, por determinados factores, se encontram em situação de exclusão ou de marginalização social.

A comunidade de inserção tem como objectivo principal, promover o desenvolvimento bio-psico-social, através de diversas acções de apoio integrado, desenvolvidas com base nas suas necessidades concretas.

Serviços Prestados:

- Serviço de refeições;
- Balneário;
- Lavandaria;
- Apoio e acompanhamento psicossocial;
- Desenvolvimento de actividades de carácter lúdico-recreativo;
- Acções de Informação/sensibilização.

Local: Travessa das Taipas nº3



Centro de Convívio

Em funcionamento desde 7 de Abril de 1989, numa sala que faz parte da magnífica Igreja Paroquial da freguesia da Vitória, é um espaço muito significativo para quem o frequenta e onde se têm vivido momentos muito especiais e marcantes nos idosos desta comunidade.

Nesta estrutura, as pessoas têm acesso a um conjunto de actividades sócio-recreativas e culturais, organizadas e dinamizadas com a sua própria participação e de acordo com as suas sugestões e afinidades.

Evitar a solidão incentivando a participação e potencializando os saberes de cada indivíduo são objectivos que estão sempre presentes.

Tal como o nome indica, aqui o convívio, a partilha, a entreatajuda são palavras-chave para se viver de forma mais rica e estimulante.

Serviços Prestados:

- Apoio psicossocial;
- Lanche
- Desenvolvimento de Actividades Socioculturais

Local: Rua da Vitória



Centro de Dia

Com esta resposta social, queremos contribuir para que as pessoas encontrem, uma alternativa à solidão e isolamento, sendo um espaço de acolhimento e de participação. Tem como preocupação prestar serviços adaptados às necessidades básicas pessoais, como a alimentação, a higiene, e actividades sócio - culturais, num ambiente de conforto e verdadeiro calor humano.

Esta estrutura tem capacidade para 25 pessoas, com as quais, de forma dedicada e trabalhando no sentido de se garantir a máxima qualidade, temos uma perspectiva pró-activa, dinâmica e contínua, encarando o sénior como igual, como alguém que tem todo um conjunto de somatórios importantes, com respeito e apostando na possibilidade de construção de novos projectos de vida. Desta forma valorizamos o reforço da cidadania das pessoas idosas envolvendo-as num leque variado de actividades ocupacionais, recreativas e culturais, às quais têm acesso ao integrarem esta estrutura.

Serviços prestados:

- Fornecimento e apoio na alimentação
- Assistência medicamentosa;
- Apoio psicossocial;
- Tratamento de Roupas
- Higiene pessoal
- Actividades sócio-culturais

Local: Rua de S. Miguel nº9 /11



Serviço de Apoio Domiciliário

Com uma equipa dedicada e empenhada que deixa em cada lar, diariamente, um sorriso e boa disposição, o Serviço de Apoio Domiciliário (S.A.D.) é uma resposta social que presta cuidados personalizados no domicílio, a pessoas e famílias que se encontram em situação de especial vulnerabilidade ou com autonomia limitada.

Funcionando todos os dias do ano, sem interrupção, esta resposta é considerada por muitas pessoas em situação de dependência como uma forma de continuarem inseridas no seu meio habitual de vida, rodeadas dos seus afectos e pertences, com possibilidade de novos relacionamentos facultados pelas nossas colaboradoras, podendo constituir para muitas dessas pessoas o único elo de ligação com o exterior, onde a qualidade da intervenção é uma exigência tida em conta permanentemente.

Serviços Prestados:

- Cuidados de imagem e higiene pessoal;
- Fornecimento e apoio na alimentação;
- Higiene habitacional;
- Tratamento de roupas;
- Apoio psicossocial



Lar

Esta resposta social, em funcionamento desde 2008, veio colmatar uma lacuna que há muito se exigia na freguesia da Vitória. Com elevada qualidade de equipamento e com um atendimento personalizado, no auge das suas vidas valorizamos e homenageamos cada cliente com o nosso cuidado, hospitalidade, acolhimento e afecto.

Com capacidade para apenas 10 idosos, embora integrando a resposta social de Centro de Dia, o Lar do CSPNSV, é um espaço muito familiar e acolhedor, onde se geram dinâmicas ocupacionais ao longo da semana que se dividem em várias áreas: **Espaço Memória; Espaço Movimento; Espaço Artes; Espaço Cultural**, etc.

Serviços Prestados:

- Serviço de refeições;
- Cuidados de saúde, higiene e conforto;
- Tratamento de roupas;
- Apoio psicossocial;
- Actividades de animação sócio-cultural, recreativa e ocupacional.

Local: Rua de S. Miguel nº9 / 11



Centro Comunitário

Tendo a **família** como foco prioritário da sua acção, o Centro Comunitário tem como princípio essencial a organização de respostas integradas, que respondam às necessidades globais da comunidade. As ideias-força que o orientam são: **eleger a pessoa e a família como primado das acções e protagonistas essenciais do seu desenvolvimento. Privilegiar o trabalho em rede articulando com as diferentes instituições criando um sistema de parcerias na base da co-responsabilidade e da cooperação, para assim se rentabilizarem os recursos.**

O centro comunitário do CSPNSV é transversal a todas as respostas sociais tradicionais e contribui para a criação de condições que possibilitem aos indivíduos, o exercício pleno do seu direito de cidadania e apoia as famílias no desempenho das suas funções e responsabilidades, reforçando a sua capacidade de integração e participação social. Através do atendimento em Serviço Social, no Gabinete de Psicologia ou mesmo na preparação de uma actividade para celebrar um dia festivo, o C.C. deve proporcionar uma integração social que possibilite o desenvolvimento de novas formas de viver e estar, baseadas nomeadamente, na informação, animação, motivação, conhecimento, apoio, afecto, responsabilização e acção, promovendo novas formas de solidariedade. Pode desempenhar um papel fundamental para a consolidação e criação de laços a nível local.

Actividade / Serviços Prestados:

- Animação Sócio - Cultural
- Serviço Social
- Serviço de Psicologia
- Formação & Emprego
- Intervenção Familiar

Local: Rua S. Miguel nº 44 / Casa Jovem – Rua dos Caldeireiros nº 227/229

Espaço de Serviços de Saúde Integrais e Continuados do CSPNSV

Este Espaço de Serviços de Saúde Integrais e Continuados do CSPNSV consiste numa pequena unidade funcional multiprofissional (médicos, enfermeiro e administrativo), com autonomia funcional e técnica, que presta cuidados de saúde primários personalizados, num quadro de contratualização interna, envolvendo objectivos de acessibilidade, adequação, efectividade, eficiência e qualidade. Configura um modelo organizacional leve e flexível e está integrada em rede com a unidades funcional do centro de saúde da Carvalhosa e Aníbal Cunha.

Este Espaço funciona ao abrigo do Acordo de Cooperação entre a ARS do norte e o CSPNSV, em que este está autorizado a assegurar a prestação de cuidados de saúde integrais e continuados a todos os reformados e idosos.



A Instituição e a Qualidade

A Organização encontra-se envolvida num processo interno de qualificação, que vem a dotá-la de instrumentos que lhe permitem desenvolver formas de actuação com um nível elevado de qualidade e envolvimento de todos.

Este facto justifica, por si só, o esforço que o Centro Social tem vindo a desenvolver no sentido de se integrar o mais possível na dinâmica de qualificação e melhoria das suas práticas de actuação.

O desenvolvimento e envolvimento dos participantes, a aprendizagem, inovação e melhoria contínua, o trabalho em parceria e a responsabilidade pública são conceitos de referência do Modelo de Avaliação da Qualidade que estamos a instaurar e fortalecer no âmbito da prática de actuação da Organização.

Este objectivo de melhoria contínua constitui um ponto forte, associado ao facto de termos já desenvolvido algum trabalho neste domínio no âmbito do Projecto de Qualificação iniciado em **2006 /Projecto Acreditar** e continuado no **Projecto QUAL/IS em 2009**, e participando no **Programa de Gestão e Qualidade** sob coordenação da **ENTRAJUDA em 2012**.

Estes ensaios desenvolveram na equipa de colaboradores uma sensibilidade para a necessidade e relevância do processo de qualificação ao qual nenhum elemento pode ficar alheio.



Parcerias

Em toda a sua forma de actuação, e independentemente das áreas ou públicos a que se dirige, o Centro tem como preocupação central na sua intervenção a abertura ao meio e à comunidade envolvente. Falamos aqui não apenas das estruturas sociais, como também das Estruturas formativas, Empregadoras, de Saúde, ou da Justiça ou estruturas educativas.

De facto, a implementação de redes de parceria e colaboração constituem, na nossa perspectiva, a única forma eficaz de intervenção, permitindo a maximização de recursos, saberes e experiências. Esta é uma preocupação constante quer na elaboração de projectos comunitários (formativos ou não), quer nas práticas e rotinas diárias de actuação.

O facto de trabalharmos com uma população em risco social traduz, em si mesmo, a obrigatoriedade de trabalhar com outras estruturas e organismos.

Muitos são os particulares /empresas que vêm a contribuir para a construção da realidade que somos e estamos abertos a todos os contributos daqueles que querem abraçar a nossa Missão.



Rua S. Bento da Vitória, 2
4050-542 Porto
Telefone: 22 332 30 29
cspnsv@cspnsv.org



ANEXO 2 - REGULAMENTO INTERNO DA CASA DA AMIZADE



Regulamento Interno

Centro Social Paroquial de
Nossa Senhora da Vitória

Casa da Amizade

Comunidade de Inserção

Índice

CAPÍTULO I – Disposições Gerais

CAPÍTULO II – Processo de Seleção, Candidatura e Admissão dos Clientes

CAPÍTULO III – Instalações e Regras de Funcionamento

CAPÍTULO IV – Direitos e Deveres

CAPÍTULO V – Mensalidades e Bens do Cliente

CAPÍTULO VI – Disposições Finais



Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória
Casa da Amizade- Comunidade de Inserção

REGULAMENTO INTERNO

CAPÍTULO I

Disposições Gerais

Norma I

Âmbito de aplicação

O Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória, adiante designado por CSPNSV, com acordo de cooperação para a Resposta Social de Casa da Amizade/ Comunidade de inserção, celebrado com o Instituto de Segurança Social, IP, rege-se pelas seguintes normas.

Norma III

Objetivos do regulamento

O presente Regulamento Interno de funcionamento visa:

- a. Promover o respeito pelos direitos dos clientes e demais interessados;
- b. Assegurar a divulgação e o cumprimento das regras de funcionamento do estabelecimento/estrutura prestadora de serviços;
- c. Promover a participação ativa dos clientes ou seus representantes legais ao nível da gestão da resposta social de da Casa Amizade/comunidade de inserção;
- d. Regulamentar a atividade e funcionamento do Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória na resposta social de Casa Amizade/comunidade de inserção, com vista a uma maior qualificação dos serviços prestados;
- e. Uniformizar os critérios de admissão dos clientes nesta resposta social.

Norma IV

Objetivos da Casa da Amizade

Constituem objectivos da Casa da Amizade/Comunidade de inserção:

- a) Responder às necessidades de pessoas que se encontrem em situação de exclusão social;
- b) Melhorar a qualidade de vida das pessoas sem-abrigo;
- c) Desenvolver acções preventivas contra a marginalização;
- d) Fomentar e desenvolver o relacionamento do grupo com a comunidade e a família, sempre que se detecte a existência de algum familiar;
- e) Diminuir o sentimento de solidão;
- f) Exercitar o "saber - fazer", fomentando, desenvolvendo e valorizando em relação a uma futura organização de uma actividade profissional;

Imp

- g) Fomentar e apoiar a construção de projectos de vida.

Norma V

Serviços prestados e atividades desenvolvidas

1. O CSPNSV, através da sua Resposta Social de Casa da Amizade/Comunidade de Inserção prevê a prestação de um conjunto diversificado de cuidados e serviços em função das necessidades dos clientes.

2. Os cuidados e serviços prestados pela Casa da Amizade/ Comunidade de Inserção devem ser disponibilizados todos os dias da semana, garantindo também, fins-de-semana e feriados.

3. A Casa Amizade/comunidade de inserção, deve reunir condições para desenvolver como principais serviços:

- a) Fornecer um serviço ao nível da satisfação das necessidades básicas, nomeadamente, refeições, balneário e lavandaria;
- b) Fomentar e apoiar a reconstrução de projectos de vida; promovendo sempre que possível o relacionamento do grupo com a comunidade e família;
- c) Desenvolver actividades ocupacionais de forma a fomentar a sua participação e diminuir o sentimento de solidão e isolamento;
- d) Estabelecer articulação e encaminhamento para outras unidades e valências que dêem continuidade ao processo de desenvolvimento de competências pessoais, sociais e profissionais;
- e) Implementar estratégias de articulação com os serviços comunitários de forma a desenvolver e conseguir os apoios complementares.

4. Serviços existentes:

- a) Alimentação;
- b) Lavandaria;
- c) Balneário;
- d) Atividades Lúdico- Recreativas;
- e) Ações de informação e de formação;
- f) Acompanhamento psico-social, com vista a integração na comunidade e, sempre que possível, na família.

CAPÍTULO II

Processo de Seleção, Candidatura e Admissão dos Clientes

Norma VI

Condições de Admissão

1. São condições de admissão necessárias à frequência desta Resposta Social:

- a. Ter, independentemente da idade, carências que possam ser supridas pelos serviços disponíveis na Casa da Amizade;
- b. Serem encaminhados pelos serviços de ação social local/ Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-abrigo.
- c. Não ser portador de qualquer doença infecto-contagiosa em fase ativa ou de foro psíquico não compensado que possa prejudicar a saúde, estabilidade ou convívio com os demais colaboradores.
- d. Assinatura do Contrato e aceitação do presente Regulamento;

Norma VII

Crêterios de Sele o

1. São cr terios de prioridade na sele o dos clientes:
 - a. Estar em situa o de risco social e/ou familiar, nomeadamente: situa es de isolamento social, carência econ mica, negligência e maus-tratos, incapacidade ou inexistência de cuidadores para prestar o apoio necessário;
 - b. Ser encaminhado por outros serviços da comunidade;
 - c. Ordem de inscri o
 - d. Outros que o CSPNSV considere pertinente após avalia o do processo;

Norma VIII

Candidatura

1. Para efeitos de admissão, o cliente deverá candidatar-se através do preenchimento de uma ficha de inscri o onde constem dados de identifica o relativos ao cliente e   família e que constitui parte integrante do processo de cliente, devendo fazer prova das declara es efetuadas, mediante a entrega de cópia dos seguintes documentos:
 - a) Cartão de Cidadão do cliente ou;
 - b) Bilhete de Identidade
 - c) Cartão de contribuinte
 - d) Cartão de beneficiário
 - e) Cartão de Cliente do Serviço Nacional de Saúde e de todos os subsistemas aos quais o cliente eventualmente pertença;
 - f) Declara o médica em caso de patologia que determine a necessidade de cuidados especiais;
 - g) Declara o médica sobre a situa o do candidato relativamente a doenças infeto-contagiosas em fase ativa;
 - h) Declara o da farmácia da despesa mensal com medica o cr nica;
 - i) Recibos relativos a despesas saúde;
 - j) Comprovativo atualizado dos rendimentos do cliente ou declara o de presta o de A o Social;
 - k) Outra documenta o que se justifique solicitar;
2. Em caso de admissão urgente mediante análise e parecer da Dire o, poderá ser dispensada a apresenta o de candidatura e respetivos documentos probatórios. Todavia deve ser iniciado logo que possível, o processo de obten o dos dados em falta para que haja um dossier completo.
3. O período de candidatura decorre a todo o tempo, tendo em conta as condi es específicas de funcionamento do estabelecimento.

Norma IX

Admissão

1. Recebida a candidatura, esta   analisada pelo responsável técnico desta Resposta Social, a quem compete elaborar proposta de admissão e submete-la   decisão da Dire o.
2.   competente para decidir a Dire o do CSPNSV.

3. Da decisão será dado conhecimento ao cliente.

4. A admissão na Resposta Social só se torna efetiva mediante a assinatura de um contrato de prestação de serviços.

Norma IX

Processo Individual e Plano de Desenvolvimento Individual

Cada cliente possui um processo individual, no qual consta, para além da sua identificação pessoal, elementos sobre a sua situação social e financeira, bem como o seu Plano de Desenvolvimento Individual (PDI). Este é elaborado com a colaboração do cliente, de acordo com as suas necessidades e potencialidades, bem como, com a avaliação do técnico responsável pela resposta social. As estratégias propostas no PDI visam à definição de projetos de vida. Neste processo o utente é chamado a participar de forma ativa tendo que comprometer-se a cumprir o que for estabelecido no período de tempo combinado.

CAPÍTULO III

Instalações e Regras de Funcionamento

Norma X

Instalações

1. O Centro Social Paroquial Nossa Sr.ª da Vitória tem a sua sede na Rua de S. Miguel, nº 44 – 4050 Porto, onde funcionam os serviços administrativos e serviços de apoio técnico. O equipamento social para a resposta social de Casa da Amizade/ Comunidade de Inserção, está sediada na Travessa das Taipas, 3, 4050-601 Porto.

Norma X

Alimentação

1. **Horário de Funcionamento:** O serviço de refeições funciona 365 dias por ano, entre as 11:00h e as 20:00h. O horário das refeições é o seguinte:
 - a) O Almoço decorre no período das 12:30h às 13:30h tendo os utilizadores de entrar até às 13:00h;
 - b) O Lanche é servido às 16:00h;
 - c) O Jantar decorre entre as 18:30h e as 20:00h tendo os utilizadores de entrar até às 19:00h.
2. **Faltas:**
 - a) Havendo faltas consecutivas por mais de 5 dias sem justificação, a inscrição do beneficiário fica automaticamente suspensa, dando a possibilidade de entrar quem esteja em lista de espera.
 - b) A reentrada neste espaço fica sujeita à existência de vagas e a reavaliação da situação por parte da técnica responsável
3. **Ementas:**
 - a) As ementas das refeições são afixadas no hall de entrada, no painel de informações para que possa ser consultada pelos clientes.

Norma X
Ações de informação e de formação

As ações de informação/formação desenvolvem-se de forma esporádica partindo dos interesses, motivações e potencialidades manifestados pelos clientes.

Norma X
Acompanhamento psico-social:

1. Ao técnico responsável pela resposta social cabe garantir a qualidade técnica do diagnóstico de cada situação, bem como, o seu acompanhamento/ avaliação;
2. É também da responsabilidade do técnico assegurar e promover a colaboração com outras entidades;
3. O técnico responsável pela resposta social realiza atendimentos aos clientes e/ou famílias ou representantes legais, sempre que seja necessário;

Norma XIV
Passeios e deslocações em grupo

Sempre que ocorram passeios ou deslocações para o exterior os clientes serão avisados com a devida antecedência. A responsabilidade dos clientes numa saída ao exterior é da responsabilidade do próprio, exceto no caso em que estes não se encontrem nas posse de todas as suas faculdades mentais ;

Norma XIX
Quadro de Pessoal

O quadro de pessoal desta Resposta Social está afixado no hall da entrada, no painel de informações, contendo a indicação do nº de recursos humanos, formação, definido de acordo com a legislação específica para as I.P.S.S (contrato Colectivo de Trabalho). Qualquer assunto relativo ao pessoal será tratado de acordo com a mesma legislação.

Norma XX
Responsabilidade Técnica

1. A Direção Técnica da Resposta Social de Casa da Amizade/ Comunidade de Inserção é assegurada por um Técnico com formação superior em ciências sociais e do comportamento, saúde ou serviços sociais e, preferencialmente, com experiência profissional para o exercício das funções.
2. Ao Diretor Técnico compete:
 - a. Desenvolver um modelo de gestão adequado ao bom funcionamento da Casa da Amizade;
 - b. Supervisionar os critérios de admissão, conforme o disposto no regulamento interno;
 - c. Promover a melhoria contínua dos serviços prestados e a gestão de programas internos de qualidade;
 - d. Gerir, coordenar e supervisionar os profissionais;
 - e. Implementar programas de formação, inicial e contínua, dirigidos aos profissionais;
 - f. Assegurar a interlocução com outras entidades e serviços, tendo em conta o bem-estar dos clientes;

3.O Nome do Diretor Técnico da Resposta Social está afixado no hall de entrada, no painel de informações:

CAPÍTULO IV
Direitos e Deveres

Norma XXI
Direitos dos Clientes

1.São direitos dos Clientes:

- a. A prestação a todos os serviços contratualizados;
- b. Ser tratado com respeito e reconhecimento na sua dignidade e individualidade por qualquer elemento do CSPNSV;
- c. Respeito pela sua privacidade e pelas suas convicções religiosas e políticas;
- d. Ver salvaguardada a sua segurança e bem-estar respeitando a sua integridade física e moral.
- e. Ser assistido, de forma pronta e adequada, em caso de ocorrência de acidente ou doença subitamente manifestada no decorrer das atividades;
- f. Dar opinião, apresentar críticas e sugestões relativas ao funcionamento do CSPNSV, sendo envolvido nas políticas de melhoria contínua da qualidade e ser ouvido em todos os assuntos que justificadamente forem do seu interesse;
- g. Beneficiar de um acompanhamento especializado o mais precoce possível, em função das necessidades manifestadas pelo cliente.
- h. Informação sobre qualquer alteração das regras de funcionamento da Casa da Amizade/ Comunidade de Inserção

Norma XXII
Deveres dos Clientes

1.São deveres dos Clientes:

- a. Tratar com respeito todos os elementos do CSPNSV e demais clientes;
- b. Cumprir com as normas da Resposta Social de acordo com o estipulado no Contrato e Regulamento Interno;
- c. Efetuar mensalmente o pagamento da comparticipação que lhe está atribuída, de acordo com a tabela em vigor e prazos estabelecidos;
- d. Zelar pela conservação e boa utilização dos equipamentos, instalações e demais bens que sejam confiados aos clientes pela instituição;
- e. Suportar os custos de substituição ou reparação dos equipamentos e ferramentas que utilizar, sempre que estes sofram danos resultantes de comportamento doloso ou gravemente negligente;
- f. Participar ao Diretor Técnico, qualquer alteração do seu estado de saúde, de dieta ou prescrição medicamentosa;
- g. Utilizar uma linguagem ajustada ao contexto e aos valores da instituição, que não ofenda ou agrida aqueles a quem se dirige;
- h. Ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres no âmbito dos serviços do CSPNSV;

Norma XXVII
Direitos dos Voluntários

São direitos dos Voluntários:

1. Ser tratado com respeito e reconhecimento na sua dignidade por qualquer elemento do CSPNSV;
2. Desenvolver um trabalho de acordo com os seus conhecimentos, interesses e motivações;
3. Ver salvaguardada a sua segurança e bem-estar respeitando a sua integridade física e moral;
4. Receber apoio no desempenho do seu trabalho com acompanhamento e avaliação técnica;
5. Participar das decisões que dizem respeito ao seu trabalho;

Norma XXVIII
Deveres dos Voluntários

São deveres dos Voluntários:

1. Respeitar a vida privada e a dignidade da pessoa;
2. Respeitar as convicções ideológicas, religiosas e culturais;
3. Guardar sigilo sobre assuntos confidenciais;
4. Aluar de forma gratuita e interessada, sem esperar contrapartidas e compensações patrimoniais;
5. Garantir a regularidade do exercício do trabalho voluntário

CAPÍTULO V
Mensalidades e Bens dos Clientes

Norma XXX

Definição da comparticipação e cálculo da mensalidade

1. As comparticipações são calculadas de acordo com a legislação / normativos em vigor, e encontra-se afixada no hall de entrada;

2. A comparticipação devida pela utilização dos serviços ou equipamento da Casa da Amizade é a seguinte:

2.1)- Alimentação: A comparticipação do utente é efetuada na base de 1.00€/dia para as três refeições: Almoço, lanche e jantar.

2.2.- Modalidades de Pagamento:

a) 30.00€/mês - 30 dias por mês, todas as refeições (almoço, lanche e jantar);

b) 22.00€/mês, nas seguintes situações:

- Uma refeição todos os dias do mês
- Só fim-de-semana (todas as refeições)
- 5 Dias por semana (Sem fim de semana)

c) **Pagamento ao dia**

1 €/Dia - correspondente a almoço, lanche e jantar de um dia;

c.1) Esse pagamento (1 €) será efetuado diariamente nos serviços administrativos (Rua de S. Miguel, 44), no seguinte horário: 10 h às 11:30 h e 16h às 17 h;

c.2) O pagamento das refeições terá que ser efetuado sempre no dia anterior, para poder realizar a refeição no dia seguinte.

c.3) Os utentes que realizarem as refeições ao fim de semana, terão de efetuar o pagamento das mesmas (Sábado e Domingo) durante o dia de sexta-feira no horário previsto.

c.4) Se não efetuar o pagamento da refeição no dia anterior, não poderá usufruir da mesma no dia seguinte.

d) O incumprimento no pagamento da comparticipação até ao dia 25 de cada mês implica a suspensão do serviço até que a situação seja devidamente regularizada.

2.3)- Lavandaria: Os utentes da Casa da Amizade e de outras respostas sociais do Centro participam de acordo com a quantidade de roupa entregue para tratamento, nos seguintes termos e montantes:

- a) € 1,00 Por cada quilo de roupa, até 10 Kg/mês;
- b) € 1,50 Por cada quilo de roupa acima de 10 Kg/mês.

2.4- Banheiro: O Serviço de banheiro tem como comparticipação, 0.50 Euros por cada utilização.

Norma XXXI

Pagamento da comparticipação

O pagamento das mensalidades deve ser satisfeito, tendo em conta os seguintes princípios:

1. Os pagamentos das mensalidades deverão ser feitos diretamente nos serviços administrativos da instituição, dentro do horário de expediente (9:00-12:30 / 14:00-17:30).
2. O cliente não poderá iniciar a frequência de um novo mês sem que todo o débito anterior esteja liquidado.
3. No caso de desistência após o início das atividades ou da prestação de serviços, em nenhuma situação serão devolvidas verbas já liquidadas.

Norma XXXII

Redução da comparticipação familiar

1. Em situação de ausência, devidamente justificada, entre 15 a 30 dias, haverá uma redução de 50% da mensalidade;
2. A Direção da Instituição poderá deliberar ajustar as reduções supra referidas, em cada caso concreto e por motivos económicos, familiares ou sociais.

Norma XXXIV

Situações especiais

A instituição poderá reduzir o valor, dispensar ou suspender o pagamento das participações familiares, sempre que, através de uma cuidada análise socioeconómica do agregado familiar, se conclua pela especial onerosidade ou impossibilidade.

Norma XXXV

Contrato

Nos termos da legislação em vigor, entre o cliente ou seu representante legal e a entidade gestora do estabelecimento/serviço é celebrado, por escrito, um contrato de prestação de serviços.

Norma XXXVI

Condições de Cessação e Rescisão do Contrato

O Contrato cessa no final de frequência da Resposta Social, podendo haver lugar a rescisão a todo o tempo por iniciativa de qualquer dos contratantes, devendo proceder-se à formalização dos motivos, que suportam a decisão de rescisão. No caso de ser denunciado pelo próprio, família ou representante legal, este deverá comunicar esse facto por escrito, ao Responsável da Comunidade de Inserção, com uma antecedência de 15 dias relativamente à data de desistência, explicitando os motivos pelos quais denuncia o referido contrato. A Entidade salvaguarda a denúncia de contrato por ausência prolongada superior a 60 dias seguidos, sem qualquer justificação, ou falta de pagamento por igual período, podendo disponibilizar, se assim, entender a respetiva vaga.

Haverá, ainda, lugar a rescisão de contrato sempre que ocorra incumprimento nas restantes regras de funcionamento constantes no presente Regulamento.

CAPÍTULO VI

Disposições Finais

Norma XXXVIII

Consequências por conduta inadequada

1. São motivos para a deliberação de suspensão e/ou expulsão de utentes de qualquer dos serviços da Casa da Amizade/Comunidade de inserção, o incumprimento deste Regulamento ou comportamento lesivo ao bom funcionamento e segurança.
2. Compete exclusivamente à Direção, a decisão da suspensão e/ou expulsão, após obter as informações técnicas e processuais, e ou comportamentais que entender necessárias.

Norma XXXVIII

Livro de Reclamações

Este estabelecimento dispõe de Livro de Reclamações que deve ser solicitado pelo cliente a um dos elementos do pessoal.

Norma XXXIX

Vigência e Alterações ao Regulamento

1. O presente Regulamento Interno entra em vigor após ter sido aprovado em reunião da Direção do Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória, podendo ser revisto sempre que se considere oportuno.
2. As alterações do regulamento interno são comunicadas ao Instituto de Segurança Social, I.P., bem como aos respetivos clientes/representante legal com uma antecedência de 30 dias em relação à data de entrada em vigor.

Norma XII

Entrada em Vigor

O presente Regulamento entra em vigor 26 /05 /2015

(A Direção do Centro Social Paroquial Nossa Senhora da Vitória)

(A Direção do Centro Social Paroquial Nossa Senhora da Vitória)

Declaro que me foi lido e explicado este regulamento, o qual vai por mim assinado nesta página e rubricado em todas as demais.

(Assinatura do cliente e/ou representante legal)

Porto, ____ de _____ de _____

ANEXO 3 - PLANO DE ATIVIDADES

PLANO DE ATIVIDADES COMUNIDADE DE INSERÇÃO - CASA DA AMIZADE

A casa da amizade constitui-se como uma resposta social a 40 pessoas que se encontram em situação de pobreza/exclusão social ou sem rede familiar, por forma a proporcionar um serviço de apoio psicossocial, promovendo a sua inserção e bem-estar pessoal.

2- Finalidade

Responder às necessidades de pessoas que se encontram em situação de exclusão social.

3 – Áreas de Intervenção

- Atividades de satisfação básica: refeições (almoço, lanche e jantar)
- Utilização dos balneários
- Serviço de lavanderia

4- Formas de intervenção:

- Atendimento individual (Atendimento social, consulta psicológica)
- Atividades de grupo (Dinâmicas de grupo, desenvolvimento momentos de partilha e reflexão de grupo, trabalhando e potenciando competências sociais e pessoais.)

5- Equipa Técnica:

- Diretora Técnica _ Técnica de Serviço Social – Elisabete Correia
- Psicóloga – Helena Ferreira
- Educadora Social – Manuela Santos

6- Restante equipa:

- Ajudante de Ação Direta – Assunção
- Auxiliar de Serviços Gerais – Fátima Silva
- Ajudante de lavanderia - Fátima Alves

- Lavadeira / engomadeira – Clemência

3- Objetivos Específicos e atividades

1. Garantir as condições básicas de sobrevivência

Acolhimento
Alimentação
Higiene

2. Proporcionar apoio psicológico e social às pessoas e famílias de modo a contribuir para o seu equilíbrio e bem-estar;

Atendimento/acompanhamento técnico suportado por programa individual, criação de condições que assegurem, numa perspetiva multidisciplinar, o equilíbrio psicológico e uma efetiva reinserção social, acompanhamento psicológico

3. Promover o desenvolvimento estrutural das pessoas e a aquisição de competências básicas e relacionais

Atividades adaptadas à população em presença que poderão ser realizadas individualmente ou em grupo nomeadamente: ateliers, grupos de autoajuda e educação para a saúde

4. Contribuir para o desenvolvimento das capacidades e potencialidades dos indivíduos, no sentido de favorecer a sua progressiva integração social e profissional

Encaminhamento/acompanhamento para a realização de atividades profissionalizantes, nomeadamente a integração em cursos de formação profissional do IEPF ou cursos Desenvolvimento de outras atividades que visem responder às necessidades específicas das pessoas e famílias

5. Promover o acompanhamento e apoio das pessoas, quer na fase de progressiva integração profissional e social, quer na fase final de autonomia.

Realização de sessões de informação e orientação no sentido do apoio à empregabilidade e acesso ao trabalho Realização de atividades ocupacionais com utilidade social, culturais e de lazer- Acompanhamento das pessoas aos serviços competentes sempre que necessário

5- Plano de Atividades por área de intervenção

	Atividades	Metodologia	Recursos
Psicologia	<p>1- Atualizar a informação ao nível da situação do utente do ponto de vista psicológico, verificando se há ou não necessidade de proceder a uma avaliação psicológica.</p> <p>2 - Elaboração da ementa mensal</p>	<p>1-Atendimento individual, registos, consulta psicológica, articulação com outras entidades, encaminhamento,</p>	<p>Psicóloga Helena Ferreira</p>
Serviço Social	<p>1- Realizar a gestão administrativa através das tarefas indicadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar as propostas dos candidatos encaminhados para a comunidade de inserção, tendo em conta os critérios definidos e decidir sobre a sua admissão, sempre que haja vagas; • Proceder à atualização da lista de espera; <p>• Manter atualizados os Dossiers técnicos bem como os 40 processos individuais dos clientes;</p> <p>• Elaborar a estatística mensal dos clientes que realizam as refeições na Comunidade de inserção, para depois a colega responsável enviar a Segurança Social;</p> <p>• Elaborar mapas de presenças mensais para registos aos clientes que vem realizar as refeições à CA;</p> <p>• Assentura de processo individual, através do preenchimento da ficha de inscrição e recolha de documentação;</p> <p>• Manter organizados e atualizados os processos individuais aos clientes;</p>	<p>- Entrevista individual; - Informações sociais por parte das entidades que encaminham os clientes; - Critérios de prioridade; - Contatos telefónicos para verificar a necessidade e interesse em continuar na lista de espera; - Critérios de prioridade;</p> <p>2.Registo em mapas mensais;</p> <p>3. Atendimento individual para auscultação das necessidades e interesses dos utentes com os seguintes procedimentos: 1. Acolhimento 2. Diagnóstico de necessidades; 3. Acompanhamento psicossocial; 3. Definir um plano de inserção 4. Acompanhamento e avaliação da situação</p>	<p>Técnica Serviço Social e Educadora Social</p> <p>Técnica Serviço Social e Educadora Social</p>

	<p>6. Assegurar a gestão dos recursos humanos afetos à comunidade de inserção.</p> <p>7. Organização do espaço e manutenção dos recursos materiais</p>	<p>10. Elaborar mapa de horário de trabalho mensal. Elaborar mapa de férias; Elaborar ausências de serviço;</p> <p>11. Zelar pela higiene, limpeza e conservação das instalações e do equipamento. Limpezas semanais gerais 2 x por semana</p>	<p>Técnica Social</p> <p>Técnica Social</p> <p>Serviço</p> <p>Serviço</p>
--	--	--	---

Plano das Atividades Ocupacionais

Ações / Objetivos	Atividades/ Metodologias/ Recursos	Calendário
<p><u>História Local</u></p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Promover um espaço de informação e de estimulação do gosto pela história local - Fomentar o trabalho de grupo - Estimular formas diversas de pesquisa - Potenciar e partilhar os conhecimentos de cada elemento 	<p><u>Atividades</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Sessões estruturadas sobre um tema específico da história da cidade • Visualização de vídeos variados sobre a história do Porto • Leitura de textos: jornais, revistas, livros, etc • Pesquisa na internet • Fichas pedagógicas 	1 x por semana
<p><u>Espaço Memória</u></p> <p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver um espaço de estimulação cognitiva - Manter e melhorar as funções cognitivas - Desenvolver competências de memorização, atenção e concentração - Estimular o raciocínio e a resolução de problemas - Desenvolver exercício de cálculo, de escrita e leitura 	<p><u>Atividades</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Realização de jogos de estimulação cognitiva: atenção, concentração, memória recente, memória remota, etc. • Ex: labirinto; jogos de letras; charadas; palavras cruzadas • Realização de jogos didáticos • Realização de Fichas pedagógicas 	1 x por semana
<p><u>Som da Riva</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver competências pessoais e sociais - Promover o trabalho em equipe e espírito de grupo - Promover o gosto pela música - Estimular a criatividade - Trabalhar registo e responsabilizar 	<p><u>Atividades</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Ensaios e espetáculos • Atividade organizada e dinamizada pelo Serviço educativo de Casa de Música, cujos ensaios se realizam à 4ª feira na rua dos Mercadores e são abertos à população sem-abrigo e não só. • As músicas, as letras são co-construídas pelos participantes e pelos músicos liderados pelo maestro Jorge Piñeros. 	1 x semana
<p><u>Desafios Culturais e cívicos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Promover um espaço de informação, sensibilização e debate sobre temas culturais e atualidades. - Incentivar à reflexão e troca de opiniões - Promover a socialização - Desenvolvimento de competências pessoais, sociais e profissionais - Fomentar as relações interpessoais e o sentido de pertença 	<p><u>Atividades</u></p> <p>Visualização de filmes e/ou documentários</p> <p>Apresentação de powerpoint's educativos sobre temas a trabalhar</p> <p>Pesquisa sobre diferentes temas:</p> <p>O mundo que nos rodeia: meio-ambiente; geografia; atualidade política e social; saúde, etc.</p> <p>Debates</p> <p>Reflexão</p> <p>Dinâmicas de grupo</p> <p>Dinamização do Jornal de Parede</p>	1 x semana

<p><u>Partilhando Saberes</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Incentivar a partilha de saberes e conhecimentos - Desenvolver competências pessoais e sociais - Envolver os elementos do grupo na dinamização de sessões específicas - Aumentar a auto estima dos clientes 	<p><u>Atividades:</u></p> <p>Workshop de pintura, escultura, trabalhos manuais, entre outros temas, dinamizados pelos clientes da casa que mostrem determinadas aptidões que queiram partilhar com os outros elementos</p>	<p>1 x mês</p>
<p><u>Atelier do Jornal</u></p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Estimular a escrita -Promover o interesse pela informação - Promover a socialização e coesão grupal - Estimular a curiosidade e o interesse pela divulgação de notícias - Estimular a Responsabilização 	<p><u>Atividades:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Escrever pequenos artigos • Tirar e selecionar fotografias • Realizar o calendário de aniversários • Destacar as atividades do centro • Organizar uma área mais lúdica, com adivinhas e anedotas 	<p>1 x semana</p>
<p><u>Dinâmica de Grupo</u></p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sensibilizar e promover o diálogo grupal - Gestão de conflitos - Promover a aprendizagem de vida quotidiana -Promover a interação grupal e a empatia 	<p><u>Atividades:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Abordagem e discussão de diversos temas pertinentes para o dia-a-dia dos clientes, como por exemplo vida familiar, rotinas diárias, competências sociais, comportamentos, vida profissional, entre outros... 	<p>1 x mês</p>

O Plano de Atividades Ocupacionais está em aberto para outras sugestões e oportunidades que possam surgir decorrentes do quotidiano e de sugestões dos clientes da Casa.

APÊNDICE I – ANÁLISE DE DADOS RECOLHIDOS DOS PROCESSOS DOS/AS ADULTOS/AS QUE USUFRUEM DOS SERVIÇOS DA CASA DA AMIZADE

Quadro 1 – Tabela de dados dos/as clientes¹

Nome	Sexo	Data de Nascimento	Situação face ao emprego	Habilitações literárias	Doenças e/ou problemáticas sociais diversas	Vulnerabilidades	Potencialidades	Observações
FMR	M	31/10/1973	Pensionista por invalidez	9º Ano incompleto	Perturbação-compulsiva Doença bipolarII	Baixa autoestima	Autonomia	
DMS	M	21/09/1967	Desempregado	4º Ano	HIV Problemas pulmonares	Baixa qualificação profissional Ausência de expectativas Isolamento social	Baixo nível de despesa Hábitos de trabalho	
AJR	M	04/07/1970	Desempregado	4º Ano // 6º Ano	Alcoolismo	Baixa escolarização Baixa qualificação profissional Baixa autoestima	Hábitos de trabalho Aptidão evidente p/ a ativ. Desp. Bom nível de informação Capacidade de gestão de conflitos Capacidade para gerir recursos Capacidade para utilizar recursos existentes Consciência dos problemas	Já tinha sido utente em 2006. A sua maior preocupação é trabalhar e aproveitar todos os "biscates" que lhe surgem.

¹ Esta tabela foi utilizada como apêndice no trabalho da Unidade Curricular (UC) de Desenvolvimento Local: Culturas e Identidades, claro está, se os gráficos são baseados nos dados que aqui se encontram, são parecidos com os gráficos utilizados nessa UC.

Nome	Sexo	Data de Nascimento	Situação face ao emprego	Habilitações literárias	Doenças e/ou problemáticas sociais diversas	Vulnerabilidades	Potencialidades	Observações
PJM	M	21/11/1969	Pensionista por invalidez	12º Ano Incompleto	Teve um linfoma que lhe conferiu grande debilidade física	Morte/Luto Doença	Bom nível de instrução Atitude participativa Boa autoestima Autonomia Bom nível de informação Capacidade de iniciativa Responsabilidade	
ECF	M	12/11/1982	Pensionista por invalidez	6º Ano	Psicose esquizofrénica diagnosticada em 2006 (despoletada, provavelmente, pelos consumos). Toxicodependência		Autonomia Consciência dos problemas	Começou a fumar haxixe com 12 anos. Pai suicidou-se, esta situação perturbou-o, foi internado nos meses de junho e julho/2015 no HML.
CMS	M	31/12/1976	Pensionista por invalidez	Nunca foi à escola	Trissomia 21	Atividades marginais Ausência/Insuficiência formação profissional Ausência de expectativas Isolamento social Morte/Luto Deficiência	Autonomia Responsabilidade	Viveu com a irmã que era toxicodependente e passava os dias na rua a mendigar.
RMM	M	27/02/1980	Desempregado	12º Ano Incompleto	Mental - psicótico (quadro deficitário nomeadamente a nível de interação social e nas questões de organização de práticas da vida diária)	Sem-abrigo Isolamento social	Bom nível de instrução Atitude participativa Autonomia	É uma pessoa isolada com manifestação de alguma desorganização ao nível social e pessoal.
BLC	M	05/06/1980	Desempregado	4º Ano	Mental Crónica Esquizofrenia Toxicodependência	Falta de hábitos de trabalho Baixa qualificação profissional Ausência de expectativas Baixa auto-estima Isolamento social	Consciências dos problemas Responsabilidades	Esteve internado no HML 5 meses. Não tem aspirações.

Nome	Sexo	Data de Nascimento	Situação face ao emprego	Habilitações literárias	Doenças e/ou problemáticas sociais diversas	Vulnerabilidades	Potencialidades	Observações
MAQ	F	26/12/1964	Desempregada	4º Ano	Síndrome depressivo Distúrbio ansioso Perturbação do sono	Falta de hábitos de trabalho Ausência/Insuficiente formação profissional Sem-abrigo Baixa autoestima Insuficiência de rendimentos	Atitude participativa Autonomia Capacidade para utilizar os recursos existentes Consciência dos problemas Responsabilidade	
JAT	M	11/04/1953	Reformado	6º Ano	Metastização cervical de neoplasia oculta já fez quimio e radioterapia Alcoolismo	Isolamento social	Saberes específicos	
VMC	M	20/12/1963	Desempregado	7º Ano	Seropositivo (faz retrovírus) Metadona Alcoolismo Toxicodependência	Atividades marginais Sem-abrigo Isolamento Social		Começou a fumar haxixe aos 13 anos. Esteve preso 8 meses em Custóias. Não consome desde 2009.
AGP	M	03/02/1953	Desempregado		Toxicodependência	Falta de hábitos de trabalho Baixa qualificação profissional Isolamento social	Bom nível de instrução Autodidatismo Criatividade profissional Habilidade manual Criatividade Imigrante com situação regularizada Responsabilidade Saberes específicos	Está a dinamizar o espaço de pintura às quintas-feiras
ALM	M	26/11/1953	Desempregado	4º Ano	Bronquite Coração (já teve um enfarte)	Atividades marginais Baixa qualificação profissional Sem-abrigo	Saberes específicos	Esteve detido até abril de 2013.
JFB	M	14/10/1959	Desempregado	8º Ano	Toxicodependência HIV	Ausência/Insuficiência formação profissional Baixa qualificação Sem-abrigo Ausência de expectativas	Autonomia	Metadona e retrovírus

Nome	Sexo	Data de Nascimento	Situação face ao emprego	Habilitações literárias	Doenças e/ou problemáticas sociais diversas	Vulnerabilidades	Potencialidades	Observações
MFT	F	09/04/1961	Desempregada	10º Ano	Doença hepática crónica Diabetes Toxicoddependência Alcoolismo	Falta de hábitos de trabalho Ausência de expectativas Isolamento social Morte/Luto	Baixo nível de despesas	No secundário teve os primeiros contactos com droga. Depois da morte do marido entrou numa fase de depressão e consumos (heroína e cocaína).
JAF	M	06/10/1966	Desempregado	4º Ano	Situação da perna a que vai ser operado	Baixa qualificação Acidente pessoal		Faz biscates. Arranjar trabalho.
JPP	M	28/03/1974	Desempregado	6º Ano	HIV Doença de natureza psíquica Toxicoddependência (desde adolescente)	Ausência/insuficiente formação profissional Baixa qualificação Desajuste psicossocial Isolamento social Morte/luto	Aptidão evidente para a atividade desportiva Carta de condução Consciência dos problemas	
MAM	M	30/03/1962	Desempregado	4º Ano	Hipertenso Alcoolismo	Atividades marginais Falta de hábitos de trabalho Ausência/insuficiência de formação profissional Baixa qualificação Ausência de expectativas Baixo autoestima Isolamento social	Responsabilidade	Mendicidade
MAV	M	18/02/1977	Desempregado	10º Ano	Esquizofrenia Hepatite C Toxicoddependência	Falta de hábitos de trabalho Ausência de expetativas Isolamento social Sem-abrigo		Atualmente mantém os consumos de haxixe e muito esporadicamente de cocaína.
MAL	F	28/08/1957	Pensionista por invalidez	2º Ano do Liceu	Doença mental	Desajuste psicossocial		Pensionista por invalidez há mais de 30 anos.
LMS	F	07/05/1959	Pensionista por invalidez	4º Ano	Psicose delirante crónica		Responsabilidade	

Nome	Sexo	Data de Nascimento	Situação face ao emprego	Habilitações literárias	Doenças e/ou problemáticas sociais diversas	Vulnerabilidades	Potencialidades	Observações
DAD	M	30/04/1980	Desempregado	4º Ano	Défice cognitivo	Dificuldades aprendizagem /atraso desenvolvimento Falta de hábitos de trabalho Ausência/insufic. Form. Prof Baixa qualificação Ausência de expectativas Isolamento social Baixo autoestima Incapacidade de aproveitar/gerir recursos existentes		
LEZ	M	03/04/1980	Reformado	9º Ano	Esquizofrenia	Baixa qualificação Ausência de expectativas Baixa autoestima Desajuste psicossocial Isolamento social	Recursos económicos razoáveis Boas condições de habitação Com domicílio fixo Bom nível de informação Consciência dos problemas Responsabilidade	
JCS	M	18/04/1980	Pensionista por invalidez	6º Ano	Patologia psiquiátrica Toxicodependência	Baixa qualificação Ausência de expectativas Desajuste psicossocial Isolamento social	Baixo nível de despesa	Doente psiquiátrico desde final da adolescência. Vítima de maus tratos na infância; nunca teve boa relação com os pais. Arrumador de carros
JMA	M	04/03/1948	Pensionista por invalidez		Doença mental	Isolamento social		
PEM	M	22/07/1975	Pensionista por invalidez	12º Ano	Doença mental			Frequenta o centro de dia do HSJ onde participa em ativ.
CMC	M	15/11/1959	Pensionista por invalidez	3º Ano de Administração e Comércio	Esquizofrenia residual crónica com exacerbação aguda. Alcoolismo	Falta de hábitos de trabalho Isolamento social Morte/Luto	Autodidatismo Habilidade manual Saberes específicos	

Nome	Sexo	Data de Nascimento	Situação face ao emprego	Habilitações literárias	Doenças e/ou problemáticas sociais diversas	Vulnerabilidades	Potencialidades	Observações
MFM	F	11/08/1974	Desempregada	9º Ano	Alcoolismo	Atividades marginais Falta de hábitos de trabalho Ausência/insuficiência formação profissional Baixa qualificação Ausência de expectativas Baixa autoestima Desajuste psicossocial Discriminação política, religiosa, sexual Incapacidade de aproveitar/gerir recursos existentes Isolamento social	Imigrante com situação regularizada	Passa os dias a vaguear e a beber. Percurso de vida descendente, marcado pelo alcoolismo.
ARC	M	21/04/1959	Pensionista por invalidez	Analfabeto	Défice cognitivo (atraso intelectual) Epilepsia	Analfabetismo Dificuldade de aprendizagem/atraso desenvolvimento Ausência/insuficiência formação profissional Ausência de expectativas Isolamento social Deficiência		Tem vindo a adquirir competências sociais e pessoais que são muito importantes para o seu desenvolvimento.
GPS	F	07/07/1960	Pensionista por invalidez		Asma Problemas pulmonares HIV Cardíaca Toxicod dependência	Atividades marginais Ausência/insuficiente formação profissional Baixa qualificação		Fuma haxixe desde os 14 anos e aos 30anos experimentou heroína e cocaína.
AEG	F	03/07/1972	Desempregada	12º Ano		Ausência de expectativas Isolamento social	Aspirações profissionais	Sem percurso de toxicod dependência ou alcoolemia.

Nome	Sexo	Data de Nascimento	Situação face ao emprego	Habilitações literárias	Doenças e/ou problemáticas sociais diversas	Vulnerabilidades	Potencialidades	Observações
NCN	F	04/03/1964	Desempregada	4º Ano	Alcoolismo Bronquite asmática Diabetes Hipercolesterolemia	Ausência/insuficiência de formação profissional Baixa qualificação Ausência de expectativas Incapacidade de aproveitar/gerir recursos existentes Morte/luto		Mantém contacto com as filhas até costuma ir dar a ferro para casa de uma delas. Mantém contacto com o irmão que vive em Gaia.
FAC	M	09/11/1977	Desempregado	3º Ano do terceiro ciclo	Psicose		Hábitos de trabalho Aptidão evidente para a atividade desportiva Saberes específicos	
ASM	M	03/12/1953	Desempregado	4º Ano	HIV Osteoporose	Ausência/insuficiência formação profissional Baixa qualificação Isolamento social	Hábitos de trabalho	É o cuidador da esposa, LMS, que tem psicose delirante crónica.
SMV	M	10/05/1961	Desempregado	4º Ano	Toxicod dependência	Atividades marginais Falta de hábitos de trabalho Ausência/insuficiência formação profissional Baixa qualificação Ausência de expectativas Desajuste psicossocial	Aptidão evidente para a atividade lúdica Saberes específicos	Consumo de substâncias psicotrópicas, consome heroína fumada. Arruma carros. Toca viola.

Nome	Sexo	Data de Nascimento	Situação face ao emprego	Habilitações literárias	Doenças e/ou problemáticas sociais diversas	Vulnerabilidades	Potencialidades	Observações
VMC	M	16/08/1961	Desempregado	12º Ano (tirado na marinha)	Hepatite C Cancro de fígado Toxicodependência	Atividades marginais Sem-abrigo Isolamento social	Bom nível de instrução Valorização da vida escolar Condições p/ resolver ativ. própria Boa autoestima / Autonomia Bom nível de informação Capacidade de adapt.novas situaç Capacidade de iniciativa Capac. planejar e projetar o futuro Capacidade para gerir recursos Capac p/ utilizar recursos existentes Consciência dos problemas Motivação p/ processo de mudança Responsabilidade Saberes específicos	Foi detido por tráfico de droga em 1998 até 2005. Arrumador de carros.
OJS	M	23/07/1972	Desempregado		HIV Depressão reativa crónica Perturbação pós stress traumático	Ausência/insuficiência de formação profissional Baixa qualificação Ausência de expectativas Comportamentos violentos Desajuste psicossocial Isolamento social	Hábitos de trabalho Motivação para o processo de mudança (+/-) Responsabilidade (?)	Acidente de trabalho que o deixou em coma uns meses e ficou impedido de exercer a sua profissão. Isto levou-o a desenvolver problemas a nível psiquiátrico.
LMP	M	31/12/1972	Desempregado	9º Ano	Doença psíquica Toxicodependência	Baixa qualificação Ausência de expectativas Desajuste psicossocial Isolamento social	Aspirações profissionais Apt. evidente para a atividade desp. Autonomia Carta de condução Consciência dos problemas	O passado de toxicodependência levou-o a perder o emprego e a perder laços de amizade e familiares.

A tabela anterior é um resumo dos dados disponíveis nos processos individuais dos/as frequentadores/as dos serviços da CA. Esta foi elaborada de forma a conseguir extrair dados de análise sociodemográficos para esta investigação. É necessário reforçar a ideia que o primeiro contacto com esta realidade passou por contacto direto com os frequentadores da cantina social e só depois é que se passou para a análise dos processos individuais. Isto surge, porque a necessidade de conhecimento desta realidade deverá ser o mais completo possível. Normalmente, esta valência alberga quarenta pessoas, mas quando foi feito este levantamento de dados só existiam processos de trinta e oito pessoas.

O objetivo de executar esta análise prendesse com a necessidade de obter informação para poder caracterizar a realidade.

Caracterização Sociodemográfica

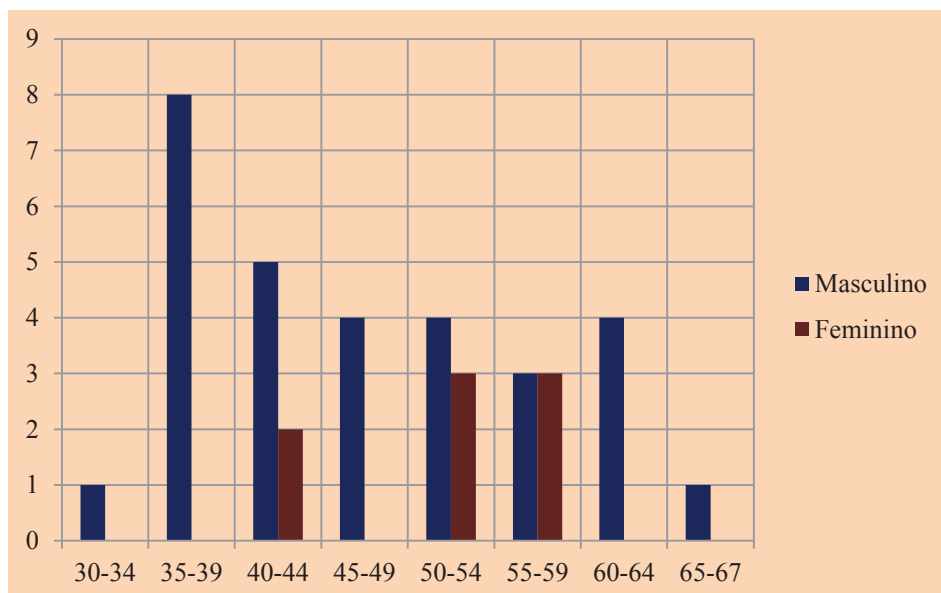


Gráfico 1 – Idade dos frequentadores por sexo

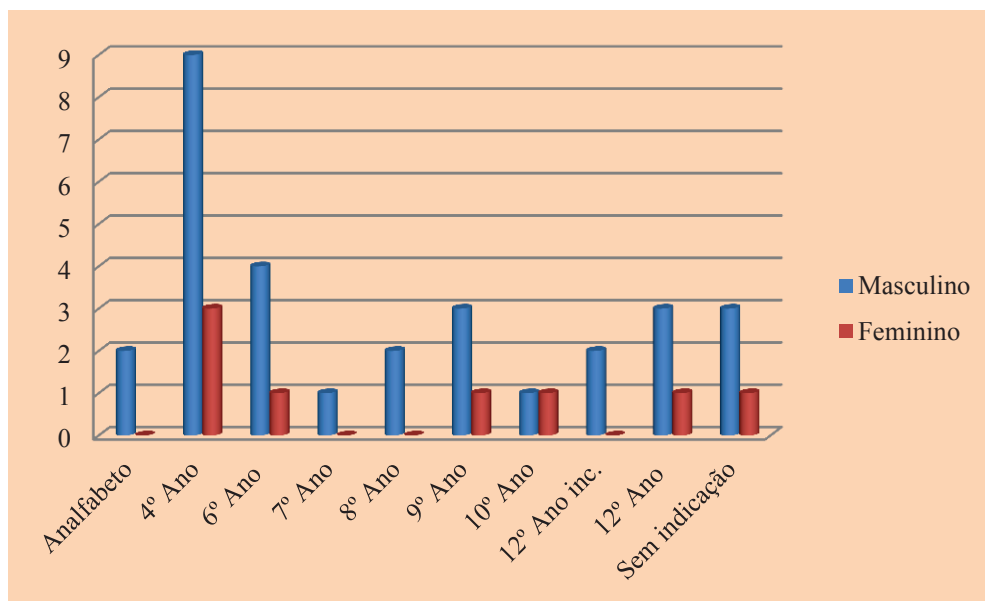


Gráfico 2 – Nível de escolaridade por sexo

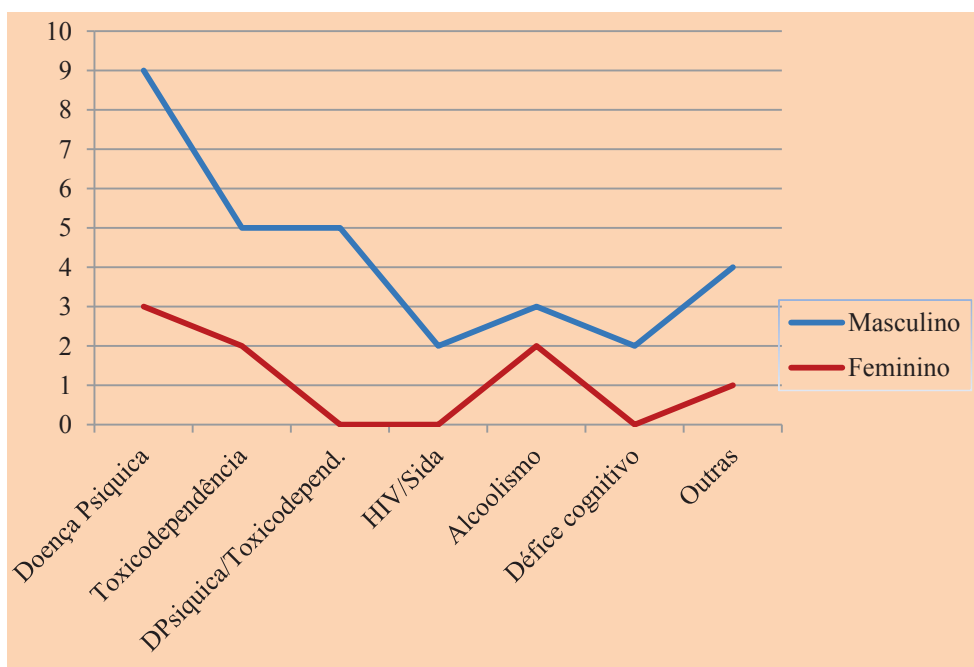


Gráfico 3 – Doenças e/ou problemáticas sociais diversas por sexo

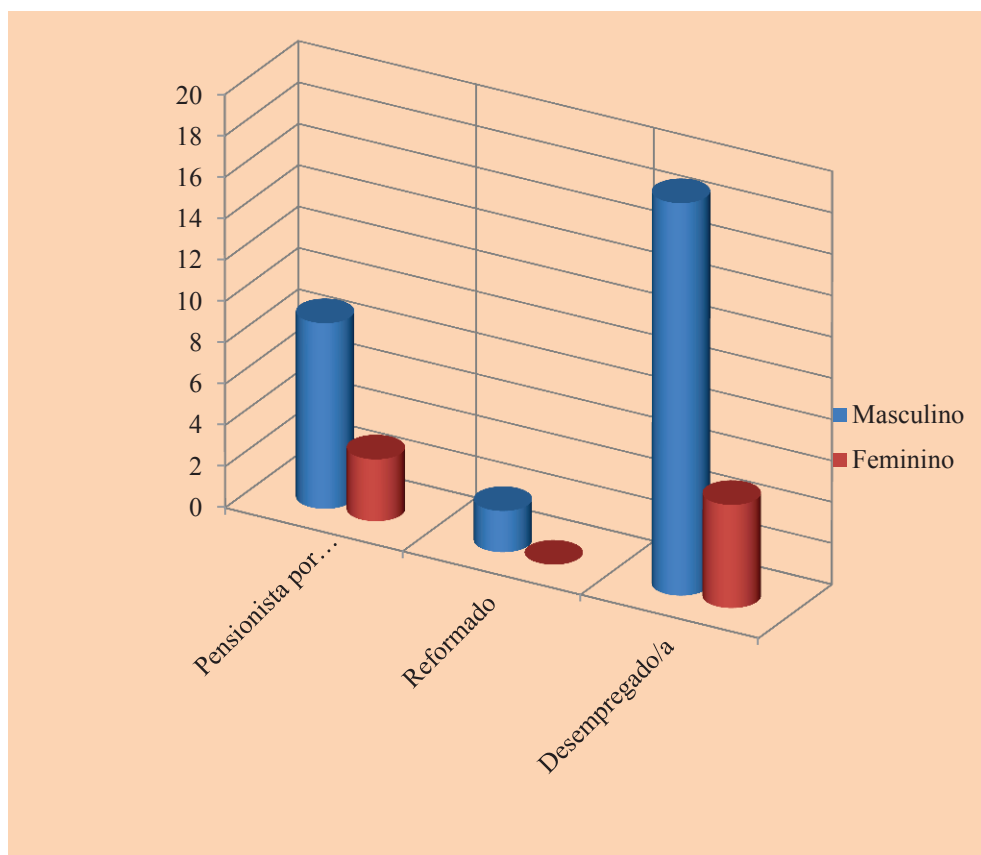


Gráfico 4 – Situação face ao emprego por sexo

APÊNDICE II – AVALIAÇÃO DE CONTEXTO

Quadro 2 – Tabela de avaliação de contexto

Problemas	Causas	Necessidades	Recursos / Potencialidades	Constrangimentos
<p>Problemas de saúde;</p> <p>Problemáticas sociais diversas;</p> <p>Baixos rendimentos e desemprego;</p> <p>Isolamento social;</p> <p>Pobreza;</p> <p>Exclusão social.</p>	<p>Portadores de doença psíquica;</p> <p>Comportamentos desviantes (toxicod dependência e alcoolismo);</p> <p>Trabalhos precários ou biscoates;</p> <p>Baixa escolaridade e falta de qualificação profissional;</p> <p>Ausência de expectativas;</p> <p>Desajuste psicossocial;</p> <p>Baixa autoestima.</p>	<p>Valorização das competências e aprendizagens de cada um;</p> <p>Aquisição de conhecimentos de ferramentas informáticas e internet;</p> <p>Promoção de espaços de partilha;</p> <p>Ativar redes de sociabilidade;</p> <p>Participação ativa para se sentirem motivados nas tarefas a desenvolver;</p> <p>Autoestima;</p> <p>Promoção de visitas para conhecer a cidade e sentirem que fazem parte desta;</p> <p>Integração.</p>	<p>Recursos endógenos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grupo de adultos; • Portáteis; • Sala; • Cadeiras e mesas; • Cadernos e canetas; • ... <p>Recursos exógenos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Monumentos históricos da cidade; • Convidados; • ... 	<p>As barreiras que o Presidente do CSPNSV possa colocar no desenrolar do projeto;</p> <p>Não ter autonomia para poder marcar visitas e convidar pessoas;</p> <p>...</p>

APÊNDICE III – DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Declaração

O Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória, situado na rua de S. Bento da Vitória n.º 2, com o código postal 4050-542, autoriza que Raquel Eduarda Mendes Dias no âmbito das unidades curriculares “Projeto” e “Seminário” do Mestrado em Educação e Intervenção Social – Especialização em Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, utilize o nome da instituição na produção de documentos para fins académicos e no Relatório Final do Projeto que será apresentado publicamente e, posteriormente, poderá ser disponibilizado no Repositório do Instituto Politécnico do Porto.

Diretor Técnico

Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória
Rua S. Bento da Vitória, 2
4050-542 Porto
Estrada da Vitória, 101
4050-542 Porto
Porto, 23 de Setembro de 2016

APÊNDICE IV – AVALIAÇÃO DE ENTRADA - QUADRO 4 – TABELA DE AVALIAÇÃO DE ENTRADA

Finalidade: Contribuir para a formação pessoal e social dos indivíduos numa perspetiva relacional e num enraizamento local e global.	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Ações	Atividades	Indicadores de avaliação
	1. Promover a participação e as competências de cada um para que se sintam motivados	1.1 Expressar dificuldades e adquirir aprendizagens	Oficina de Informática Oficina de Escrita	As atividades na ação <u>Oficina de Informática</u> surgiram da vontade de cada indivíduo para a aprendizagem de ferramentas informáticas. Na <u>Oficina de Escrita</u> , as atividades surgiram para colocar em prática todas as aprendizagens da oficina anterior e para se prepararem para as ações <u>Conhecer a Cidade</u> e <u>Invicta Amizade em Interação</u> . Aqui as atividades passaram por pesquisa de temas relacionados com futuras visitas ou conversas de forma a preparar a	O que querem aprender? O que já sabem e querem praticar? Quais as competências valorizadas e partilhadas? Temas que gostavam de abordar? Que histórias gostariam de partilhar? Quanto é que estão presentes? Sentem-se comprometidos e responsáveis?
		1.2 Valorizar e partilhar competências e conhecimentos adquiridos	Oficina de Informática Conhecer a Cidade Invicta Amizade em Interação Oficina de Escrita		
		1.3 Partilhar saberes e acontecimentos de forma a sentir que os mesmos são relevantes	Invicta Amizade em Interação Oficina de Escrita		
		1.4 Estimular a responsabilidade e compromisso	Oficina de Informática Conhecer a Cidade Invicta Amizade em Interação Oficina de Escrita		
	2. Reforçar e incentivar relações interpessoais	2.1 Valorizar os sentimentos e afetos na relação com os/as outros/as	Oficina de Informática Conhecer a Cidade Invicta Amizade em Interação	divulgação, as entrevistas, entre outras curiosidades. Também é-lhes proposto a construção de um texto com a finalidade de se colocar no blogue. Esse texto ou é uma reflexão ou um resumo sobre o tema proposto. As ações <u>Conhecer a Cidade</u> e <u>Invicta Amizade em Interação</u> proporcionaram a estes atores/autores o contacto com a cultura da cidade através de visitas a monumentos e de conversas com pessoas ligadas às artes.	Qual o número de participantes? Quantas pessoas é que incentivaram a participar nas atividades promovidas? Quais as competências de interajuda e respeito pelas limitações de cada um? Existiu trabalho de equipa?
		2.2 Desenvolver atitudes de compreensão e respeito pelos/as outros/as	Oficina de Informática Conhecer a Cidade Invicta Amizade em Interação		
		2.3 Potenciar o trabalho em equipa	Oficina de Informática Conhecer a Cidade Invicta Amizade em Interação Oficina de Escrita		
		2.4 Fortalecer as relações com os restantes atores/as do CSPNSV	Conhecer a Cidade Invicta Amizade em Interação		
	3. Estimular uma maior valorização para que se sintam integrados	3.1 Provocar a partilha de experiências	Oficina de Informática Oficina de Escrita	Nota: Estas atividades foram pensadas em conjunto e mediante necessidades e curiosidades de todos.	Existiu a construção de textos? Esses textos são reflexões das experiências vivenciadas? Foi construído um blogue? Partilharam lá os seus textos?
		3.2 Promover a capacidade de pesquisa e criatividade para construção de textos	Oficina de Escrita		
		3.3 Criar um meio informático que permita expressão, partilha e interação	Oficina de Informática Oficina de Escrita		

APÊNDICE V – DESCRIÇÕES DE SESSÕES POR AÇÕES

ACÇÃO: OFICINA DE INFORMÁTICA

Local: Sala de formação (Sede do CSPNSV)

Material: Portátil, tablet, cadernos e canetas.

Horário: 14:00 às 17:00 e sempre que necessário 10:30 às 12:00

Data: 23 de novembro de 2015

Participantes: FMR; RMM; PJM; CMS.

Descrição

Nesta primeira sessão foi feita a apresentação da Oficina de Informática. Foi necessário, em conversa com os presentes, perceber os conhecimentos que têm de programas informáticos e, também, o que gostariam de aprender, principalmente, internet.

Nesta sessão ficou definido o que abordaríamos na próxima sessão.

O CMS tem dificuldades em comunicar (tem dificuldades de aprendizagem e nunca andou na escola), por esse motivo, ficou a explorar um dos jogos didáticos que tinha no tablet.

Notas de campo

Apesar de estarem interessados em informática colocam sempre entraves de aprendizagem. Estes três, FMR, RMM e PJM, já tinham tido formação em informática. O RMM e o PJM costumam utilizar computadores, o FMR há muito tempo que não utiliza. Por não utilizar computadores há muito tempo o FMR descreve que tem muitas dificuldades e ao mesmo tempo sentem vontade

de aprender. Os três já têm endereços eletrônicos, mas o FMR não se lembra do seu endereço e muito menos da password.

De seguida, para começarmos a mexer nos portáteis, mostrei o motor de busca do Google e pesquisamos imagens da terra natal de dois dos atores. O PJM esteve a ver a sua aldeia na Guarda e mostrou-nos a sua terra e seus monumentos, aproveitou a falou-nos sobre a sua família, contou histórias. Em relação à aldeia Alentejana onde o RMM morou quando era mais novo não foi possível ver-se imagens. Para o CMS não se sentir excluído e também participar estivemos a ver a porta de sua casa que é aqui perto: Rua dos Caldeireiros.

Entretanto um dos atores questionou se era possível encontrar quartos para alugar utilizando a internet. Para lhe mostrar que era possível pesquisar quartos para alugar, em conjunto, fizemos uma pesquisa sobre quartos na cidade do Porto.

Data: 30 de novembro de 2015

Participantes: VMC; FMR; PJM; RMM; OJS; CMS; ARC

Descrição

Foi realizado um resumo do que se falou na sessão anterior.

A primeira matéria foi falar sobre motores de pesquisa, foi explicado para que servem e como pesquisar assuntos, o exemplo utilizado foi o GOOGLE. Praticaram fazendo algumas pesquisas.

Quem não tinha endereço eletrónico criou um no Gmail.com.

O CMS e o ARC, por causa das suas limitações realizaram atividades diferentes.

Notas de campo

A sessão iniciou com o desabafo do VMC. Este referiu que tinha muitas dificuldades em aprender informática, que não deveria conseguir trabalhar com essas ferramentas. Reforçou a ideia dizendo que já tinha aprendido alguma

coisa quando estive preso mas como depois nunca mais utilizou os computadores, neste momento nada sabia: - *Sinto-me frustrado*. O VMC mostrou bastante ansioso e falou sobre si de forma depreciativa, voltou a mostrar a sua frustração dizendo: - *Sou um burro... vou ter muitas dificuldades... será que consigo*.

Ao ouvir este discurso, existiu a necessidade de dar reforço positivo ao VMC e restantes atores. Ao dizer que ninguém é burro nem mesmo os animais com esse nome, todos riram e o VMC comentou que se costuma dizer: - *... que são muito espertos*.

Estas sessões de aprendizagem de informática surgiram das vontades que os atores, que neste momento participam nas sessões, expressaram quererem e por esse mesmo motivo estas sessões vou ser à medida das suas necessidades. O projeto avança e retrocede sempre que cada um dos atores/autores assim o exigir. Neste momento foi-lhes dito que estávamos ali todos para aprender e que íamos aprender uns com os outros.

Como não havia computadores para todos os presentes foram colocados a pares: VMC com RMM; OJS com FMR; PJM com ARC; o CMS esteve sozinho no tablet. Estes pares foram formados de forma estratégica:

- VMC como tem muitas dificuldades ficou a trabalhar com o RMM que tem alguns conhecimentos. O RMM consegue ajudar os outros quando solicitado mostra-se sempre disponível para mostrar aos outros sites que conhece e que possa ser útil para os restantes.
- FMR tem conhecimentos escassos como o OJS. Mas neste caso tentei que cada um, como não tinham, criassem uma conta de email.
- O PJM é muito individualista e gosta de fazer pesquisas sobre a sua terra, como este já tinha um endereço eletrónico e enviava emails, às vezes, deixei-o fazer as pesquisas que quisesse. Colocar o ARC com ele foi com o intuito de este se sentir integrado.

Como já referido, o VMC tem muitas dificuldades e estava muito ansioso. O RMM tem alguns conhecimentos que o faz não temer em se aventurar em pesquisas. Os dois trabalharam em equipa e isso ajudou a baixar a ansiedade do VMC. Mesmo assim, o VMC queria que eu estivesse disponível para todas as dúvidas que lhe surgiam, reagindo de forma negativa quando não lhe respondia prontamente. No início tornou-se violento nas palavras e na forma como verbalizava a falta de atenção que achava que estava a ter da minha parte. Foi necessário acalmá-lo e fazê-lo perceber que não era o único que tinha dificuldades. Era essencial que a atenção fosse dividida, o mais possível, do mesmo modo por todos os presentes. Aqui pedi que estes dois, o VMC e o RMM, trabalhassem em equipa e se ajudassem mutuamente.

No final da sessão, senti necessidade de abordar o comportamento do VMC com a DT. Esta alertou-me que o VMC é um caso em que devemos ter cuidado e perspicácia no trato, pois é uma pessoa que estava habituada a ser o melhor em tudo e quando se depara com algo que não aprende rápido torna-se irrequieto e agressivo.

Outra pessoa que se revela complicada é o OJS, pois está sempre a “mandar bocas” que diz que é a brincar. Nota-se o seu comportamento rebelde quando lhe é pedido que participe ou que pense em algo mais pessoal. Muitas vezes retraísse e mostra a sua desconfiança.

O ARC mostra sempre pouco interesse em realizar alguma atividade, à medida que se desenrolam as sessões estou a tentar perceber o que pode prender a sua atenção. Este caso é alguém que nunca foi à escola e o seu trabalho passa por pedir na rua. No seu processo dei conta que tem um grande défice cognitivo, que se comprova com o que se passa nas sessões.

Nesta sessão existiu muitas situações complicadas de gerir:

- O tempo que cada um dos grupos, de duas pessoas, passavam a escrever e trabalhar no portátil. Como só tenho três portáteis tive que colocar duas pessoas por portátil.

- A inserção do CMS e do ARC.
- Como estão, VMC, RMM, OJS, FMR e PJM, em patamares diferentes de aprendizagem e compreensão, às vezes é difícil responder a todas as dúvidas.
- Quando é necessário dar atenção a mais que um problema colocado por pessoas diferentes com características heterogéneas.
- Administrar o tempo que dou atenção a cada um dos participantes e conseguir responder a todas as suas dúvidas.

Data: 7 de dezembro de 2015

Participantes: RMM

Descrição

Pesquisas no Google. Aprender a utilizar o Drive do Gmail.com para gravar ficheiros e assim não necessitar de Pen e conseguir ter acesso através do endereço eletrónico aos seus ficheiros.

Conversa sobre outros assuntos.

Nesta sessão o RMM esteve a ver como funcionava o Drive. De seguida pediu para ver o seu email e os sites que seguia. Entretanto começou a falar sobre a sua história de vida.

Notas de campo

Já estava sobre aviso que nesta tarde poderiam aparecer uma ou duas pessoas. As pessoas que usufruem dos serviços da CA tinham sido convidadas para participar na atividade da Casa da Música - Casa vem a Casa – que iria decorrer em simultâneo com a atividade de informática.

Como o projeto é de todos os atores da CA e mesmo só estando presente um deles a sessão realizasse e é decidido em conjunto o que se faz nesse dia em sala. Esta política vai correr todo o projeto pelo menos nestas sessões pois estas

peessoas nem sempre estão com a mesma disponibilidade todos os dias. Este espaço é deles, pois são atores e autores do projeto.

O RMM mostrou vontade de conversar sobre a sua vida passada, dar-me a conhecer como chegou até ali. A conversa passou pelo paraquedismo até à sua inserção numa comunidade religiosa. Foi depois de ser expulso da comunidade que este aceitou a sua doença. No seu discurso surgiu a palavra - opressor. De seguida, achei pertinente discutir e refletirmos sobre o significado de opressor e oprimido e seus comportamentos. O que mais me impressionou no discurso do RMM é que este tem bem presente o que são comportamentos opressores e no contexto religioso concorda que sejam usados. Este mencionou que, no seu ponto de vista, existe *Bullying* na CA.

Depois desta sessão, as técnicas deram-me a conhecer, o que acham do RMM e referiram que este esta sempre a inventar e que quer saber coisas diversificadas e que facilmente perde o interesse. Irei estar atenta aos seus comportamentos e interesses.

Data: 21 de dezembro de 2015

Participantes: FMR

Descrição

Pesquisas no Google. Tirar dúvidas: o participante não sabe trabalhar com a caixa de email.

Conversa sobre outros assuntos.

O FMR esteve a aprender a trabalhar com a sua caixa de email: entrada, envio, criar contactos e enviar emails. No final da sessão esteve a falar e a pesquisar sites que mencionassem as suas doenças.

Notas de campo

Nesta sessão, o FMR conversou comigo sobre as doenças de que era portador: bipolaridade e maníaco-compulsivo. Contou também quais são os seus gastos e quanto recebe de reforma.

Recebe à volta de quatrocentos euros, segundo desabafo dele: *Pago duzentos euros pela renda do quarto, todos os meses gasto cento e cinquenta euros na medicação e pago trinta euros, mensais, para poder comer na CA. A minha sorte são as ajudas familiares.* Que pediu para não comentar com as técnicas da CA. A sua grande preocupação é que no dia em que seu pai deixar de o ajudar como é que vai sobreviver. Tem receio que se torne sem abrigo.

Não gosta de falar das suas doenças com as pessoas, pois como não conhecem normalmente estas têm pouca informação sobre esse assunto e excluem-no. Acha que o seu pai não sabe de tudo que se passa com ele, mas se soubesse não entenderia. Os pais são divorciados há muitos anos. Contou-me que em pequeno assistiu a muita coisa que não deveria ter assistido e que sofreu de violência doméstica. Costuma ir passar o Natal com a mãe.

Referiu que descobriram a sua bipolaridade já muito tarde e não gostou da sua estadia no Hospital Magalhães Lemos (HML). Na sua história conta que foi mal tratado pelos enfermeiros aquando do internamento.

Em conversa o FMR falou das semelhanças da doença que é portador com a esquizofrenia, é que em ambas o paciente ouve vozes, o que é muito complicado. Informou-me que desde que está medicado está estável na doença e comportamentos, mas mesmo assim não consegue arranjar emprego.

Data: 28 de dezembro de 2015

Participantes: CMS; RMM; PJM

Descrição

Pesquisas no Google. Criar lista de contactos no email. Aprender a trabalhar com o Drive do Gmail.com – como gravar ficheiros para conseguir ter acesso através do endereço eletrónico.

O CMS esteve a explorar um dos jogos didáticos que tinha no tablet.

O PJM e RMM já têm conhecimentos em informática. No início da sessão, a pedido deles, estiveram a ver os seus emails. O RMM também consultou o

Facebook. Estiveram a aprender a colocar documentos no Drive e a criar lista de contactos.

Notas de campo

Apesar destes dois terem conhecimentos em informática no decorrer da sessão deu para perceber que existe a necessidade de praticar estes exercícios, pois, foi uma tarefa complicada e difícil de compreender.

Nesta sessão comprovei o que tenho vindo a concluir de sessão para sessão que tenho que ser mais vagarosa a explicar e de preferência colocar os “passos” que têm que concretizar com todos os pormenores.

Data: 4 de janeiro de 2016

Participantes: CMS; ARC; VN; RMM

Descrição

Consultaram o email e o facebook. Continuação com exercícios no Drive.

O ARC e o CMS estiveram a desenhar letras e números.

O RMM e o VN (novo na CA e no projeto) consultaram o email e o facebook. O VN pediu para tentar comunicar através do facebook com a família e amigos. O RMM esteve realizar tarefas do que tínhamos estado a ver nas sessões anteriores.

Notas de campo

Na hora de almoço fui à CA, sabia que tinham entrada novas pessoas, para conversar e dar a conhecer o projeto. Conheci o VN e este disse que de tarde iria à sessão mas pediu se podia ver se a sua conta de Facebook ainda se encontrava ativa, pois precisava de deixar mensagens à filha, família e amigos. Já se encontrava incontactável há algum tempo é que perdeu o telemóvel.

O CMS e o ARC têm que realizar atividades específicas para as suas limitações, como são analfabetos coloquei-os a desenhar letras. Começo-me a compreender as dificuldades de cada um. Enquanto o CMS consegue copiar as letras o ARC não.

Estive à conversa com o RMM para começar a definir a página que irá ser criada, este comentou que acha mais interessante construir-se um blogue. Referiu que a página de Facebook é muito limitada, o blogue é mais atraente pois tem várias janelas e tornasse mais fácil para consultar.

Data: 7 de janeiro de 2016

Participantes: PJM; FMR; RMM; VMC; ARC; CMS.

Descrição

Revisão: criar pastas no Drive; criar contactos no Gmail; abrir, compor e enviar emails.

Projeção de um manual².

Conversa sobre que caminho tomar o projeto.

O ARC e o CMS estiveram a desenhar letras e números.

Voltou-se a rever os emails e a tarefa de como se grava/guarda documentos no Drive. Para avançar nas aprendizagens tem que ser ao ritmo de cada um dos atores.

Notas de campo

Este projeto é de todos e como tal tudo o que acontece nas sessões de informática tem a ver com as dúvidas e dificuldades de cada um. Como cada um deles ao longo da sua vida tiveram aprendizagens distintas também as suas dúvidas são diferenciadas, e o tempo que cada um necessita para aprender também é diferente. Estas pessoas são adultos que têm percursos, uns mais outros menos atribulados, nem sempre têm disposição para estarem fechados numa sala, muitas vezes optam por descansar depois de almoço, ou têm que tirar a tarde para irem resolver assuntos. Este espaço é o seu espaço em que

² Apêndice VI – Manual de Informática

tudo acontece ao ritmo de cada um sem existir cobranças e, isso sim, existir tempo disponível para explicar assuntos novos ou repetir sempre que necessário assuntos já explicados.

Nesta sessão, o FMR estava muito desanimado e até comentou: *Isto não é para mim pois é muito complicado. Estou a pensar desistir.* Desistir é mais fácil, “arregaçar as mangas e combater os obstáculos”, para eles é muito complicado. Não se pode esquecer que estão habituados com que as pessoas desistam deles facilmente.

Depois deste desabafo do FMR estivemos a conversar sobre as dificuldades que podem existir mas se queremos aprender sobre algo que é necessário ser persistente e era o que eu iria ser com eles e os obstáculos que nos surgisse. O VMC tentou ajudar na conversa desvalorizando os pensamentos negativos e reforçando, dizendo: *Eu estou como um burro a olhar para um palácio, mas não desisto. É bom percebermos mais sobre informática.*

O VMC disse que era bom obter aprendizagens em informática, como passa muito tempo sozinho em casa, se conseguir comprar um portátil ou tablet já tem com que se entreter e é uma forma de poder comunicar com o filho através de redes sociais, Skype e email.

Há medida que a sessão avançava, foi fundamental reforçar a ideia que naquele espaço existia abertura para todos colocarem as suas dúvidas e que como cada um de nós tem tempos de aprendizagem diferentes, isso iria ser respeitado. Também é indispensável refletir que cada um de nós tem destreza intelectual para coisas díspares. Não se pode esquecer que com o treino tornasse mais fácil compreender informática.

Os quatro elementos que se encontravam presentes são os atores/autores deste projeto e aproveitamos que estávamos todos para voltar a falar em que iria consistir o desenrolar do projeto. De seguida apresento as especulações feitas:

- Construir um blogue;

- Conhecer a cidade, principalmente monumentos do meio envolvente.

Durante a sessão foi projetado o manual que foi construído, com todos os passos que necessitam para realizar as tarefas pedidas. Este manual foi enviado por email e irei pedir à DT para imprimir e entregar.

Senti a necessidade de questionar à DT se era possível arranjar cadernos e canetas para todos.

Data: 11 de janeiro de 2016

Participantes: VMC; RMM; FMR; CMS.

Descrição

Criar a sua playlist de música no Youtube via Gmail.

Revisão da matéria. Elaboração de um documento no word online sobre as sessões de informática.

O RMM como tem mais conhecimentos de informática esteve a criar a sua playlist de música no Youtube via Gmail.

Os outros dois, VMC e FMR, como têm bastantes dificuldades, fizeram uma pequena revisão e de seguida estiveram a elaborar um documento no word online sobre as sessões de informática.

O CMS esteve a escrever o seu nome.

Notas de campo

Nesta sessão voltou-se a falar de como iria desenrolar-se o projeto. Conversamos sobre as visitas a monumentos para melhor conhecermos a cidade. Em relação ao blogue surgiram algumas dúvidas, principalmente do RMM. Ficou estipulado que à medida que o projeto acontece iríamos esclarecer as dúvidas e limando arestas.

Foi demonstrado pelo VMC, principalmente, que para eles era importante ter as sessões de informática. O FMR concorda mas referiu que as visitas à cidade também era necessário, sendo também uma forma de fazer crescer o blogue.

No final da sessão o FMR deixou-se ficar para o fim para conversar comigo. Este desejou-me sorte e que tudo iria-me correr bem, disse: *Tem que continuar a fazer trabalhos como este. Foi talhada para realizar este tipo de trabalho.*

Data: 25 de janeiro de 2016

Participantes: VMC; CMS.

Descrição

Estivemos a conversar sobre algumas curiosidades relacionadas com a internet.

O VC aproveitou o espaço para falar da sua vida e para recordar as suas vivências até ao momento.

O CMS esteve a praticar a escrita do nome.

Notas de Campo

Ao chegar o VMC informou que o FMR não ia estar presente porque necessitou de sair para tratar de assuntos e tratar dos óculos.

No início da sessão avisei o VMC que passaríamos a estar juntos duas vezes por semana: às segundas e quintas-feiras. Às quintas costumávamos frequentar as sessões de Pintura que, por falta de vontade dos participantes, deixou de haver. Conversamos sobre o blogue e as visitas. Pedi para avisar os colegas da informação das quintas-feiras.

Na conversa que tivemos sobre o seu percurso fiquei a saber que:

- A mãe era dona de uma pensão/bordel e que era respeitada por todos;
- Foi preso por tráfico de droga;
- Tem um filho é adotado;
- A filha, que foi fruto de um namoro, só esteve com ela duas vezes na vida;
- Contou o percurso da mãe: mulher da lavoura; depois foi uma mulher poderosa da sociedade, até que o vício do jogo a levou à ruína;

- Fiquei a saber que tem um cartão do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) em que menciona que doou o seu corpo para a ciência;
- Tem muito orgulho e amor no filho e que sempre que precisa é ele o primeiro a ajudar o VMC.

Antes da sessão fiquei a saber que a visita ao Museu Nacional Soares dos Reis, já estava a ser marcada. Apesar de ter-me disponibilizado para tratar de marcar as visitas a DT respondeu que não era necessário e que ela tratava dessa tarefa.

Um dos locais próximo das instalações e que mostraram alguma vontade de visitar é o Instituto Português da Fotografia. Entrei em contacto com o IPF e fiquei a saber que neste momento as instalações encontravam-se em obras e que por esse motivo não disponibilizavam ninguém para realizar a visita guiada. Questionei-me, até que ponto se torna vantajoso realizar uma visita sem ter ninguém para explicar o que íamos ver. Vou tentar convidar alguém que perceba de fotografia para nos acompanhar.

Data: 28 de janeiro de 2016

Participantes: RMM; FMR; OJS; PJM; ARC; CMS. Depois do lanche: RMM; OJS; PJM; VMC.

Descrição

Realização pesquisas através do motor de busca do Google. Resolução de exercícios utilizando as ferramentas do Gmail.

Criação de páginas no Facebook, os que não tinham página criaram uma.

O CMS esteve a praticar a escrita do nome e o ARC esteve a desenhar.

Notas de campo

Voltamos a conversar sobre o projeto. Nesta pequena reunião discutimos ideias para ser possível progredir nas atividades. Conversamos sobre os monumentos da cidade que gostaríamos de visitar para propormos à DT.

Entretanto o OJS, muito revoltado, mencionou que não queria fazer passeios nem visitas perto das instalações da CA. A sua justificação é que tem vergonha que as pessoas saibam que ele usufrui dos serviços da CA. Disse: - *Não quero andar em comandita... Não quero que me vejam com os colegas da CA nas redondezas. Se as visitas forem longe daqui ai sim eu vou, aqui perto não.*

Depois deste desabafo, expliquei que não era necessário irmos todos juntos até ao monumento a visitar, com antecedência seriam avisados a que horas teriam de estar lá e quem quisesse e pudesse ia lá ter. Tudo o que acontece no projeto é pensado, discutido e planeado com a intervenção de todos, por isso, quando alguém não concordar deve manifestar-se, como fez o OJS. A maior parte do grupo concorda em realizar visitas aos monumentos circundantes, querendo também visitar outros que não se encontram perto das instalações. Neste momento não é possível isso acontecer. A DT já nos avisou que não há transporte disponível para deslocar o grupo. Têm sempre a possibilidade de ir ter ao sítio marcado. Aproveitei para os informar que sempre que marcássemos visitas guiadas era necessário confirmar a sua presença.

Sempre que tento colocar todos a participar é muito complicado, porque não costumam falar e não expressam as suas preferências. Hoje, mais complicado foi porque o OJS estava sempre a referir que tinha vergonha de estar a comer na CA. Neste desabafo o OJS estava também sempre a dizer que não era o único que pensava assim. Deixei-o desabafar e alertei-o que não deveria se preocupar com os outros.

Senti necessidade de os fazer recuar ao início quando eu passava a hora de almoço e lanche nas instalações da CA a conversar com todos e a participar nas mesmas atividades que eles. Se neste momento só estávamos oito pessoas a construir o projeto foi porque o restante não teve vontade de participar. Mas estão sempre a tempo, quando quiserem podem entrar para o projeto, passam a conhecer o que está planeado até ao momento e começam a fazer parte de todo o processo do momento da entrada para a frente.

Já tínhamos combinado que sempre que preparássemos visitasse e tivéssemos convidados iríamos convidar todos os frequentadores de todo o CSPNSV.

Como tenho estado a tentar preparar a visita ao IPF contei-lhes em que ponto estavam as negociações. Disse-lhes com estava a tentar arranjar que alguém se voluntariasse em nos fazer uma visita guiada pelo instituto e que, por causa das obras, existiam pisos fechados. Depois de toda a explicação fiquei a perceber que para eles esta visita não era prioridade e para ir sem guia que visitavam quando quisessem é que o edifício está aberto ao público. O VMC até referiu que era interessante ir visitar se houvesse a possibilidade de visitar o edifício e ir aos calabouços. Viraram a atenção para o Mosteiro São Bento da Vitória (MSBV), é que nunca entraram e gostavam de conhecer.

No final desta conversa pareciam mais motivados e no decorrer desta tornaram-se mais participativos. É sempre bom ter presente que o que querem hoje podem não querer amanhã. Existem dias em que tudo são obstáculos. Sei que tenho que ter pulso forte para lidar com as situações que provocam, como a de hoje, mas não me posso esquecer que é necessário fazer cedências e arranjar estratégias para os motivar a cada segundo. Não posso desmotivar mesmo quando só aparece às atividades uma pessoa.

Como temos poucos portáteis, depois de ter combinado com a DT, coloquei-os a par dos horários que eu e os portáteis estaríamos disponíveis.

Segundas e quintas-feiras nos horários: 10.00 – 12.00 e 14.30 – 17.00.

Ao analisar todo o trabalho desempenhado por cada um deles conclui que seria necessário preparar exercícios para praticarem. Reparei que mesmo os que já tinham conhecimentos e costumavam usar a internet têm dificuldades. Nas sessões tem sido complicado, para mim, acompanhar o que cada um está a fazer e explicar sempre que as dúvidas surjam. Hoje, senti que, inconscientemente, posso ter dado mais atenção a uns que a outros. Pela atitude do FMR este pode ter ido embora desiludido.

Pensamento do dia: todos têm muitas dificuldades de aprendizagem e necessitam de praticar para compreender. Tenho que arranjar estratégias para conseguir que todos trabalhem nas horas da sessão.

É necessário começar a construir o blogue.

Data: 1 de fevereiro de 2016

Participantes: RMM; FMR; OJS; VMC; CMS. Depois do lanche: RMM; OJS; CMS.

Descrição

Realização pesquisas através do motor de busca do Google. Resolução de exercícios utilizando as ferramentas do Gmail e Facebook.

Exercícios para praticarem a escrita no word.

Aprendizagem e realização de listas de vídeos no youtube.

O CMS esteve a praticar a escrita do nome.

Notas de campo

Mal entrou o OJS começou logo a reclamar e a dizer que estava com dores de cabeça. Comentou que o que aconteceu no fim de semana na Guest House da Rua Miguel Bombarda mexeu muito com ele (Homem que feriu a sua mulher e amante e barricou-se na Guest House). O OJS, pelo que vou observando e pelo que analisei no PI, é um sujeito com comportamentos violentos. Sei que tem um processo em tribunal.

Nesta fase, as sessões de informática são à medida das necessidades de cada um dos participantes. Assim:

- OJS esteve a acabar de criar a sua página de Facebook e de seguida esteve a explorar a rede social. Desde a semana passada que foi quando criou a página este tem trinta e seis pedidos de amizade;
- VMC esteve a explorar o Facebook: a aceitar pedidos de amizade; esteve à procura de pessoas amigas... Entretanto retomou a escrita do texto que tinha iniciado na sessão anterior;

- FMR esteve a ler o email que lhe tinha enviado. Este email vinha ao encontro da falta de apoio que teve na última sessão às suas dúvidas. (É pertinente cada um deles saber que estou atenta ao que acontece em cada sessão. E que reconheço a falta de atenção que pode acontecer por eu ser tão solicitada.) De seguida e para treinar enviou um email a agradecer a minha atenção para com ele. Realizou algumas pesquisas e posteriormente esteve a pesquisar músicas para ouvir, é uma forma de treinar a pesquisa no youtube. De seguida criou-se a sua página no Facebook e esteve a explorar a rede social.
- RMM continuou com as suas pesquisas, com as suas consultas das redes sociais onde está inscrito. Continuou a fazer listas de vídeos e músicas no Youtube. Esteve a criar anúncios de artes marciais.

Os atores deste grupo são muito heterogéneos. Na interação com o grupo tenho que estar atenta na forma como lido com cada um deles. Tento sempre provocá-los para partilharem os seus gostos e o que menos gostam. Tento colocá-los a refletir e a participar. Incentivo as competências de cada um e a partilha dos seus saberes com o restante grupo.

Data: 4 de fevereiro de 2016

Participantes: 10:30h PJM. 14:30h RMM; FMR; OJS; PJM; CMS; ARC.
Depois do lanche: RMM; OJS; CMS.

Descrição

Nesta sessão continuaram a praticar: pesquisas através do motor de busca do Google; Gmail; Facebook. Alguns aprofundaram conhecimentos no Facebook.

Praticaram a escrita no word e aprenderam a realizar listas de reprodução de músicas e vídeos no youtube.

O CMS esteve a praticar a escrita do nome.

Notas de Campo

O PJM veio de manhã para poder estar tranquilamente a realizar pesquisas e a escrever um texto. Esteve livremente a trabalhar, mas sempre que necessitava pedia-me ajuda.

Continuaram com as tarefas que têm vindo a realizar. O RMM comentou que gostava de estar nas sessões porque tinha a oportunidade e liberdade de realizar as tarefas que queria. De seguida, em tão de ameaça, comentou que se isto deixasse de acontecer que deixava de vir às sessões. Entretanto, o PJM aproveitou e disse que apesar de querer aprender informática, a sua prioridade para vir às sessões era de aqui conseguir realizar as pesquisas que queria. Estas mensagens surgiram porque às vezes faço propostas para estes realizar atividades de escrita sobre alguns temas de seus interesses. Mas como já referi, sou persistente e à medida que o projeto avança conheço-os melhor. Mas estes já perceberam que eu não ameaço nem obrigo ninguém a fazer o que não quer.

O OJS está completamente inebriado com o Facebook, pois surgiu muitos amigos a convida-lo e até familiares que já não falava há muitos anos. Está na descoberta de um “novo mundo” e não sente interesse em aprender mais nada.

Enquanto, o FMR continua com uma atitude passiva e sempre a referir que está a ser muita informação. Que se torna complicado absorve-la. Este começou a sentir-se cansado e desmotivado. Aquando do ataque de fúria que o PJM teve por não conseguir aceder ao youtube no portátil que estava o FMR aproveitou para ceder o portátil onde se encontrava a trabalhar e ir embora.

Data: 15 de fevereiro de 2016

Participantes: VMC; PJM; OJS; CMS. Depois do lanche: RMM; CMS; ARC.

Descrição

De forma a familiarizarem-se com o teclado foi proposto a escrita de um texto no word. Este documento de word é realizado diretamente no drive do gmail e desta forma fica guardado na conta de email de cada um dos atores.

O CMS esteve a praticar a escrita de palavras.

Notas de campo

Quando cheguei fui falar com a DT e questioneei-a como correu a sua sessão, dinamizada por ela, na sexta-feira. É que na sessão de quinta-feira estiveram a pesquisar na internet sobre os temas que iriam discutir nessa sessão. O OJS levou o texto que produziu na sessão de quinta-feira e a DT leu-o em voz alta. Segundo a DT o OJS ficou orgulhoso e satisfeito pelo trabalho realizado. O PJM comentou que realizou as pesquisas mas necessitava de mais tempo para produzir um texto.

No início da sessão o VMC informou que hoje estava com muitas dores de cabeça e gostaria de estar sossegado a escrever um texto em word. Como nesta altura só estava o VMC e o OJS propus se poderia procurar um texto sobre o Museu Nacional Soares dos Reis, que tínhamos visita marcada e assim treinarem a escrita no word, e desta forma ficarem com mais conhecimentos sobre o museu. Os dois aceitaram a proposta. Como temos vindo a fazer o início das sessões é para consultarem as contas de email e facebook.

Entretanto chegou o PJM que também aceitou realizar a escrita de um texto em word. O PJM comentou que antes de escrever o texto iria realizar um resumo.

Depois do lanche uma das Técnicas pediu ajuda para transportar mobília da sede para o infantário e vice-versa, o OJS e o PJM disponibilizaram-se para ajudar. Nesta altura também se encontrava connosco o RMM que frisou que estava ali para a sessão de informática e não podia ajudar por causa dos seus problemas de saúde.

O RMM, neste momento, é o ator que coloca mais obstáculos a todo o projeto e que demonstra menos vontade de realizar tarefas. Este trás sempre muitas sugestões de temas para pesquisar e atividades para realizar. Como o projeto é de todos as suas sugestões são levadas em conta e muitas vezes ele realiza pesquisas diferentes das dos restantes atores, mas facilmente muda de

opinião e deixa tarefas por terminar. À medida que o projeto avança tenho o estimulado a terminar as tarefas que está a realizar.

Data: 18 de fevereiro de 2016

Participantes: RMM; VMC; CMS.

Descrição

Continuação da proposta feita na sessão anterior.

O RMM continuou as suas pesquisas sobre variados temas.

O CMS esteve a praticar a escrita de palavras.

Notas de campo

Neste dia só estiveram presentes três pessoas. O VMC esteve a terminar o texto que tinha iniciado na sessão anterior e o RMM realizou as suas pesquisas e consultou as suas páginas das redes sociais, facebook, sites de encontros, entre outras.

Data: 22 de fevereiro de 2016

Participantes: VMC; RMM; PJM; CMS. Depois do lanche: RMM; PJM; CMS.

Descrição

Nesta sessão a pedido de um dos participantes foi feita uma pesquisa e explicação sobre as funcionalidades de privacidade do facebook.

Foi criada uma conta no Skype.

O CMS esteve a praticar a escrita de palavras.

Notas de campo

O que mais se evidenciou nesta sessão foi a falta de disponibilidade do RMM. Começou logo por avisar que não iria à visita da próxima quinta-feira, em sessões anteriores tinha confirmado a presença. A sua justificação para não ir é que já tinha realizado uma visita lá e que já não tinha interesse em tirar as fotografias que na sessão anterior tinha mencionado que gostaria.

Em conversa com os restantes presentes, ao analisarmos o que poderíamos fazer, por causa de outros contra tempos, assentamos que íamos trabalhar com o Skype, criar conta e ver como funcionava. O RMM disse que não queria para já mexer no Skype, pois tinha outras tarefas que eram urgentes para fazer. Em todas as sessões é permitido que cada um faça as pesquisas que quiserem e consulte as suas contas nas redes sociais. A este ator, como tem mais conhecimentos de informática, até é dada a liberdade de realizar atividades diferenciadas, mas mesmo assim este nunca tem disponibilidade de participar com o grupo na mesma atividade. Muitas vezes são realizadas sessões que vão ao encontro do que ele propôs e ele não participa.

Data: 3 de março de 2016

Participantes: VMC; RMM.

Descrição

Terminaram seus textos e pesquisas propostas na última sessão.

Conversa sobre o Blogue que será construído com todos.

Notas de campo

Nesta sessão estiveram a terminar os textos, a realizar pesquisas sobre variados temas, um sobre Félix Avelar Brotero (VMC estudou no colégio Brotero) e o RMM sobre temas e imagens religiosas.

Aclarei as dúvidas que o RMM tinha colocado sobre o Facebook, na altura que ele as colocou não soube responder mas depois de me informar já estava apta a esclarece-las.

Os textos construídos têm como o objetivo serem colocados no blogue, a ideia é que o blogue tenha textos e mais materiais criados por todos os atores que participem no projeto, e demais sempre que se mostrarem interessados/as. Como já existiam alguns textos prontos voltamos a falar da construção do blogue e dos nomes que já tinham sido mencionados para dar título ao blogue. Sugestões de nomes:

- Invicta Amizade
- Vitória Amizade
- A Voz da Amizade
- Amigos para Sempre
- Cordoaria Amizade
- Amizade de Virtudes
- Uma Casa na Invicta
- Uma Casa na Vitória

Destes títulos todos um tinha causado polémica por ser o mesmo do jornal de parede que tinha sido realizado numa atividade com outra técnica. Só um é que apostava nesse título. O restante grupo tinha preferência pelo título “Uma Casa na Invicta”.

Data: 7 de março de 2016

Participantes: RMM; VMC; OJS; PJM; CMS.

Descrição

Falamos da página que vai ser criada. Para quê e o que significa criar uma página na internet. Foi escolhido o nome que iria-se dar ao blogue.

Continuaram a realizar pesquisas para escreverem no word.

Notas de campo

Logo às dez da manhã, quando cheguei, encontrava-se o RMM a minha espera para estar de manhã descansado no portátil a consultar as suas contas das redes sociais. Passado algum tempo do RMM ter ido embora, chegou o PJM. Este esteve a terminar o texto sobre o MNSR e, como é costume, no meio pesquisava sobre a sua aldeia e suas gentes. Durante essas pesquisas convidou-me a ver e esteve a contar as histórias de sua família e gentes da sua terra.

De tarde, quando já lá se encontrava a maior parte do grupo de atores/autores do projeto, conversamos sobre a construção do blogue e qual o

nome que iríamos colocar. Escrevi no quadro os nomes sugeridos em sessões anteriores e o que ficou decidido foi o nome “Uma Casa na Invicta”.

Data: 10 de março de 2016

Participantes: VMC; RMM; OJS; PJM e CMS.

Descrição

Criação da página (Blogue) – Uma Casa na Invicta³.

Continuaram a realizar pesquisas para escreverem no word.

Notas de campo

Estivemos todos juntos a criar o blogue. Depois de criado cada um dos elementos estive a terminar tarefas que tinham pendentes das sessões anteriores.

Data: 4 de abril de 2016

Participantes: VMC; RMM; FMR; AGP; CMS.

Descrição

Dia livre para realizarem pesquisas sobre temas dos seus interesses, como por exemplo, anúncios de quartos para alugar.

Notas de campo

Nesta sessão estiveram a pesquisar sobre diferentes interesses.

Na sessão anterior, por motivos de doença, tive que faltar e por esse motivo não puderam terminar os panfletos para o evento da interculturalidade e foi a técnica que propôs a atividade que terminou.

³ <https://umacasanainvictablog.wordpress.com/>

Data: 27 de abril de 2016

Participantes: VMC; FMR e AVB.

Descrição

Visualizações de pequenos vídeos do Youtube sobre os trabalhos do ator Ivo Bastos.

Notas de campo

Como já tinham realizado as atividades propostas e como na sessão seguinte íamos estar com o convidado propus que visualizássemos vídeos do trabalho do Ivo. Assim, ficavam a conhecer melhor o seu trabalho. O FMR e o VMC concordaram. Enquanto, o AVB não concordou e respondeu: *-Quero terminar o exercício de word. Não quero saltar exercícios.* Respondi-lhe que aquele exercício era um treino para melhor conhecer o teclado, visto ele nunca ter tido contacto com computadores, mas não necessitava de o terminar. Pelo observado e mesmo pelas conversas que tínhamos vindo a ter este já estava familiarizado com o processo, é que o AVB tem facilidade de aprendizagem e memorização.

Depois do lanche o AVB voltou e queixou-se que estava “farto” de escrever aquele texto, reforcei a ideia que ele só continuava com essa tarefa porque queria. No final da conversa combinamos que estava na hora de passar para outras atividades.

Data: 5 de maio de 2016

Participantes: VMC; RMM; FMR; AVB; CMS.

Descrição

Uns terminaram os textos da sessão anterior; outros estiveram a ler o manual sobre como enviar emails⁴; outro esteve a ler o manual que foi entregue no início da oficina de informática e a criar uma conta de email.

Notas de campo

Como alguns tinham que terminar tarefas aproveitei a sessão para recapitular exercícios e aprendizagens. Como duas pessoas tinham mencionado que necessitavam perceber melhor da caixa de email fiz um pequeno manual exercício para treinarem. Estes à medida que iam realizando a tarefa aperceberam-se que receber e enviar emails é o que eu lhes peço em todas as sessões, isto é, no início de cada sessão incentivo-os para consultarem a sua conta de email e no final de cada sessão peço-lhes que enviei os textos produzidos por email para o endereço [casaamizadecspnsv@gmail.com](mailto:casamizadecspnsv@gmail.com).

Hoje, voltei a conversar com o RMM sobre não terminar/realizar tarefas pedidas. É que todos os dias o RMM muda de opinião, ou quer muito construir materiais para colocar no blogue; foi ele o primeiro a querer que o seu nome aparecesse no final de cada trabalho colocado no blogue; ou não se disponibiliza para realizar as tarefas. Neste dia só queria consultar sites de encontros e pesquisar imagens, músicas e textos sobre religião, que são as tarefas eleitas por ele. Enquanto, o AVB mal chegou reforçou que nada sabia, começou a complicar e a não ser compreensível, mas à medida que a sessão desenrolou este acalmou.

⁴ Apêndice VII – Exercícios propostos

Data: 21 de julho de 2016

Participantes: FMR; RMM; AVB; OJS; CMS; ARC e mais um colega que convidaram para ir.

Descrição

Produção de textos sobre as visitas, conversa com convidado e concerto.

Visualização de um filme que foi apresentado na Festa Final.

Notas de campo

Nesta sessão estiveram, a terminar os textos.

Depois do lanche e em forma de despedida estivemos a visualizar um filme sobre as atividades realizadas na CA onde estavam incluídas fotos do projeto. Como convidaram um colega, que foi connosco a uma das visitas, estivemos a mostrar o blogue.

Foi uma despedida emocionante.

ACÇÃO: OFICINA DE ESCRITA⁵

Local: Sala de formação (Sede do CSPNSV)

Material: Portátil, tablet, cadernos e canetas.

Horário: 14:00 às 17:00 e sempre que necessário 10:30 às 12:00

Data: 11 de fevereiro de 2016

Sumário

Exercício proposto ⁶

⁵ Todos os trabalhos aqui produzidos e autorizados pelos atores/autores do projeto estão no blogue “Uma Casa na Invicta” - <https://umacasanainvictablog.wordpress.com/>

⁶ Apêndice VII – Exercícios propostos

Participantes: PJM; OJS; VMC; CMS; ARC. Depois do lanche: RMM; CMS.

Descrição

A proposta de atividade foi pesquisar sobre os temas: rádio e televisão. Ao realizar as pesquisas teriam que apontar ou no caderno ou num documento de word os assuntos que achassem com mais interesse.

O CMS esteve a praticar a escrita de palavras.

Notas de campo

Quando chegaram apresentei a proposta que tinha para a sessão.

PJM questionou como poderia consultar a meteorologia, expliquei a todos que poderiam consultar o respetivo site e poderiam obter a informação sobre o tempo para dez dias. Depois de todos consultarem a meteorologia propus-lhes que consultassem os seus emails e facebook.

Como sempre acontece o PJM começou a pesquisar sobre os temas do seu interesse, que normalmente é sobre a sua aldeia e as suas gentes.

Entretanto, começaram a realizar pesquisas sobre os primeiros temas propostos no exercício. O VMC rapidamente realizou a sua pesquisa e começou a consultar sites sobre futebol e a marinha. O PJM centrou as suas pesquisas em visualização de programas. O OJS esteve a realizar um resumo sobre o que leu nas pesquisas que realizou sobre os temas rádio e televisão. Este foi o único que pegou no documento com o exercício proposto e realizou o pedido. Ao se aperceber deste feito o PJM questionou se tinha que escrever, ao que respondi que não era obrigatório mas no documento que lhe entreguei aconselhava a realizar um texto sobre os temas.

O comportamento empenhado do OJS é muito positivo, é que este ator é o mais revoltado e reivindicativo. Mas desde que começou a comparecer às sessões tem sido o mais dedicado em adquirir novos conhecimentos.

Depois do lanche veio o RMM que não tinha vindo antes porque teve uma consulta. Como tem acontecido, o RMM nunca está de acordo com os

exercícios propostos, coloca logo entraves à realização da atividade e propõem outros temas. Questionei-o porque não queria realizar a tarefa ao que respondeu que não está interessado no tema e gostaria de pesquisar e falar de outros assuntos. Voltou a ameaçar que deixava de vir à atividade se não fizesse o que queria.

Data: 29 de fevereiro de 2016

Participantes: VMC; RMM; OJS; PJM; CMS e ARC. Depois do lanche: RMM; OJS; PJM; CMS.

Descrição

Proposta⁷ de realização de um documento onde possam falar da sua experiência no Museu Nacional Soares dos Reis.

Um dos participantes realizou um documento com outro tema pois não foi à visita.

Notas de campo

Durante estas sessões o CMS e ARC vão estar sempre entretidos nas suas escritas. Em todas as sessões são questionados sobre a tarefa a desenvolver e têm sempre a opção de estar a desenvolver jogos didáticos no tablet estes é que optam por estarem a escrever. O ARC não consegue copiar letras nem números, em sessões anteriores já estive com ele a copiar e este faz sarrabiscos e mostra como se estivesse igual. Costuma desenhar, em que os desenhos são os mesmos rabiscos da escrita. Às vezes levo desenhos para estes colorirem. O CMS todas as sessões pede para escrever uma palavra ou conjunto de palavras diferentes. Já tentei que lesse o que escreve mas tornou-se uma tarefa complicada que mostra não ter capacidade nem vontade de executar.

⁷ Apêndice VII – Exercícios propostos

Quando entreguei a proposta de trabalho e expliquei que era para construir um texto sobre a visita ao MNSR todos aceitaram o desafio. O RMM como não foi à visita e nas sessões anteriores tinha estado a pesquisar sobre música de intervenção, tema sugerido por ele, propus-lhe que produzisse um texto sobre esse tema.

Começaram logo a realizar a proposta: o VMC optou por escrever no seu caderno uma reflexão sobre a visita; o PJM teve mais dificuldade em iniciar a atividade, normalmente, desvia sempre a sua atenção do que lhe é pedido mas como este espaço é deles, este tem o tempo que necessita para realizar a atividade; outro que lhe

é difícil expressar a sua opinião é o OJS, mas sugeri que poderia realizar uma atividade parecida a que realizou para os temas rádio e televisão. Todos começaram por primeiro escrever os textos no caderno e só à posteriori é que passaram para o word. O word que todos os atores utilizam é o que está disponível no drive do gmail, desta forma, gravam nas suas contas de email e podem abrir sempre que quiserem (têm que ter acesso à internet). O RMM enviou a sua reflexão no final da sessão por email para o email criado para o grupo e para a construção do blogue.

Data: 14 de março de 2016

Participantes: VMC; PJM; FMR; RMM; AGP.

Descrição

Continuaram a realizar pesquisas sobre temas propostos e curiosidades. Todos estão a praticar escrever no word.

Estão a produzir textos para serem colocados na página.

Notas de campo

Num dos dias que fui à CA na hora de almoço cruzei-me o AGP e questionei-o se não gostava de produzir um texto sobre a experiência no MNSR. Este respondeu que iria aparecer para escrever o seu texto e que gostava de ver

publicado no blogue do projeto, mas que não queria aprender informática. Hoje, foi o seu primeiro dia no projeto. Escreveu o texto e depois ficou a contar a sua história de vida. Falou que sempre foi o melhor aluno e formando, também referiu, que a nota vinte não era uma nota justa para os seus conhecimentos, porque acha que é melhor que o máximo da pauta de classificação. Comentou que nunca viu o seu conhecimento e trabalho criativo reconhecido.

Os restantes estiveram uns a conversar com o AGP outros a continuar as tarefas que têm vindo a ficar pendentes de sessões anteriores.

O FMR como já não aparecia a algumas sessões foi colocado a par do que aconteceu nas sessões que não esteve e foi-lhe proposto a construção do texto sobre a visita ao MNSR. Este explicou a razão das suas faltas e uma das razões era a falta de paciência de estar à frente de um computador. Depois de conversarmos e de lhe dizer que poderíamos optar por outro género de atividade e que por exemplo para escrever o texto poderia fazer pesquisas ou só escrever no caderno este mostrou-se mais satisfeito. No final da sessão veio-me dizer que gostou da sessão.

Desafiei o AGP para pensar como gostaria de expor os seus conhecimentos no blogue do projeto para depois propormos ao grupo a inclusão do seu plano.

Data: 17 de março de 2016

Descrição

Sessão de magia no Lar.

Reflexão

Tornasse necessário em todas as sessões eu refletir como correu a sessão e o que tenho que melhorar no meu comportamento. O grupo é muito heterogéneo, as competências de cada um, normalmente, não são valorizadas, têm vidas muito solitárias, não têm resistência à frustração, e por estes motivos e mais

alguns mudam de opinião facilmente – o que querem hoje amanhã já não querem.

Tenho que ser persistente, com pulso firme e mostrar-lhes os seus feitos e obstáculos que cada um ultrapassa de sessão para sessão.

Tenho que estar atenta a todos e distribuir o tempo que estou com cada um deles a esclarecer dúvidas para que nenhum se sinta excluído. Como em todo o lado, existem pessoas com personalidades mais vincadas que me “alugam” maior tempo e outros com personalidades passivas, tenho que dar atenção a todos. Esse esforço está ser gerido por mim e se me apercebo que existiu uma falha minha em uma das sessões compenso na seguinte e faço com que todos percebam o meu lado.

Data: 21 de março de 2016

Participantes: RMM; VMC; PJM; AGP; CMS; ARC.

Descrição

Realização de pesquisas e criação de textos no Word. Estas pesquisas e textos são sobre o tema intervenções sociais e políticas – Revolução dos Cravos.

Existe um participante que está a realizar pesquisas sobre Arte.

Notas de campo

Um dos atores, o VMC, com a ajuda do filho comprou um portátil e hoje levou para a sessão para aprender a trabalhar com ele.

O AGP continuou nas suas pesquisas sobre arte, nos livros que trouxe. Quer construir um quadro para resumir as várias etapas e evolução da arte. Já escolheu um nome para dar “A Arte pelos olhos de A”.

Como sempre o RMM tem ideias sobre temas que gostaria de pesquisar e desta vez o tema foi o direito a reclamar.

Os restantes estiveram a terminar o texto sobre a visita ao MSR e de seguida foi proposto que escrevessem algo sobre movimentos de intervenção social e política.

Nesta sessão, tornou-se pertinente conversar com o AGP sobre este estar a monopolizar a minha intervenção na sessão. À medida que o projeto avança existe sempre a necessidade de lembrar a todos que o projeto é de todos e que tenho que apoiar, esclarecer e estar disponível para todos os intervenientes.

Data: 22 de março de 2016

Participantes: VMC; RMM; AGP e CMS.

Descrição

Nesta sessão foi proposto realizar uns flyers sobre gastronomia para um evento de Interculturalidades.

Notas de campo

O CSPNSV vai estar presente na Semana da Interculturalidade e necessita de construir uns panfletos sobre gastronomia. A técnica do CSPNSV que está a tratar do evento perguntou-me se poderia propor a construção dos panfletos ao grupo, concordei.

Os atores presentes aceitaram o desafio. Mas o único que se mostrou logo disponível para iniciar foi o RMM e começou a pesquisar pratos gastronómicos de Marrocos.

Depois de a técnica ir embora o VMC disse que não queria realizar esta tarefa porque a pessoa que a propôs o tinha enervado e tirado do sério com a sua atitude. A técnica teve um comportamento adequado e tive que o questionar porque estava tão chateado, ao que este respondeu que não simpatizava com ela por causa de episódio do passado. Como o tinha desafiado para a construção de um texto sobre as suas vivências aquando da Revolução de 1974 e este aceitou, pedi-lhe então para tratar de o escrever. Este projeto é um projeto participativo em que as pessoas têm que se sentir motivadas e onde a

negociação estará sempre presente, por isso mesmo, se alguém não se sente confortável a executar uma das tarefas conversasse e constrói-se outro texto. Necessitei de voltar a conversar com o AGP e faze-lo compreender que não posso estar só atenta as suas necessidades. Este é um “sonhador” e não consegue centrar a sua atenção no objetivo que propôs ao início. Tem uma enorme necessidade de estar sempre a contar as suas histórias. Quando acha que não está a ter atenção de todo o grupo volta a falar sobre arte em voz alta até ter alguém a ouvi-lo. Neste momento, estou a ter dificuldades em conseguir evoluir na tarefa do AGP.

Data: 24 de março de 2016

Participantes: VMC e RMM.

Descrição

Continuaram a realizar pesquisas sobre temas propostos. Efetuaram textos sobre os temas que se propuseram na sessão anterior. Aprender a trabalhar com o Publisher.

Notas de campo

Continuaram a realizar as tarefas da última sessão: o VMC está a terminar o texto sobre a Revolução de 1974; o RMM terminou o texto que construiu para colocar no panfleto. Foi necessário sentar-me com o RMM e explicar como funciona o Publisher e com ele iniciar a construção do panfleto. Este rapidamente captou como se fazia e esteve a terminar sozinho, também colocou imagens de Marrocos e da sua gastronomia. O RMM é o oposto do VMC, pois rapidamente aprende enquanto que com o VMC tenho que todas as sessões recapitular todo o trajeto até chegar aos documentos que este tem no Drive do Gmail.

Data: 29 de março de 2016

Participantes: VMC; RMM; FMR; AP.

Descrição

Realização de pesquisas para a elaboração de folhetos para a semana da Interculturalidade.

Notas de campo

Neste dia estiveram a preparar panfletos para a semana da interculturalidade:

- FMR esteve a pesquisar sobre a Noruega;
- VMC fez as suas pesquisas sobre o Médio Oriente;
- RMM como já tinha feito um sobre Marrocos e facilmente aprendeu a trabalhar com o Publisher, disponibilizou-se para fazer outro sobre Itália e a construção foi logo feita diretamente no Publisher.

O AGP como não conseguia decidir sobre que país realizar o panfleto e recusar-se a pesquisar na internet, então desafiei-o para escrever um texto sobre movimentos de intervenção.

Chegou um novo elemento ao projeto, o AVB, a valência em que está inserido é o Centro de Dia do Lar.

Data: 7 de abril de 2016

Participantes: VMC; RMM; CMS; ARC.

Descrição

Como existe a possibilidade de realizar uma visita à Alfândega do Porto à exposição sobre o Faraó Tutankamon nesta sessão estiveram a realizar pesquisas sobre este tema para de seguida escreverem um texto produzido por eles e colocar no blog.

Notas de campo

A DT está a tentar realizar uma visita à exposição que está em exibição na Alfândega do Porto do tesouro da Faraó TutanKamon. Como o RMM e o VMC

tinham mostrado muito interesse por esta visita propus-lhes que realizassem pesquisas sobre a vida deste Faraó para de seguida construírem um texto para colocar no blogue. Aceitaram.

Data: 11 de abril de 2016

Participantes: VMC; RMM; PJM; CMS.

Descrição

Continuação da redação dos textos que estavam pendentes das sessões anteriores de forma a ficarem prontos para serem colocados no Blogue.

Notas de campo

Hoje, estiveram a terminar os trabalhos que ainda não terminaram. Foi necessário estar com o PJM a ver o que este já tinha feito; coloca-lo a par do que estava no blogue feito pelos colegas e o que poderia este colocar do que tinha construído; por fim, questioná-lo do que pretendia construir a seguir. É que este já não estava presente nas sessões há algum tempo.

É uma característica das pessoas que se encontram em exclusão social estarem alguns dias sem estarem presentes nas sessões e as razões são variadas: ou por desmotivação, ou por causa de assuntos que têm de tratar, ou por que é complicado assumir um compromisso, entre outros.

Data: 14 de abril de 2016

Participantes: VMC; RMM; PJM, AVB e CMS.

Descrição

Nesta sessão foram informados que numa futura sessão ia estar um convidado, o ator Ivo Bastos. Foram feitas pesquisas para a elaboração de um folheto de informação sobre o convidado. Também continuaram a redigir textos antigos.

Notas de campo

Com a entrada do AVB foi necessário estar mais atenta a este é que era necessário perceber o que este sabia sobre informática e quais as suas necessidades de aprendizagem. Rapidamente, percebi que o AVB tinha facilidade em aprender a trabalhar com as novas tecnologias. À medida que a sessão foi se desenvolvendo o AVB começou com um discurso não muito agradável, disse: - *Está aqui a fazer este trabalho connosco para depois dizer aos seus colegas que fez um milagre com o A.* Estava sempre a criticar e a dizer que não tinha capacidade. Depois de todo o seu discurso disse que não fazia “milagres” e que tudo o que aprendem é da inteira responsabilidade de cada um deles. Eu sou só uma ferramenta que colabora com eles para cada um atingir o seu objetivo e que não necessitam de estar ali se não é do seu interesse.

Aos restantes e ao AVB desafiei-os para pesquisarem sobre a vida profissional do ator Ivo Bastos e que construíssem um guião com perguntas que desejariam ver respondidas. Ao VMC o desafio foi maior, que este produzisse um folheto informativo e ao mesmo tempo um convite para todos os frequentadores do CSPNSV a estarem presentes no nosso encontro com o Ivo Bastos. Todos aceitaram o desafio.

Data: 18 de abril de 2016

Participantes: VMC; RMM; FMR; AVB; CMS.

Descrição

Pesquisas sobre a vida profissional do ator Ivo Bastos de forma a redigirem um guião de entrevista.

Continuação da construção de um folheto informativo da sessão – À conversa com Ivo Bastos.

Notas de campo

Como acontece a quem não vem a algum tempo no início da sessão coloco-o a par de tudo o que se tem vindo a passar e foi o que aconteceu com o FMR. Todos estiveram a pesquisar e a construir o seu guião. O AVB esteve também a

escrever um texto no word para se ambientar com o teclado. O VMC esteve a terminar o folheto, estive com ele a construir no Publisher. Este ator necessita de mais apoio que o RMM mas gosta de desafios e de os superar.

Data: 21 de abril de 2016

Participantes: VMC; RMM; FMR; AVB; CMS.

Descrição

Término do folheto informativo e de convite para a sessão de dia 28 de Abril – À conversa com Ivo Bastos.

Início da compilação das perguntas - elaboradas por todos os participantes – para a entrevista da sessão de dia 28.

Notas de campo

Nesta sessão todos estiveram a terminar as tarefas iniciadas na sessão anterior. O AVB voltou a reforçar a ideia de que as suas capacidades são reduzidas e que seria difícil conseguir aprender informática.

Data: 2 de maio de 2016

Participantes: VMC; PJM; RMM; FMR; AVB; CMS.

Descrição

Exercício⁸: Escrever um pequeno texto de forma a transmitir o que sentiram, o que aprenderam, o que, para cada um, se destacou na conversa que tiveram com o ator Ivo Bastos. Para depois ser colocado no blogue.

Notas de campo

Depois da proposta feita o VMC e o FMR começaram logo a ler a proposta a levantar dúvidas e a realizar a reflexão. O FMR tem muitas dificuldades em

⁸ Apêndice VII – Exercícios propostos

expor os seus pensamentos e emoções, para o VMC é mais fácil. Mas os dois esforçam-se para ultrapassar as barreiras de expressar os seus sentimentos e os problemas de escrita que vão surgindo.

Para o PJM e RMM exercícios que estes tenham que expressar as suas emoções e pensamentos é uma tarefa bastante difícil. Nestes dois casos converso sempre com cada um, individualmente. Tentamos sempre em conjunto pensar em soluções, para não se sentirem pressionados, obrigados a realizar a tarefa.

Disponibilizei a todo o grupo a entrevista que está em formato áudio.

O PJM, como costuma acontecer, estava a dispersar e nunca mais iniciava a tarefa, alertei-o que se continuasse assim voltava a não terminar a tarefa pedida. Todo o grupo tem vontade de colocar os seus textos e materiais produzidos no blogue, mas para isso é preciso construí-los.

À medida que terminam os textos sento-me com eles e iniciamos as correções que forem necessárias. É uma tarefa que nem sempre é fácil. Tenho que perceber até que ponto se pode realizar alterações aos textos produzidos por cada um. É necessário que percebam bem as alterações e que nenhuma das suas ideias seja alterada. Esta tarefa demora algum tempo pois tem que ser feita com muita calma e individualmente. Em alguns casos não se realiza quase alterações nenhuma porque os autores dos textos não têm abertura para essa análise e só tenho que respeitar. Tento que o texto não seja publicado com grandes erros, mas só vou até onde cada um deles deixa. Por exemplo, o RMM envia os textos por email no final da sessão e na seguinte quase que não dá espaço para conversarmos sobre o texto. O PJM não aceita muito bem a correção.

O AVB esteve toda a sessão a implicar com tudo que era proposto e sempre a reclamar, mas sempre que questionava se queria realizar outro género de tarefa este respondia que não que realizava as mesmas tarefas que os colegas. Deixei sempre a oportunidade de este seguir um trajeto diferente no projeto se isso

fosse de seu agrado. Mas lá realizou o texto. Depois de corrigido, perguntei se poderia colocar no blogue como fazia com os dos restantes atores. O que respondeu que não, e voltou a perguntar o que era um blogue. Voltei a explicar e no final disse sim coloque lá. Questionei-o como já fiz com todos se queria assinar o texto ou se queria que fosse anónimo. Em relação a assinar os textos e trabalhos produzidos só um ator é que pediu para os seus textos e materiais produzidos estivessem anónimos, que foi o OJS.

Data: 9 de maio de 2016

Participantes: VMC; FMR; AVB; PJM; RMM; CMS e ARC.

Descrição

Tempestade de ideias para escolher o nome que colocaríamos no *Post* do blogue onde iremos colocar os textos sobre a conversa com o Ivo Bastos.

Uns terminaram os textos da sessão anterior; outros estiveram a ler o manual sobre como enviar emails; outro a realizar pesquisas sobre a “Torre dos Clérigos” para fazer um cartaz; e ainda outro esteve a fazer pesquisas sobre “Maria”.

Notas de campo

Uma das técnicas mais complicadas para realizar com estes atores é a “Tempestade de Ideias”. No início da sessão provoqueei-os para realizarmos uma tempestade de ideias por forma a escolhermos o nome do *Post* onde iríamos colocar os textos. Para conseguir realizar esta tarefa precisei de ter alguma paciência e pulso forte. Deixei-os sentar e abrirem o portátil. Entretanto comecei a falar que já tínhamos os textos para colocar no blogue e poderíamos dar sugestões para colocar um nome na página onde iriam ficar todos os textos. E assim, começaram a dizer títulos e eu apontei-os no quadro. Tentei que cada um dissesse pelo menos um título, de seguida, tentei fazer uma reflexão conjunta, que correu mais ou menos e por fim surgiu o título da página.

Títulos sugeridos:

- Uma tarde passada com o Ivo Bastos;
- À conversa com o Ivo Bastos;
- Uma tarde cultural com o Ivo Bastos;
- Ator no convívio da Vitória;
- Ivo na Vitória do Porto;
- Tertúlia com o ator Ivo Bastos.

Depois estiveram a acabar as tarefas pendentes da sessão anterior. O VMC como já tinha terminado e como a DT está a tentar marcar uma visita a Torre dos Clérigos desafiei-o a ler informações sobre a TC para à posteriori preparar um pequeno texto para ser colocado num cartaz.

Data: 11 de maio de 2016

Participantes: VMC; AVB. Depois do lanche: RMM; PJM; CMS

Descrição

Um dos participantes esteve a ler os manuais. Como é necessário realizar dois cartazes, dois dos participantes estiveram a fazer pesquisas e a preparar o texto informativo de cada cartaz. Outro continuou as pesquisas e a montagem de um texto ilustrado sobre “Maria”.

Notas de campo

O VMC iniciou a montagem do cartaz, estive com ele para este perceber o que é o Publisher e como se trabalha com este programa. O AVB continuou com as suas pesquisas e, com o manual, a treinar sozinho.

Depois do lanche chegou o RMM. Avisou que no HML estava com mais atividades e que poderia só conseguiria estar presente na oficina depois do lanche. Entretanto chegou o PJM, mal entrou, avisou que se encontrava com dores de cabeça e sem vontade de realizar exercícios. Como sempre acontece, respeito as vontades de cada um, tal como os tempos de aprendizagem. E neste caso não foi diferente. Avisei que a DT estava a conseguir marcar mais visitas

guiadas a monumentos da cidade e que para conseguirmos reunir um grupo com pessoas das várias valências do CSPNSV era necessário construir cartazes. Como já sabia que as próximas visitas era à TC e à Casa do Infante (CI), visto que o VMC já estava a construir o cartaz da TC perguntei quem e disponibilizava para fazer para a CI. O PJM mostrou-se disponível, mas ao mesmo tempo a avisar que nas próximas semana poderia faltar. Voltei a questioná-lo se estava disposto a construir o cartaz ao que voltou a responder que sim. Então aconselhei-o a iniciar as pesquisas sobre a CI para, o quanto antes, iniciar a construção do cartaz.

Data: 12 de maio de 2016

Participantes: VMC; PJM; FMR; AVB; CMS.VMC; AVB. Depois do lanche: RMM

Descrição

Com as visitas que vamos realizar é necessário construir três cartazes, então existem três participantes que estão em pesquisa e construção desses, mesmos cartazes. Um desses três saiu para tirar fotos da Torre dos Clérigos. Outro continuou as pesquisas e a montagem de um texto ilustrado sobre “Maria”. E todos que terminaram tarefas estiveram a pesquisar sobre temas propostos: Torre dos Clérigos, Casa do Infante e Locomotiva a Vapor.

Notas de campo

O VMC já se encontra a construir o cartaz para a visita a TC, como hoje se esqueceu de trazer o portátil e não se encontra com vontade para continuar a tarefa, foi desafiado a ir tirar fotografias à TC, que é perto de onde estamos. Este desafio já tinha sido mencionado na sessão anterior porque tinha estado a ver fotografias na internet e não tinha gostado de nenhuma. Aceitou e depois saiu para ir tirar fotografias.

Falei com o grupo das visitas marcadas e informei quem já esta a construir cartazes e para que visitas. Sobrava a visita à Locomotiva a Vapor (LV) para

que alguém se disponibilizasse para construir o cartaz. O FMR disponibilizou-se e iniciou logo as pesquisas. Assim, neste momento está o VMC com o cartaz da TC; o PJM com o cartaz da CI e o FMR com o cartaz da LV.

Existem situações que são muito complicadas de resolver e uma delas é quando o PJM começa a dizer que alguém (do projeto) tem a password do seu email e anda a ver a sua caixa de entrada. Mesmo dizendo que isso não é possível, este afirma que é e depois diz que não há problema que vejam, e começa a entrar em *looping*. Neste dia, provocou que o AVB também começasse a dizer que eu tenho a password do seu email, mas mal terminasse o projeto comigo que mudaria logo. Nesta conversa, eu confirmei que as únicas password que sabia e tinha apontado era do VMC e do FMR porque estes tinham pedido para eu apontar, pois poderiam se esquecer. Confirmei esta questão com os dois pois estavam presentes. De resto não sabia a de mais ninguém.

O AVB começou a criticar a forma como os colegas realizam as suas pesquisas. Voltei a reforçar que estas pesquisas são para conhecimento de cada um e se quiserem preparam-se para a visita guiada, mais com o intuito de poderem questionar a pessoa que nos vai guiar na visita para ver esclarecidas algumas dúvidas.

Data: 16 de maio de 2016

Participantes: BLC; VMC; RMM; PJM; FMR; AVB; CMS; ARC.

Descrição

O cartaz para a visita à Casa do Infante foi terminado.

Todos estiveram a realizar pesquisas e a terminar textos sobre a Casa do Infante e a Locomotiva a Vapor. O RMM que está a realizar as pesquisas sobre “Maria” continuou e terminou o seu texto ilustrado.

Notas de campo

O primeiro a chegar para a sessão foi o BLC. Foi o seu primeiro dia, estive a explicar o que se tem passado nestas oficinas e apresentei o blogue que

estamos a construir. Propus-lhe que lesse os textos publicados no blogue. Ao ler os textos ficou impressionado com um dos textos e elogiou o colega que o escreveu. De seguida entreguei uma cópia de todos os exercícios e manual que tinham sido produzidos até ao momento.

Depois passei para a análise e correção do texto que o PJM construiu para colocar no cartaz da visita à CI. Como costuma acontecer é complicado realizar esta correção com o PJM. Este ator achasse muito culto e que escreve muito bem, mas como todos nós também tem falhas. Ao ler o texto encontrei uma palavra que não conhecia, questionei-o sobre o significado dessa palavra ao que não soube responder. Abri logo o dicionário e coloquei lá a palavra para vermos o seu significado. Sugeri ao PJM que sempre que encontrasse uma palavra que não conhecesse fizesse este processo. Mas o dicionário não tinha o significado desta palavra. Questionei-o se estaria bem escrita, este não soube responder e desvalorizou a questão. Eu reforcei a necessidade que temos de nos certificar que o cartaz está bem escrito, pois vai ser lido por muitas pessoas. Este a muito custo lá me disse onde encontrou esta informação. Ao ler o site percebi que a palavra estava mal escrita, e que o seu significado era armazém que é uma palavra que todos conhecem, então sugeri que a escrevêssemos em vez da outra, ao que respondeu: - *Se não conhecem a palavra problema deles e se quiserem saber procurem o significado. Eu quero isto assim é uma forma de perceberem que não são cultos.* Foi uma tarefa complicada. Este senhor, de há uns tempos para cá, todos os dias tem uma crítica nova, hoje, mal chegou, começou a criticar as cadeiras terem umas manchas, que deveriam ser limpas. A sua roupa estava cheia de nodoas e, como costuma acontecer, com cheiros ativos derivados da falta de higiene.

Data: 19 de maio de 2016

Participantes: VMC; AVB; BLC; FMR; CMS.

Descrição

O cartaz para a visita à Torre dos Clérigos foi terminado.

O cartaz para a visita à locomotiva a Vapor está a ser construído.

Os restantes estiveram a realizar um exercício de reflexão.

Notas de campo

Estiveram, uns a terminar tarefas e outros a realizar reflexões sobre as barreiras que podem nos surgir e como podemos ultrapassa-las.

Data: 23 de maio de 2016

Participantes: VMC; PJM; RMM; FMR; AVB; CMS.

Descrição

Nesta sessão os participantes estiveram a terminar as tarefas propostas nas sessões anteriores:

- Cartaz da visita à Locomotiva a Vapor;
- Exercício de reflexão e passaram para word.

Notas de campo

Nesta sessão estiveram, todos, a terminar tarefas iniciadas noutras sessões.

Data: 06 de junho de 2016

Participantes: VMC; FMR; AVB; PJM; RMM; CMS.

Descrição

OAVB esteve a realizar o cartaz para a visita ao Mosteiro São Bento da Vitória (MSBV).

Estivemos a realizar uma pequena revisão de forma a tirar dúvidas.

Realização de textos sobre as visitas realizadas para colocar no blogue.

Notas de campo

Todos estiveram a realizar textos sobre as visitas realizadas até ao momento.

Era necessário construir mais um cartaz para a visita ao MSBV e eu propus essa tarefa ao AVB, pois, era o único do grupo que ainda não tinha construído nenhum cartaz. Este aceitou.

Entretanto, o VMC pediu-me ajuda com um problema que surgiu no seu portátil e eu não pude responder logo às dúvidas que surgiram ao AVB.

Passados alguns minutos, o AVB, começou a atacar-me. Disse: - *Olhe, não estou em nenhum curso do Centro de Emprego... Sou reformado... Pensa que somos alguns profissionais para trabalhar desta forma com o computador... Pensa que tenho os conhecimentos do F... ou do P...*

Deixei que ele desabafasse tudo e depois, muito calmamente, expliquei que nunca o obriguei a nada e que não podia comparar com um curso de formação porque cada um deles estava a aprender ao seu ritmo. E os colegas principalmente o FMR comentou que tinha muitas dificuldades e que as estava a conseguir ultrapassar pela paciência que eu tinha para lhe explicar.

Mais tarde, quando estávamos sozinhos, conversei com ele sobre o episódio anterior e este pediu desculpa que se tinha exaltado e que ficava contente se depois do meu estágio eu ficasse a trabalhar com eles.

Entretanto consegui terminar o cartaz e mostrou o orgulho e satisfação que estava a sentir de ter conseguido realizar a tarefa.

Data: 16 de junho de 2016

Participantes: VMC; AVB; FMR; RMM; PJM, ARC; CMS.

Descrição

Nesta sessão foram informados que existe uma possibilidade de numa futura sessão terem um convidado, o músico Jorge Prendas. Foram feitas pesquisas sobre a vida profissional do músico para a elaboração de um folheto de informação sobre o convidado de forma a redigirem um guião de entrevista.

Notas de campo

Quando informei que íamos ter à conversa connosco o músico Jorge Prendas todos mostraram grande satisfação. Começaram logo a pesquisar sobre a sua vida profissional. Alertei para todos os seus projetos. Muitos deles conhecem-no porque já participaram, e alguns ainda participam, no projeto “Som da Rua”.

Ao questionar quem estava interessado em construir o contive informativo, todos mostraram pouca vontade, só o AVB é que disse que não se importava, a sua única questão é que não conhecia o Jorge, pois, percebeu que os restantes conheciam. Depois de ultrapassarmos essa questão começaram todas as suas pesquisas, resumos e construção de guião.

No final desta sessão o FMR ficou para o fim pois queria conversar comigo. Este começou por me perguntar se achava que no final do mestrado iria arranjar logo emprego, ao que respondi que não sabia. Este então disse: - *O Sr.Padre devia de a contratar. É que é a única doutora que está ao mesmo nível da Dra. MS, no excelente trabalho realizado connosco.* Reforçou a sua vontade referindo que deveria ser feita alguma pressão pois gostaria que eu ficasse ali com eles. O VMC também já tinha referido que eu deveria ficar a trabalhar na CA.

Data: 20 de junho de 2016

Participantes: VMC; PJM; FMR; AVB; CMS.

Descrição

Continuaram a realizar pesquisas sobre a vida profissional do músico Jorge Prendas.

Notas de campo

Nesta sessão construi um postal para o CMS entregar o Jorge Prendas.

Hoje, pelo que estava a acontecer, não era um bom dia para todos os presentes. Então de forma relaxada disse que os trabalhos de todos já estavam adiantados

e poderiam realizar as tarefas que mais prazer lhes desse e sempre que necessário chamavam por mim para esclarecer dúvidas ou ajudar.

Eu e o AVB estivemos a refletir juntos sobre as visitas realizadas. Eu questionava sobre o que se tinha passado e questionava sobre as informações que este me dava. Começamos a apontar tópicos do que ele dizia para depois este construir um texto. Neste dia ele não reclamou de nada.

Data: 23 de junho de 2016

Participantes: VMC; AVB.

Descrição

Escreveram textos sobre visitas que realizamos.

Notas de campo

Nesta sessão estiveram, todos, a terminar tarefas iniciadas noutras sessões.

Data: 27 de junho de 2016

Participantes: VMC; CMS..

Descrição

Conversas variadas sobre diferentes assuntos.

Data: 06 de julho de 2016

Participantes: VMC; AVB; PJM; CMS.

Descrição

Produção de textos sobre as visitas, conversa com convidado e concerto.

Notas de campo

Nesta sessão estiveram, todos, a produzir textos reflexivos sobre as visitas, conversas com convidado e concerto.

Data: 11 de julho de 2016

Participantes: VMC; PJM; AVB; CMS.

Descrição

Continuaram a produzir os textos sobre as visitas, conversa com convidado e concerto.

Notas de campo

Nesta sessão estiveram, todos, a terminar tarefas iniciadas noutras sessões.

Data: 14 de julho de 2016

Participantes: VMC; FMR; AVB; CMS; RMM foi só se despedir.

Descrição

Continuaram a produzir os textos sobre as visitas, conversa com convidado e concerto.

Notas de campo

Nesta sessão estiveram, todos, a terminar tarefas iniciadas noutras sessões.

Data: 20 de julho de 2016

Participantes: FMR; AVB; RMM; CMS.

Descrição

Continuaram a produzir os textos sobre as visitas, conversa com convidado e concerto.

Notas de campo

Nesta sessão estiveram, todos, a terminar tarefas iniciadas noutras sessões.

AÇÃO: CONHECER A CIDADE

Horário: 14:30 às 16:30

Data: 25 de fevereiro de 2016

Participantes: CMS; VMC; OJS; PJM; FMR; Uma senhora da CA e algumas pessoas do Centro de Convívio, Centro de Dia e Lar.

Descrição

Visita guiada ao Museu Nacional Soares dos Reis (MNSR).

Notas de campo

Os atores do projeto mostraram-se bastante comprazidos nesta visita guiada ao MNSR. Estavam empolgados e participativos. O mais participativo do grupo de atores do projeto foi o VMC, tinha sempre um conhecimento para partilhar e uma questão a fazer. O PJM e o FMR estiveram mais atentos às explicações que eram partilhadas. Uma surpresa foi a comparência do OJS, pois em mais que uma sessão tinha comentado em tãõ de revolta que não iria a nenhuma visita perto da CA, pois tinha vergonha de sair em “comandita”⁹. Apesar de toda a “resmunguice” foi ter connosco ao caminho do Museu e na hora de ir embora foi com todo o grupo do Museu até à CA. Durante a visita não foi tão participativo como o VMC mas participou.

A pessoa que nos guiou pelo museu tinha um vasto conhecimento e comportamentos pedagógicos. Esteve sempre atenta a todos os intervenientes e provocava à participação, a sua perspicácia e atenção tornou toda a visita e interação um momento aprazível para todos.

Esta visita, também surgiu no seguimento das sessões de pintura e o AGP, dinamizador dessas sessões, nesta visita não participou só fazia alguns comentários em voz baixa com os seus pares.

Data: 24 de maio de 2016

Participantes: FMR; AVB; PJM; RMM; VMC; CMS; ARC; Algumas pessoas do Centro de Convívio, Centro de Dia e Lar.

Descrição

Visita guiada à Casa do Infante (CI).

Notas de campo

⁹ Termo que o OJS utilizou para descrever um passeio em grupo

A visita correu muito bem. O VMC tinha a “lição bem estudada” e interveio bastante. No início da sessão o VMC comentou comigo que se preparou para a visita nessa manhã. Durante todo o projeto eu aconselhava-os e costumávamos realizar pesquisas sobre os monumentos a visitar ou os convidados com quem iríamos conversar.

Data: 25 de maio de 2016

Participantes: CMS; VMC; AVB; PJM; FMR; RMM; Algumas pessoas do Centro de Convívio, Centro de Dia e Lar.

Descrição

Visita à Torre dos Clérigos e Igreja (TC).

Notas de campo

Esta visita foi um pouco confusa. Comprometi-me a acompanhar o PJM e o FMR pois os dois acham que não vão conseguir subir à Torre. O PJM por causa da sua fobia a alturas e o FMR por causa dos seus pânicos.

O FMR conseguiu subir até ao topo da Torre e em determinado ponto aventurou-se a superar os seus traumas e obstáculos sozinho pois não consegui o acompanhar. Para o PJM foi mais complicado, pois quando chegou ao patamar dos sinos e percebeu que já estava “muito longe de terra” não conseguiu subir mais e foi aqui que o FMR nos abandonou e continuou sozinho a sua “aventura”.

Data: 31 de maio de 2016

Participantes: AVB; CMS; VMC; OJS; PJM; FMR; RMM; Algumas pessoas do Centro de Convívio, Centro de Dia e Lar.

Descrição

Visita guiada à Locomotiva a Vapor (LV).

Notas de campo

Foi uma tarde de aprendizagens, partilha e interação.

Data: 07 de junho de 2016

Participantes: AVB; CMS; PJM; FMR; RMM; Um senhor da CA e algumas pessoas do Centro de Convívio, Centro de Dia e Lar.

Descrição

Visita guiada ao Mosteiro São Vento da Vitória (MSBV).

Notas de campo

Foi uma tarde de aprendizagens, partilha e interação. Nesta visita, existiu uma boa interação e entre ajuda.

ACÇÃO: INVICTA AMIZADE EM INTERACÇÃO

Horário: 14:30 às 16:30

Local: Centro de Convívio/Lar (CSPNSV)/MNSR

Data: 28 de abril de 2016

Participantes: VMC; AVB; FMR; RMM; PJM; CMS; uma frequentadora da CA; alguns frequentadores do Centro de Convívio e Centro de Dia.

Descrição

Conversa com o ator Ivo Bastos.

Notas de campo

Esta sessão correu muito bem, todos mostraram-se muito interessados e atentos. Foram realizadas bastantes perguntas e a conversa foi bastante agradável. Na hora do convidado ir embora a despedida foi uma grande salva de palmas. O Ivo tinha comentado, durante a conversa, que as palmas são muito importantes para o ator saber que o seu trabalho agradou o público. Depois do Ivo se despedir de todos estes levantaram-se e agradeceram a conversa que tiveram com uma salva de palmas até este cruzar a porta de saída.

Data: 18 de maio de 2016

Participantes: VMC; AVB; RMM; BLC; CMS.

Descrição

Fomos ver a peça de teatro representada por um grupo de utentes do Hospital Magalhães Lemos no Museu Nacional Soares dos Reis.

Notas de campo

Foi uma tarde bem passada em que todos estiveram divertidos e atentos ao espetáculo.

Data: 28 de junho de 2016

Participantes: FMR; VMC; CMS; RMM; OJS; PJM; alguns frequentadores do Centro de Convívio e Centro de Dia.

Descrição

Conversa com o músico Jorge Prendas.

Notas de campo

Esta foi uma tarde bem passada. Os atores mostraram-se muito interessados e atentos. Foram realizadas numerosas perguntas e a conversa foi muito agradável. Uma grande parte das pessoas já conhecia o Jorge por terem participado no projeto “Som da Rua”.

Data: 1 de julho de 2016

Participantes: FMR; CMS; RMM; PJM; ARC; uma frequentadora da CA; alguns frequentadores do Centro de Convívio e Centro de Dia; Pessoas do lar.

Descrição

Concerto de guitarras no Lar do CSPSNV.

Notas de campo

Neste concerto foram apresentadas algumas obras de compositores de música clássica. Foi uma tarde bem passada a escutar, como um deles comentou, “música erudita”.

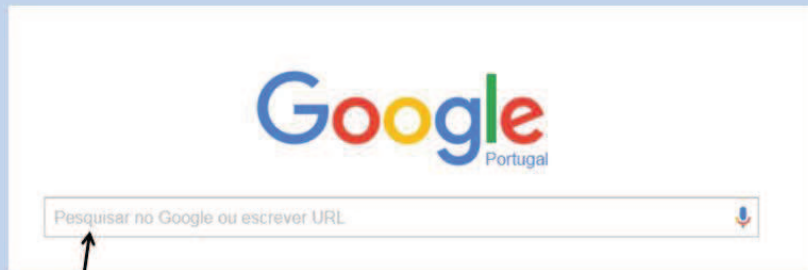
APÊNDICE VI – MANUAL DE INFORMÁTICA



Motor de pesquisa / busca

- O Google é um motor de pesquisa e permite encontrar páginas na Internet;
- Para tal acontecer é necessário escrever o assunto pretendido na barra para esse efeito;
- De seguida é dado uma lista de páginas relacionadas que podemos consultar.

Motor de pesquisa / busca



Barra onde se deve escrever o assunto pretendido

Motor de pesquisa / busca

Google centro social paroquial nossa senhora da vitória

Web Mapas Imagens Notícias Vídeos Mais Ferramentas de pesquisa

Cerca de 418 000 resultados (0,60 segundos)

Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora da Vitória
cspnsv.com.sapo.pt

Contactos - Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora da ...
cspnsv.com.sapo.pt/contactos.htm
Contactos. Sede: Rua S. Bento de Vitória 2 - 4050-542 Porto Telef. 222007182
Coordenação, Serviços Técnicos e Administrativos: Rua de S. Miguel

Centro Social e Paroquial da Nossa Senhora da Vitória
cspnsv.com.sapo.pt/Pagina_principal_pt.htm
O Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora da Vitória é uma Instituição
Particular de Solidariedade Social cujo principal objectivo consiste no ...

Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória
https://pt-pt.facebook.com/.../Centro-Social-Paroquial-Nossa-Senhora-d...
Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória, Porto, 1187 gostos · 2 falam
sobre isto · NIF 502 050 888

Qualis - Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória
www.eapn.pt/qualis/participantes_detalle.php?ID=33
Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória. Creche: Jardim de Infância
CATL 1.º Ciclo; CATL 2.º e 3.º Ciclos; Centro Comunitário; Intervenção ...

Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória ...

Creche Jardim de Infância do Centro Social Paroquial Nossa Senhora da Vitória
Jardim de Infância
Endereço: R. de São Bento da Vitória 10, 4050 Porto
Telemóvel: 22 332 3029
Reivindicar esta empresa
Críticas
Escrever um comentário

Criar um endereço eletrónico



Google

Uma conta. Todos os serviços Google.

Iniciar sessão para continuar a utilizar o Gmail

Introduzir o email

Seguinte

[Precisa de ajuda?](#)

[Criar conta](#)

Uma Conta Google para o mundo Google

G M Y D A P B

Criar um endereço eletrónico

Crie a sua Conta Google

Só necessita de uma conta

Um nome de utilizador e uma palavra-passe dão-lhe acesso a tudo o que é Google.

G M Y D A P B

Leve tudo consigo

Altere entre dispositivos e retome a partir de onde tinha ficado.



Nome

Nome Apellido

Escolher nome de utilizador

@gmail.com

Criar uma palavra-passe

Confirmar palavra-passe

Data de nascimento

Dia Mês Ano

Sexo

Sou do sexo...

Telemóvel

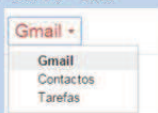
+351

O seu endereço de e-mail atual

Caixa de entrada

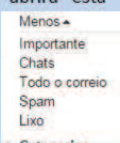
Ao clicar neste botão abrirá uma caixa onde poderemos compor a mensagem que queremos enviar a alguém.

Ao clicar neste botão abrirá esta lista:

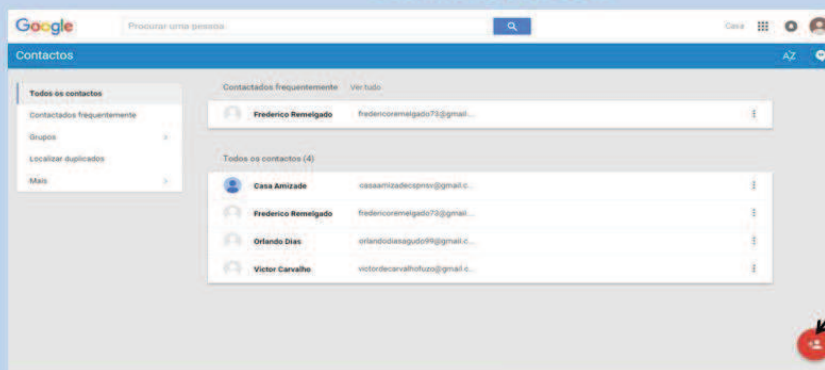


Ao clicar neste botão abrirá a caixa onde se encontram todos os emails que nos enviaram.

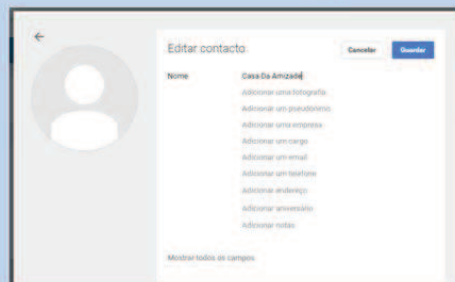
Ao clicar neste botão abrirá esta lista:



Contactos



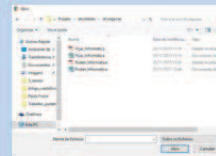
Criar novo contacto



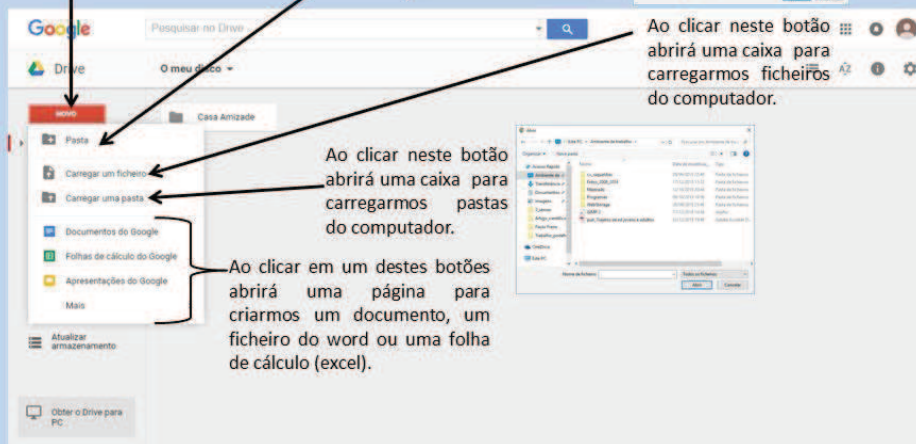
Ferramentas da Google

Ao clicar neste botão abrirá uma caixa, que existe para criar pastas, ficheiros, documentos.

Ao clicar neste botão abrirá uma caixa para criarmos uma nova pasta de ficheiros.



Ao clicar neste botão abrirá uma caixa para carregarmos ficheiros do computador.

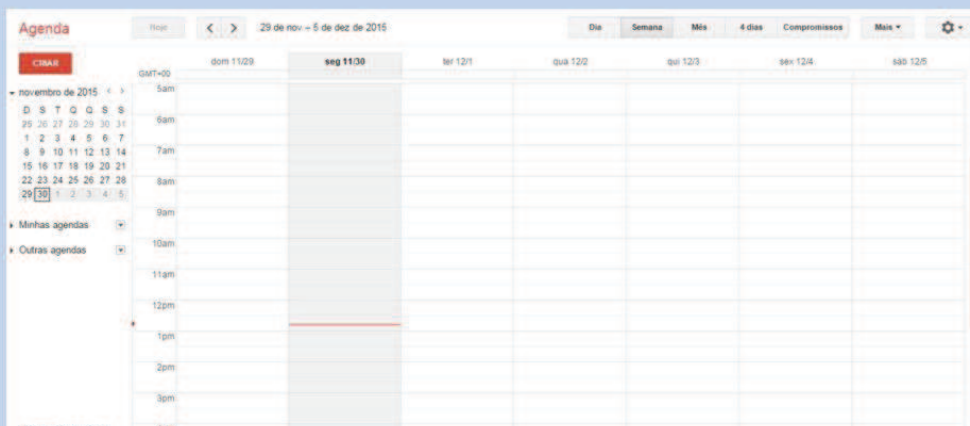


Ao clicar neste botão abrirá uma caixa para carregarmos pastas do computador.

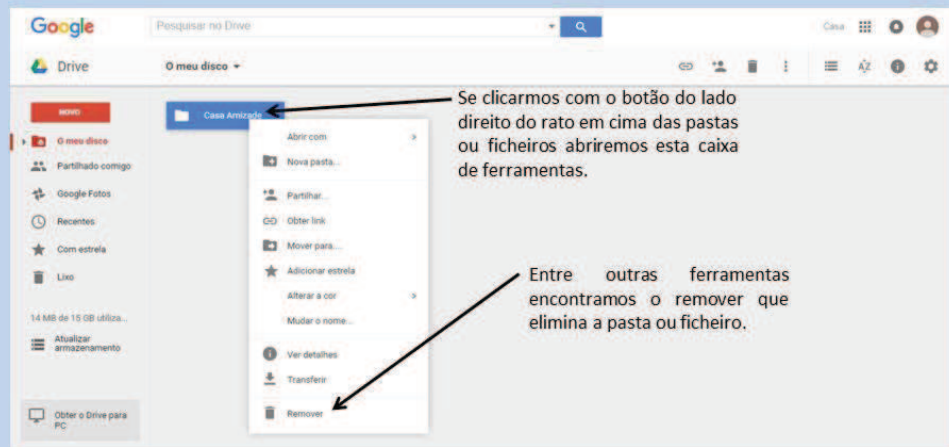
Ao clicar em um destes botões abrirá uma página para criarmos um documento, um ficheiro do word ou uma folha de cálculo (excel).

Ferramentas da Google

Calendário



Ferramentas da Google



Se clicarmos com o botão do lado direito do rato em cima das pastas ou ficheiros abriremos esta caixa de ferramentas.

Entre outras ferramentas encontramos o remover que elimina a pasta ou ficheiro.

Facebook



facebook

E-mail ou telemóvel Palavra-passe

Manter sessão iniciada [Esqueceste-te da tua palavra-passe?](#)

Regista-te

É gratuito e sempre será.

Nome próprio Apellido

E-mail ou número de telemóvel

Reintroduz o e-mail ou número de telefone

Palavra-passe nova

Data de nascimento

Dia Mês Ano Porque é que tenho de indicar a minha data de nascimento?

Feminino Masculino

Ao clicar no botão Regista-te, aceitas os nossos Termos e confirmas que leste a nossa Política de Dados, incluindo a nossa Utilização de Cookies.

Obrigado pela tua visita!

Esperamos voltar a verte brevemente.

Skype



APÊNDICE VII – EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1. Exercício para a sessão de dia 11 de fevereiro de 2016

Rádio e televisão (temas que serão trabalhados na sessão de amanhã com a DT)

- Pesquisar:
 - A história da rádio e televisão em Portugal;
 - Quais os primeiros programas que estiveram no ar;
 - Quais os apresentadores mais emblemáticos da história da rádio e da televisão;
 - Entre outras curiosidades.
- Apontar no caderno ou num documento de Word os assuntos que achar mais relevantes.
- Elaborar um texto sobre o que aprendeu com esta pesquisa (aprendizagem autónoma), sobre o tema e/ou sobre informática.

Museu Nacional Soares dos Reis (visita que vai ser realizada)

- Pesquisar:
 - Museu;
 - História;
 - Edifício;
 - Entre outras curiosidades.
- Apontar no caderno ou num documento de Word os assuntos que achar mais relevantes.
- Elaborar um texto sobre o que aprendeu com esta pesquisa (aprendizagem autónoma), sobre o tema e/ou sobre informática.

2. Exercício para sessão de dia 29 de fevereiro de 2016

Depois da visita de dia 25 de fevereiro ao Museu Nacional Soares dos Reis é proposto:

- Visitem o site do museu:
 - <http://www.museusoaresdosreis.pt/>
- Realizar um documento onde falem sobre a visita e o que para cada um de vós mais se destacou (no final enviar para casaamizadecspnsv@gmail.com)
- Exemplos:
 - Pintores: Silva Porto; Marques de Oliveira; ...
 - Escultor: António Soares dos Reis – Desterrado; Conde de Ferreira; Brotero; entre outros.
- Cavalo
- As joias
- O edifício

3. Exercício para sessão de dia 02 de maio de 2016

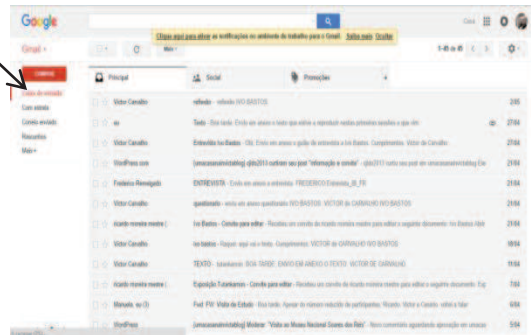
Depois de estarmos à conversa com o ator Ivo Bastos é proposto:

- Seja realizado um documento onde falem sobre esta conversa e o que, para cada um de vós, mais se destacou;
 - Improviso;
 - Palmilha Dentada;
 - Arte de decorar um texto;
 - Esquecer a fala;
 - As palmas;
 - ...
- Se necessário e como apoio, poderão ouvir a entrevista e até fazerem uma pequena transcrição;

- Importante é mesmo refletir sobre: o que acharam da conversa; como se sentiram; se estiveram atentos; o que gostaram/não gostaram no Ivo; se respondeu ou até superou as vossas expectativas; ...
- No final enviar para o email: casaamizadecspnsv@gmail.com.

4. Mini manual e exercício para sessão de dia 05 de maio de 2016

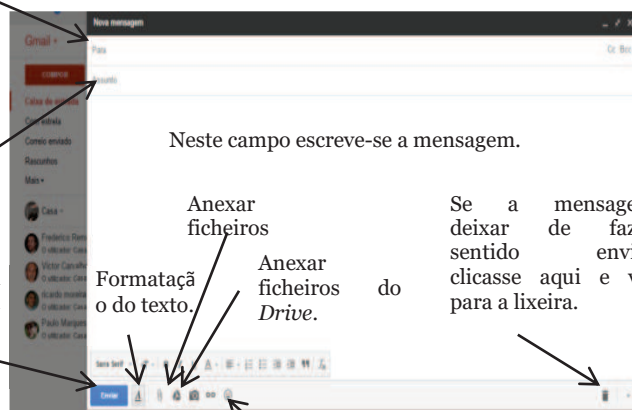
Ao clicar neste botão abrirá uma caixa, nessa caixa poderemos compor a mensagem que queremos enviar a alguém.



Neste campo escrevesse o endereço eletrônico para onde queremos enviar a mensagem.

Neste campo escrevesse qual o assunto da mensagem.

Depois da mensagem escrita e pronta para enviar clicasse aqui.



Neste campo escreve-se a mensagem.

Anexar ficheiros

Anexar ficheiros Drive.

Se a mensagem deixar de fazer sentido enviar clicasse aqui e vai para a lixeira.

Formataçã o do texto.

Carregar fotografias.

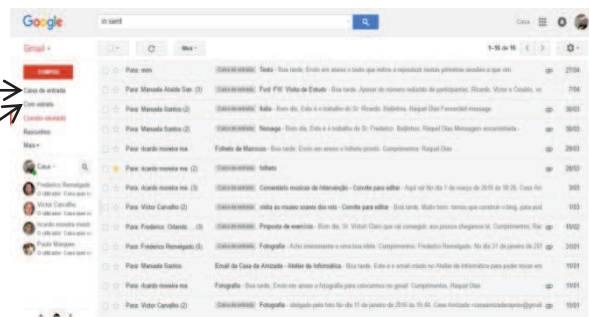
Utilizar bonecos no texto.

Todas
mensagens

as

Todas
mensagens

as



- Enviar uma mensagem para um colega a combinar um encontro;
- Enviar uma mensagem a solicitar uma informação, por exemplo:

Boa tarde,

Venho por este meio pedir uma informação...

Sem mais de momento, agradeço a vossa disponibilidade.

Cumprimentos,

José Fernandes

- Enviar uma mensagem com um anexo ou fotografia.

Durante a sessão conversaremos sobre este assunto e serão esclarecidas todas as dúvidas.

Todas as propostas de envio de email, se necessário, será pensado o texto comigo.

Bom trabalho!



APÊNDICE VIII – GUIÕES DE ENTREVISTA

Guião de história de vida

- ∞ Data de nascimento:
- ∞ Nacionalidade:
- ∞ Naturalidade:
- ∞ Habilitações académicas:
- ∞ Zona de residência
- ∞ Situação civil:
- ∞ Quantos/as irmãos/ãs tem?
- ∞ Tem filhos/as?
- ∞ Quantos/as?
- ∞ Como foi a sua infância e adolescência;
- ∞ Com quem viveu durante essas fases;
- ∞ Como foi o seu percurso de vida;
- ∞ Qual é o seu relacionamento com toda a sua família;
- ∞ Como chegou a sem-abrigo;
- ∞ Como chegou à CA;
- ∞ Pode falar um pouco do seu dia-a-dia, neste momento.